

Faculdade de Letras

Retrato de um estágio numa editoria Local de um jornal nacional: Constrangimentos profissionais

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Retrato de um estágio numa editoria Local de um jornal nacional: constrangimentos profissionais
Autora	Joana Guimarães
Orientadora	Ana Teresa Peixinho
Júri	Presidente: Doutora Rita Joana Basílio de Simões Vogais: 1. Doutor João José Figueira da Silva 2. Doutora Ana Teresa Fernandes Peixinho de Cristo
Identificação do Curso	2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo
Área científica	Comunicação e Jornalismo
Data	2016
Data da defesa	19-7-2016
Classificação	16 valores

Os constrangimentos inerentes aos jornalistas
Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

À minha irmã,
Pela umbicalidade.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradecer aos meus pais. Pela vida em geral, pelas oportunidades em particular. Porque, para além do cliché de não me terem cortado as asas, fizeram sempre do nosso ninho um sítio a voltar. Deixaram-me fazer ninho noutra cidade. Deixaram-me voar, sempre.

Agradecer à minha irmã, a quem dedico este trabalho, por toda a presença através da distância, por todos os conselhos, o apoio, por acreditar e por me fazer acreditar que tudo é possível. Por tudo o que é e por tudo o que me faz ser. Sempre.

Um sincero obrigada à minha orientadora, Dr^a Ana Teresa Peixinho, por todo o apoio durante o processo, pela forma como se preocupou sempre, como se mostrou disponível para todas as dúvidas, das mais pertinentes às mais inusitadas. Pela forma como me orientou no verdadeiro sentido da palavra, sempre presente em todas as etapas.

Agradecer a toda a redação do PÚBLICO pela forma como me recebeu e como me fez sentir uma deles. À Ana Fernandes, que atendia todos os meus telefonemas com alegria e que tentou que a distância nunca fosse um entrave. À Patrícia Carvalho, por todos os conselhos, por todas as correções, por toda a preocupação, por todas as gargalhadas que faziam com que cada erro parecesse menos mau. E com que cada sucesso parecesse melhor. Por me fazer, a cada dia, desejar ser uma jornalista tão boa como ela é.

Um obrigada aos meus colegas estagiários, Adriana e Hugo, por todas as conversas, trocas de ideias, pausas e gargalhadas. E lágrimas também. Por serem uma ótima surpresa e uma ótima companhia. Por se terem dado a conhecer, e por me terem feito conhecer-me, também.

Agradecer aos meus afilhados, porque a distância entre duas cidades são só quilómetros. Ao José Pedro, por me ajudar com a “barra pesada” que isto foi nalguns momentos. Ao Raphaël pela forma positiva como sempre me fez acreditar em mim. A ambos, que me ajudaram a acreditar que era possível. Foi. E agradecer à Meira, que anda sempre no mundo da lua mas que está quando é preciso e tem sempre abraços bons para dar.

Os constrangimentos inerentes aos jornalistas
Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

Agradecer também à Rita, por se tornar a cada dia melhor e me querer fazer seguir os passos. Há amizades que sobrevivem ao tempo e ao crescimento: somos a prova disso.

Por último, agradecer a todas as pessoas que fizeram de Coimbra, e desta etapa também, o melhor agridoce da minha vida: à Mara e à Jéssica, porque sentir-me em casa é fácil convosco; à Cátia, à Cláudia, à Maria, porque a presença manteve-se mesmo através das redes sociais; à Catarina por partilhar a experiência de estágio comigo, por ouvir todos os desabafos. Ao Granada e à Margarida, por mais uma vez me provarem que nem tudo tem de mudar com a ausência física.

Resumo

A constante redução de fronteiras faz com que todos os acontecimentos cheguem a todo o lado. O mundo transforma-se numa aldeia global, o que implica que nos cheguem acontecimentos de todo o lado, sobre as mais variadas temáticas. Já não há fronteiras, chegam-nos histórias dos EUA, do Japão, da Austrália. As pessoas procuram informação de todos estes locais, e de tantos outros. A informação é agora, também, global.

Cabe ao jornalismo triar esses acontecimentos. E noticiá-los. Os jornalistas têm de o fazer. E para além de terem de procurar histórias que preencham os critérios noticiosos, têm também de o fazer com cada vez mais constrangimentos. Com redações a esvaziar, com despedimentos coletivos, os jornalistas que conseguem manter-se nas redações têm de ocupar duas ou três cadeiras, para conseguir cobrir o trabalho de todos aqueles que não puderam ficar.

A isto somamos outros constrangimentos de ordem económica, como a tentativa de influência dos grandes agentes económicos; somamos a pressão das fontes, que tentam imiscuir-se na imparcialidade dos jornalistas; somamos a pressão do mundo digital, que exige um trabalho mais imediato.

O presente relatório procura, assim, através da experiência de estágio na Editoria Local da redação do Porto do jornal PÚBLICO, destacar quais são os principais constrangimentos com que os jornalistas se deparam diariamente no exercício da profissão. Por outro lado, procura-se ainda perceber como funciona uma editoria Local num jornal de âmbito nacional, depois de traçarmos um perfil de como funciona o jornalismo Local e Regional.

Palavras chave: jornalismo Local; constrangimentos; jornalismo online; crise

Abstract

The unremitting reduction of borders makes every event reach everywhere. The world has become a global village, which means that the events from everywhere on the most varied themes simply come to us in the most varied ways. There are no more borders. Stories from the USA, Japan and Australia come to us. People seek information from all these places, and many others. Information is also global at the present.

It is up to journalism to triage such events and decide either to publish them or not. Journalists have to do it. In spite of seeking stories that fill the news criteria they also have to do it with increasing restrictions. With newsrooms getting empty, with collective redundancies, journalists who are allowed to stay and work in newsrooms have to take two or three chores, replace and do the colleagues work, colleagues who could not stay.

To this we add other economic constraints, such as the influence of the major economic agents; we also add the pressure of the sources, who try to interfere in the impartiality of journalists; and finally the pressure of the digital world, which requires a more immediate work.

This report seeks, through the internship experience at the Publisher Location from Oporto PÚBLICO newspaper, highlight what are the main constraints that journalists face on a daily basis of their work.

On the other hand, I try to realize how a local publishing of national newspaper works after tracing a profile of how the local and regional journalism operate.

Keywords: local journalism; constraints; online journalism; crisis

Conteúdo

Notas Introdutórias	8
Constrangimentos Profissionais.....	10
A experiência de estágio no PÚBLICO	24
História do Jornal.....	24
Experiência de estágio	34
Diário de Bordo.....	39
Retrato de práticas profissionais – Estudo de caso	50
1.Introdução.....	50
2. Análise de práticas profissionais em redação.....	51
2.1 Análise das práticas profissionais dos estagiários.....	51
2.1.2 – Análise da Editoria Local Porto	56
Notas Conclusivas.....	66
Bibliografia	69
ANEXOS	I
Anexo I – Lista de contactos para ocorrências	II
Anexo II - Inquérito de estágio em jornalismo e comunicação social	III
Anexo III – Entrevista à jornalista Patrícia Carvalho	VI
Anexo IV – Gráficos.....	X
Anexo V – notícias publicadas	XX
Anexo VI – folha de cálculo de notícias analisadas	XLVII

Notas Introdutórias

O objetivo principal deste relatório de estágio será analisar quais poderão ser os principais constrangimentos que um jornalista tem no exercício da profissão. A partir da experiência de estágio curricular no Jornal PÚBLICO, na redação do Porto, serão analisados os problemas vivenciados e quais poderão ser as formas de os contornar.

Tal tema surge no contexto da situação do jornal onde decorreu o estágio. Ainda durante a duração do mesmo, os trabalhadores de ambas as redações (Porto e Lisboa) e de todas as áreas (dos jornalistas aos editores, paginadores e fotógrafos) foram informados dos prejuízos que a publicação tinha. A solução encontrada pela direção passou pela sugestão de rescisões amigáveis que, se não fossem suficientes para atingir o valor necessário, passariam a despedimentos. Esta é já a segunda onda de cortes que o PÚBLICO sofre – a última deu-se há 3 anos. Mas como se faz jornalismo sem jornalistas? O contexto de crise no jornalismo de imprensa poderá ter mais do que o fator crise económica como causa. A verdade é que o jornalismo *online* é uma realidade e para muitos passou a substituir o jornal físico.

Acabamos por estar perante um ciclo vicioso – as vendas não cobrem os custos, pelo que é necessário cortar na mão-de-obra, mas a falta de mão-de-obra acaba por não permitir à publicação fazer uma cobertura apropriada dos eventos, o que faz com que a qualidade e diversidade do jornal decaia, o que leva a menos vendas e mais prejuízo.

O objetivo será que o relatório passe, assim, por refletir sobre quais são estes constrangimentos para quem efetivamente trabalha na redação, e que incluem a parca cobertura de notícias que não se cinjam à área metropolitana do Porto, a escolha de temas que são repetidamente foco no jornal, bem como o papel dos correspondentes na publicação.

Estes constrangimentos, que são transversais a muitos meios de comunicação, acabam por influenciar a forma como as notícias são tratadas, qual é o investimento que se faz nelas, tanto a nível económico, com recursos, viagens e investigação, como de tempo – a celeridade com que as notícias são dadas faz com que não haja tempo para uma investigação profunda, tornando o jornalismo mais superficial e, muitas vezes, de

secretária. Um dos constrangimentos mais sentidos durante o estágio foi exatamente a falta de investimento em notícias que não se cingissem à área metropolitana, pelo que procuraremos perceber também quais os constrangimentos mais específicos de uma editoria local num jornal de tiragem nacional. Nesta linha, tentaremos ainda traçar um perfil daquilo que é o jornalismo local e regional, e tentar perceber de que forma é que as suas características se aplicam à editoria *Local* do PÚBLICO Edição Porto.

Deste modo, procuramos, num primeiro capítulo, estabelecer quais são os principais constrangimentos profissionais dos jornalistas, através da fundamentação de vários autores, nacionais e estrangeiros.

Num segundo capítulo, traçaremos uma breve história do jornal *Público*, desde os primórdios até à atualidade, focando as várias editorias da versão impressa e online. Ainda no mesmo capítulo, numa segunda parte, será exposta a experiência de estágio na redação do Porto, com enfoque nas principais dificuldades e nas rotinas de trabalho; uma terceira parte do mesmo capítulo faz a análise dos principais conteúdos publicados, em diário de bordo, que se destacam no percurso de estágio.

O terceiro capítulo debruça-se sobre o estudo de caso que fizemos. Este tem duas vertentes: por um lado, procuramos perceber como funcionam as primeiras experiências dos novos profissionais em redação, nomeadamente a forma como são integrados e quais as metodologias de trabalho; por outro lado, tentámos traçar um perfil da edição Local Porto do jornal Público, ao analisar quantitativamente todas as notícias que foram publicadas durante o período dos 3 meses de estágio. Estas análises ajudar-nos-ão a perceber os constrangimentos específicos da redação e dos jornalistas. Ainda neste capítulo, procuramos saber a opinião da jornalista Patrícia Carvalho, do Local Porto, sobre os constrangimentos atuais do jornal em particular e do jornalismo em geral. Tais considerações foram introduzidas, quando pertinente, nas análises que efetuámos.

Constrangimentos Profissionais

“Se o campo jornalístico fosse um país, por exemplo chamado «Novaslândia», a paisagem desse país estaria marcada, por tudo quanto é sítio, pela presença de relógios” (TRAQUINA, 2007:147) – a afirmação, de Nelson Traquina, sintetiza exatamente a reconfiguração do tempo feita pelos profissionais. Esta reconfiguração é, e segundo o mesmo autor, uma das características da profissão: “a sua [do jornalista] maneira própria de viver o tempo constitui um dos elementos mais distintivos da comunidade jornalística.” (2007:126). No entanto, se os constrangimentos de um jornalista tivessem de ser resumidos numa palavra, talvez essa palavra fosse também tempo. O jornalismo e quem nele trabalha tem no tempo o maior aliado e o pior inimigo. As novas tecnologias, a *world wide web*, assim como em tempos a televisão e ainda antes a rádio, reconfiguram o tempo do jornalismo. Apressam-no. Schlesunger refere a empresa jornalística como uma “máquina do tempo” que é diariamente marcada pelas “horas de fecho” (apud TRAQUINA, 2007: 149). Ora, hoje em dia, esta “hora de fecho” acaba por ser meramente um indicativo para edições em papel, no caso do jornal, ou horas dos noticiários nas televisões e nas rádios. Paralelamente temos a constante da internet, em que as notícias são veiculadas ao segundo. Já não há só a pressão dos diretos ou as “notícias do dia”, mas assim o imediatismo do “ao minuto” e as notícias “do momento”, o que reduz as *deadlines* dos jornalistas (LOPES, 2015: 149). Neste sentido, convém referir a exceção que confirma a regra: no passado mês de março, o Jornal *Times* obrigou a comunidade jornalística a questionar-se acerca das novas reconfigurações que o *online* trouxe, ao anunciar que, salvo exceções de “grandes notícias”, passará a atualizar a sua página apenas três vezes por dia, em horários pré-determinados (09h00, 12h00, 17h00). Segundo os responsáveis do jornal, a medida tem como principal objetivo oferecer aos leitores “artigos confiáveis e em profundidade, análise atualizada e opiniões estimulantes”, o que vem contrastar com o ímpeto da maioria das publicações atualmente.¹

¹30/03/2016 <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/03/jornal-britanico-times-deixa-de-publicar-noticias-em-tempo-real-no-site.html>

Como já foi referido, o jornalismo vive do imediato, do atual – nesse sentido, as novas ferramentas de trabalho ajudam a que o acontecimento chegue mais rápido ao jornalista e que a notícia chegue mais depressa a mais público, com uma cobertura ao minuto. Não obstante, é importante referir que este imediatismo pode criar uma série de entraves colocando em risco o que deve ser o bom jornalismo.

O tempo não permite que se investigue, o tempo não permite que se confirmem fontes, que se recolham mais fontes, que se confirmem histórias veiculadas, que se procurem novas histórias – tais constrangimentos “fragilizam a investigação jornalística”, como sublinha Mário Mesquita (2004: 119). Parece-nos relevante referir, a este propósito, aqueles que lutam contra a corrente, ao fazerem jornalismo de investigação, metódico e profundo, em que o imediatismo cede lugar à investigação, confronto, aprofundamento e análise. O Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos, do qual fazem parte, em Portugal, o jornal *Expresso* e a TVI, é um destes exemplos. Nele enquadram-se cerca de 300 jornalistas em todo o mundo, que se dedicam exatamente ao jornalismo de investigação. No passado mês de abril, surgem nos órgãos de comunicação de todo o mundo notícias que dão conta de uma investigação que teria começado há já um ano, à qual foi dado o nome de *Panama Papers*, e que põe a nu um esquema que envolve uma empresa de advogados no Panamá, a Mossack Fonseca, que servia de fachada para inúmeras contas *offshore* de personalidades em todo o mundo. Tais investimentos acabam por beneficiar a guerra na Síria, uma vez que seria através deles que seria financiado o combustível. Os jornalistas inseridos nesta investigação analisaram milhões de documentos, que chegaram a um jornal alemão através de fonte anónima. (*in* EXPRESSO, 04/04/2016) Esta investigação é a prova que ainda há jornalismo onde não é o tempo, mas sim a informação fidedigna e bem investigada a prevalecer – contudo, estes exemplos, de louvar, são cada vez mais raros no contexto atual.

Os *Media* digitais levam a que a corrida seja feita contra o tempo. A preocupação, a nosso ver errada, é de quem consegue dar uma notícia, quem já a deu, quem ainda não o fez. A competição entre empresas, entre meios de comunicação, faz com que as informações sejam veiculadas não o melhor possível, mas o mais rápido possível. Esta corrida sempre esteve presente no exercício do Jornalismo, pelo menos desde que este

se tornou concorrencial e ganhou dimensão empresarial. Contudo, hoje mais do que nunca, dada a vertiginosa vivência da própria realidade, espoletada pela WEB, o problema agudizou-se.

O relatório de 2010 da OBERCOM, onde se faz uma análise transversal sobre a forma como os próprios jornalistas olham para a profissão, através de um inquérito a trabalhadores do setor, mostra-nos já algumas das considerações dos jornalistas acerca dos novos *media*. Neste, podemos ver que o impacto das novas tecnologias era já expectável para os trabalhadores, apesar de, na altura, não ser ainda expressivo nas redações onde se inseriam. Quando questionados acerca das formas como o público consultaria as notícias, num prazo de cinco anos, a generalidade das respostas pendeu para “páginas da internet de órgãos de comunicação social” e “telemóveis”, com 82,9% e 58,6%, respetivamente (a escolha de resposta teria de ser dupla), contra 14,3% de pessoas que acreditavam que o jornal em papel ainda seria a escolha preferencial. (OBERCOM, 2010:42) A forma como a recolha de informação é feita mostra também a tendência da viragem para o online, com a maioria dos inquiridos a admitir a internet como escolha primordial para a procura. (OBERCOM, 2010: 36). O facto de ser expectável, mesmo dentro do setor, que as novas tecnologias tomassem de assalto os meios de comunicação, não implica que se esperassem tão grandes mudanças. Se é real, como supra revisto, que as novas tecnologias são agora a primeira escolha para quem se quer manter informado, não menos verdade é que todos os outros meios de comunicação sofreram perdas com esta nova reconfiguração. Os velhos hábitos de se comprar o jornal pela manhã, de se reunir a família ao jantar a ver o telejornal ou de se sintonizar o rádio a horas certas para se ouvirem as notícias são substituídos por cliques sucessivos de uma pesquisa mais filtrada e sem hora marcada – a qualquer momento, podemos pegar no nosso gadget e pesquisar notícias sobre determinados assuntos, sem se ter de ouvir todo o noticiário ou pagar por um jornal quando apenas temos interesse em determinada temática. Mais: são já os próprios *media* que, retomando a função de *gatekeeper*, selecionam informação e no-la fazem chegar. Veja-se, por exemplo, o caso do jornal Observador, nativo digital, que tem adaptado os conteúdos que oferece ao seu público, criando e reinventando as newsletters – que envia a horas certas aos usuários (SANTOS e PEIXINHO, 2016). A este propósito, dados do Pordata comparativos entre

2004 e 2014 mostram uma quebra na ordem dos 50% no número de jornais em circulação em Portugal (PORDATA, 2015).

Se, por um lado, é verdade que as notícias continuam a ser produzidas por jornalistas, e neste sentido continua a haver uma escolha na produção e difusão, não deixa também de ser real o facto de a internet contribuir para uma maior variedade. Nas páginas online não há constrangimentos de espaço, não tendo, portanto, de haver uma escolha tão minuciosa. No entanto, o jornalista, que apesar de poder trabalhar para um meio de comunicação como a rádio, a televisão ou a imprensa, se encontra inserido num grupo mediático, muitas vezes até com redação partilhada por múltiplos órgãos, tem de fazer escolhas e produzir conteúdos não apenas para o *medium* em que está inserido – tem também de ir editando a informação de forma a que se adapte aos outros *media* a que o grupo pertence, nomeadamente a internet, o que acaba por afetar a diversidade de conteúdos publicados. (LOPES, 2015: 38) Hoje em dia é raro o meio de comunicação que não tenha um espaço também na internet, precisamente por saber que se torna a primeira escolha para muitos. Se, por um lado, esta nova forma de atrair e chegar a novos públicos pode ser vista como uma potencialidade e uma vantagem para a empresa, no sentido de ser mais uma frente em que se atraem leitores e se poderá ter um feedback do público, com um baixo investimento, por outro lado, acaba por se tornar um constrangimento para os produtores da notícia, que têm de estar constantemente a atualizar o espaço infinito que é a internet, em tempos cada vez mais reduzidos. Os leitores passam a exigir informação dada ao minuto, quando, no caso de um jornal em papel, essa atualização era no máximo diária, mas com a qualidade que esperam na edição impressa. O jornalista Jacinto Godinho corrobora exatamente esta ideia, ao afirmar:

“No limite, nós [jornalistas] ficamos ali, à beira do abismo, com um grande problema para resolver, que é um problema interior: como é que vamos resolver? Como é que temos resistências internas para resolver entre a exigência de fazer depressa e a necessidade de fazer bem?”. (ANDRINGA 2008: 13)

Com a ditadura do imediatismo a que os jornalistas acabam por se submeter, as notícias acabam por ser publicadas sem edição e muitas vezes com erros e imprecisões.

E, neste caso, aquela que é uma grande aliada do jornalismo, a internet, é também dos maiores constrangimentos para os que o fazem. Mais velocidade nas notícias implica, não raras vezes, a publicação de *press releases* integrais ou takes das empresas de comunicação, como a LUSA, o que, a somar aos cliques constantes, faz com que o público tenha um conhecimento menos correto e completo acerca do mundo que o rodeia. Quando o jornalista consegue pegar no tema e produzir o seu próprio texto, este acaba por ser feito com recurso a fontes pelo telefone, com entrevistas rápidas para confirmar a história, o que resulta em depoimentos repetidos, fontes que ficam por ouvir e, sobretudo, um trabalho que, apesar de chegar rapidamente ao leitor, acaba apenas por chegar como a espuma fina de um café que poderia ser forte e escuro, mas que nunca chegou a ser bebido. Perdem os leitores, porque a informação não é a mais completa, perdem os jornalistas, porque usaram tempo em duas ou três notícias pesquisadas de forma superficial em vez de se dedicarem a uma notícia de forma aprofundada, e perde a empresa, em termos éticos, porque não cumpriu o acordo tácito que tem com o seu público. Não obstante, esta última é quem mais ganha, através do maior número de visualizações, o que se traduz em mais dinheiro.

Em sentido inverso, Wolton defende que

“a imprensa continua a mesma, ou seja, a mudança foi apenas de forma, de linguagem, que em nada abalou os princípios basilares do jornalismo. Por mais forte que seja uma inovação tecnológica, não leva consigo mecanicamente uma transformação profunda do conteúdo das atividades”
(apud DEL BIANCO 2004:1).

Esta afirmação acaba por não ser totalmente verdadeira nos dias que correm. O espaço e a importância que a internet ocupa nos públicos, que poderia não ter sido prevista à data da escrita deste texto, leva a que o jornalismo tenha de se apressar para acompanhar o ritmo a que o público procura a informação. Se alguns princípios basilares se mantêm e se os jornalistas procuram manter o bom nome da profissão por questões éticas e deontológicas, isto acaba por ser feito com mais esforço do que seria esperado, e por vezes alguns dos mecanismos de produção de notícia acabam por ficar para trás em detrimento de outros - se quisermos simplificar, acabamos por estar perante a dicotomia qualidade *versus* quantidade, o que não significa, de todo, que os jornalistas

não continuem a esforçar-se para uma informação clara, isenta e com qualidade, mas que a velocidade a que têm de o fazer faz com que o aprofundar da mesma fique para segundo plano. Del Bianco (2004: 4) confirma a possibilidade, ao afirmar que “a Internet pode debilitar o processo de checagem, enfraquecendo o jornalismo de verificação, a medida que permite fácil acesso às matérias e as declarações sem que se faça o trabalho de investigação”.

Este constrangimento leva também a um outro, o da falta de pluralismo de informação. Se, por um lado, a internet é um meio de fácil acesso, em que a informação é gratuita e qualquer pessoa com acesso a ela pode ativamente pesquisar aquilo que lhe interessa, por outro lado, a informação repete-se vezes e vezes sem conta. Estamos, assim, perante o fenómeno de *pack journalism*, que Traquina define como “a tendência dos membros da comunidade jornalística de andarem em grupos, numa matilha, seguindo-se uns aos outros” (2007: 197). Adensa-se o mimetismo mediático: a partir do momento em que determinado meio de comunicação lança uma notícia, esta torna-se matéria para os outros meios, que procuram novas abordagens de um mesmo assunto; muitas vezes essas abordagens são apenas novas formas de ver o que foi difundido, e não novos ângulos dessa notícia ou, como poderia por vezes ser desejável, novas notícias. Bill Kovach e Tom Ronsenstiel destacam este novo paradigma do jornalismo:

“Nesta era de notícias 24 horas, os jornalistas agora passam mais tempo a procurar alguma coisa para acrescentar às suas matérias, geralmente interpretação, em lugar de tentar descobrir e checar, de forma independente, novos factos. A partir o momento em que a matéria se forma na cabeça, é como se o comportamento do rebanho fosse verdadeiro”. (apud DEL BIANCO, 2004: 5) Estamos, assim, perante o já referido mimetismo mediático, em que a profundidade com que o assunto é abordado não se altera, antes se procura interpretar aquilo que já nos foi dado por aquele primeiro veículo de informação, seja ele a rádio, a imprensa, a televisão ou o online.

Não raras vezes, assistimos também a notícias que são veiculadas através de outros órgãos de comunicação, sem que seja perceptível se houve ou não confirmação das informações por parte do órgão que decidiu emití-las. A título de exemplo, no passado mês de abril, vários órgãos de comunicação em Portugal difundiram uma notícia sobre

a atriz Angelina Jolie, onde noticiavam o seu alegado internamento numa clínica, causado por “uma combinação de cancro, anorexia e paranoia” (in TVI24 05/04/2016). Numa pesquisa rápida pelos sites do *Jornal de Notícias*, do *Observador*, do *I* e da própria TVI24, encontramos a mesma notícia, e em todos eles é construída com base numa publicação *Tabloide*, o *The National Enquirer*. Nenhum dos órgãos refere nenhuma informação que tenha efetivamente sido confirmada por si, não são sequer referidas fontes. Às ilações da notícia original apenas acrescentam factos com meses e do senso comum, como as operações da atriz. É certo que esta é uma notícia internacional, o que complica a investigação feita em Portugal, mas é claramente uma estratégia dos *media* para ganharem audiências, uma vez que as figuras públicas e as polémicas em torno delas geram muita curiosidade.

Os créditos são importantes e uma notícia não deverá ser retirada a um meio de comunicação, mas o ideal seria que os outros meios pudessem fazer, eles próprios, a investigação e confirmação dos factos, para darem notícias atualizadas, com factos novos, e para não se cair no erro de veicular informação que poderá não ser verdadeira. No caso utilizado a título de exemplo, talvez o mais ético fosse mesmo não veicular a notícia, uma vez que apenas se trata de um “talvez”. A somar à falta de credibilidade que uma notícia que escapa à responsabilidade com palavras como “alegadamente”, “segundo”, temos ainda o facto de esta ter sido retirada de um jornal *Tabloide*, onde usualmente a informação é veiculada com base em rumores e muitas vezes se mostra falsa.

Uma das possíveis formas de solucionar alguns dos problemas dos jornalistas, mas que não se tem vindo a verificar, aponta para a especialização na profissão. Se verdade é que o aumento do grau académico tem vindo a crescer, com mais licenciados em jornalismo – como confirma a análise quantitativa em ANDRINGA (2008: 6), onde se verifica que à data da publicação do estudo 60,3% dos jornalistas eram licenciados – também o é que, com as novas tecnologias, nos encontramos perante o ciberjornalismo, onde há a facilidade de qualquer cidadão produzir conteúdos, exercendo “o papel de jornalista”. (MESQUITA, 2004: 203). Ainda na mesma linha, de salientar que os profissionais continuam a considerar o papel do jornalista “cada vez mais generalista”, como se pode ver no estudo da OBERCOM (2010: 9), onde 75% dos inquiridos o afirma.

É, aliás, visível neste mesmo estudo a importância que os profissionais dão à formação – à data, 50,9% dos inquiridos consideravam “muito necessária” a “formação jornalística no que respeita a plataformas multimédia”, e 44,4% mantinham a mesma resposta quanto à “formação em áreas específicas (saúde, economia, gestão)” (OBERCOM: 2010:19). Mário Mesquita destaca a tendência nas redações para colaborações com profissionais especializados em diversas áreas: “Ao lado dos jornalistas generalistas e polivalentes, solicita-se, cada vez mais, o contributo de profissionais especializados em determinadas áreas do saber (direito, economia, relações internacionais, saúde, ciências e outras)” (2004: 192). Desta forma, acaba por ser quase impossível não considerar a falta de especialização um constrangimento inerente à profissão, uma vez que a especialização em determinadas áreas proporcionaria, por um lado, um maior aprofundamento sobre os assuntos a tratar e, por outro, uma divisão de tarefas mais clara, com cada jornalista a tratar a sua secção. Assim, o jornalismo continuaria a ser feito por profissionais da área, com todo o conhecimento que a profissão exige, mas com conhecimentos também acerca da área de que tratariam.

Apesar de esta divisão acontecer em muitos casos nas redações, os jornalistas não o fazem por serem especializados nas áreas, antes por terem prática no tratamento das temáticas. Esta prática é obviamente adquirida com o tempo de trabalho no jornal, pelo que os jovens jornalistas acabam por não ter a experiência que seria a ideal.

É importante salientar que a forma como agora se obtém o estatuto de jornalista é, maioritariamente, através de formação profissional em cursos de comunicação. Mais uma vez estamos perante uma questão de dupla face – por um lado, podemos ver este acesso como positivo, porque os jovens vêm mais preparados para a profissão, com uma formação e um conhecimento teórico que antes não existia; por outro, a excessiva teorização não deixa tanto espaço para a problematização entre pares, e nem toda a teoria do mundo pode compensar a falta de prática e a falta de entreaajuda nas redações, num passar de testemunho que a falta de tempo torna cada vez mais raro.

Miguel Sousa Tavares retrata-o: “Nas redações que eu conheço, os chefes ou são incompetentes ou não têm tempo. (...) Eu acho que os miúdos saem das faculdades, chegam ali e são entregues às feras, são completamente abandonados. (ANDRINGA,

2008: 11). Ao analisarmos o relatório da OBERCOM, podemos concluir que 58% dos inquiridos defendem a obrigatoriedade de uma formação superior, se bem que 45,3% não considera que tal tenha de ser em jornalismo (2010:12). No mesmo relatório, podemos ainda constatar que se preza a obrigatoriedade de um estágio profissional, com 98,4%, bem como de uma prova de avaliação no final do mesmo, para 66,5% dos inquiridos. Estes dados, quantitativos, levam-nos a concluir que a formação, cada vez mais exigente, é um critério necessário para quem já se encontra na profissão. No entanto, a nova conjuntura traz também novos posicionamentos face à profissão, como podemos ver nos relatos em ANDRINGA (2008:12), onde se defende que a crise de emprego, bem como a reconfiguração do tempo, levam a que não haja o acompanhamento necessário à camada mais jovem, acabada de chegar ao mercado de trabalho:

“A velocidade – que as novas tecnologias não apenas permitem, mas exigem – a pressão dos ritmos de trabalho, muitas vezes a par com a diminuição do número de jornalistas, a substituição dos jornalistas mais antigos por jovens recém chegados à profissão, tudo isto cria um clima de trabalho que não se compadece nem da necessidade de acompanhamento dos estagiários nem da importância das antigas discussões nas redações (...)” (2008:12).

De uma forma generalizada, podemos considerar que o motivo pelo qual os recém-formados não têm o acompanhamento considerado desejável é também o motivo pelo qual os jornalistas estão cada vez mais sobrecarregados e pelo qual não conseguem dar total atenção a uma única notícia durante algum tempo – o investimento nas redações têm sofrido cortes sucessivos, com despedimentos coletivos que levam à falta de jornalistas que consigam dar atenção a todos os assuntos. Dan Rather resume o que se passa na generalidade das redações, ao constatar que “o medo reina em todas as redações. O medo de perder o emprego, o medo de ver a audiência baixar, o medo de ver as receitas publicitárias baixarem... O medo conduz-nos ao erro” (apud Mesquita 2004: 232). Como os jornais não podem deixar de ser publicados e as notícias tem de continuar a ser dadas, tendo em conta a quantidade de informação que o público exige através da procura, é na qualidade que se fica a perder. Felisbela Lopes vai mais longe, ao afirmar:

“Aquilo que hoje mais atormenta os jornalistas são os constrangimentos económicos. Estão aí as principais censuras, transpostas na diminuição de meios, na redução de equipas, na limitação dos trabalhos.” (LOPES, 2015:7)

Os profissionais mais velhos não conseguem, para além de cobrir mais trabalho que o suposto, dar ainda o apoio necessário a quem chega. Estes cortes levam também a que o jornalismo passe a ser feito mais à distância, quer através de correspondentes, quer através de informação que já circula e que se recicla para se dar a notícia. Esta nova conjuntura leva a uma maior desconfiança por parte dos profissionais, como refere Judite de Sousa: “(...) O individualismo emergiu também de uma forma muito mais vincada; acho que hoje estamos numa lógica de «salve-se quem puder»”. (ANDRINGA 2008: 12).

Os constrangimentos económicos são um poderoso influenciador na forma como se faz e como não se faz a notícia. Nelson Traquina afirma que “enquanto o (...) polo ideológico continua a definir o jornalismo como serviço público, o polo económico define-o como um negócio tendente à venda de jornais ou a um bom share de audiências” (2007: 210). José Rodrigues dos Santos refere-se, a este propósito, a “uma submissão excessiva” “à lógica de mercado” (ANDRINGA 2008: 12) e Felisbela Lopes define a dependência aos anunciantes como “colossal” (LOPES, 2015:7).

Também Mário Mesquita corrobora a ideia, ao salientar os “cálculos puramente comerciais” que se sobrepõem aos padrões profissionais (2004: 232). Estas opiniões são, aliás, um espelho daquilo que os próprios jornalistas pensam – no relatório da OBERCOM, 79,3% dos inquiridos, quando questionados acerca da prevalência das audiências e da concorrência à relevância dos acontecimentos, concordam ou concordam totalmente com a afirmação (2010: 31). A importância dos números leva também a que se procurem notícias mais leves, o chamado “infoentretenimento”, ao qual o ciberjornalismo também não é alheio. Esta característica leva também a que se esmoreçam fronteiras antigamente bem definidas, como é o caso dos jornais de referência e dos populares. (MESQUITA 2004: 203), bem como a que o jornalismo assuma como “valor notícia” o “divertimento” (LOPES, 2015: 149) Estas mudanças não são, contudo, lineares quanto à aceitação tanto do público como dos profissionais.

Mário Mesquita refere que em alguns estudos de aceitação os inquiridos “entendem que os jornais procuram e empolam «estórias» sensacionais só porque aumentam as vendas” (2004: 66). Já no relatório da OBERCOM, 61,4% dos jornalistas considera como “mais negativo”, no que toca à qualidade da cobertura, a “presença de sensacionalismo/tabloidismo/infoentretenimento” (2010: 33). Felisbela Lopes alerta para este novo paradigma do infoentretenimento: “convém (...) não esquecer que os jornalistas não são *entertainers*, nem os noticiários são espaços para soltar gargalhadas” (LOPES, 2015: 149) – e por noticiários poder-se-ão entender tanto os televisivos como os radiofónicos, bem como o online e o jornal impresso.

Ainda no campo económico, e numa clara relação com a crescente supremacia do online que abordamos em cima, parece-nos relevante referir acontecimentos de um passado recente do jornalismo, quer a nível nacional quer internacional. Referimo-nos, pois, ao fecho da edição impressa do jornal português *Diário Económico* e do britânico *The Independent*. No caso português, a decisão foi justificada com “a incapacidade de assegurar meios financeiros e humanos para prosseguir com a publicação de versão impressa” (*in* EXPRESSO, 17/03/2016); já no caso britânico, a medida de se converterem para o digital foi a solução, ao invés de “continuar a gerir o declínio constante do papel” (*in* PÚBLICO, 12/02/2016). Estes acontecimentos fazem-nos prever que a dependência económica, combinada com o fácil e cada vez maior acesso aos *media* digitais, leva o jornal em papel ao declínio.

A falta de investimento económico reflete-se nas notícias que são e não são publicadas, mas também na interação entre profissionais ao produzi-las, como esclarece Jacinto Godinho:

“Anteriormente por causa daquilo a que se chamou o alinhamento das redações, da luta ideológica, agora por causa das questões económicas, a fragilidade do emprego, o problema das pressões e das influências [propicia-se menos a interação entre profissionais]” (apud ANDRINGA 2008:12).

A produção noticiosa é, assim, comprometida pelo parco investimento que se faz, o que se traduz em menos pessoas para se cobrirem os acontecimentos e menos recursos para o fazer (como a deslocação ou o material para múltiplos eventos em

simultâneo). Felisbela Lopes simplifica: “Hoje é difícil ir até ao fim da rua ou até ao fim do mundo à procura de uma boa história. Não há dinheiro. É preciso fazer mais com menos”. (LOPES, 2015:7). Se, no caso das versões impressas, dos telejornais, ou dos noticiários de rádio se lida com um espaço limitado, que já por si não é facilmente preenchível todos os dias, o online veio trazer este “mais” que a autora refere - o espaço é ‘infinito’, mas algumas notícias acabam por não ser contempladas não pela sua falta de interesse público, mas porque não é possível cobri-las. Os *press releases* colmatam essa falha, mas a informação não vem tratada por profissionais da publicação, antes pelos da empresa de comunicação que os divulgou. Outros acontecimentos, pelo contrário, conseguem pôr-se “na ordem do dia” através de uma “construção” da agenda pública – acabam por fazer surgir temas ou acontecimentos que poderão influenciar ou proporcionar discussão pública a nível tanto político como económico. (MESQUITA, 2004: 250) E, ao serem divulgados de forma anónima, acabam por ser “um balão de ensaio para medir a reação da opinião pública” em relação a determinado assunto, “sem que qualquer interlocutor se responsabilize por aquilo que é relatado” (LOPES, 2015:98).

Por último, consideramos que também as fontes poderão constituir um constrangimento ao trabalho dos jornalistas, consoante obviamente a forma como elas são escolhidas e ouvidas. Em primeiro lugar, convém esclarecer:

“o jornalismo acautela o acolhimento [de] (...) diferentes visões através do princípio do contraditório – *audiatur et altera pars* (oiça a outra parte) – que assegura que todas as partes implicadas devem ser equitativamente ouvidas, permitindo-lhes igualdade de direitos e deixando o público fazer juízos de valor por si. Tal cuidado protege o jornalista de acusações de parcialidade e garante à fonte o direito de se defender”(LOPES, 2015:102)

No entanto, a rotinização dos assuntos a ser tratados, por exemplo, leva a que os visados se repitam notícia após notícia. Se, por um lado, o acesso a fontes que os jornalistas sabem de antemão que são fidedignas poderá ver-se como uma vantagem, uma vez que sabem já onde procurar a informação, por outro lado a relação entre o investigador e o entrevistado poderá levar a que o discernimento acabe por ser toldado – o entrevistado poderá sentir-se confortável em passar informação ao jornalista para a ver publicada, e o jornalista poderá cair na tentação de deixar de ouvir outras vozes.

Traquina refere que “esta dependência dos canais de rotina poderá ter consequências negativas sobre o trabalho jornalístico”. (2007: 120). Surgem, assim, no campo jornalístico, as “fontes oficiais”, que normalmente dominam o campo mediático. Como o autor refere, isto acaba por ter um reverso: “outros agentes sociais não têm acesso regular aos meios de comunicação social” (207: 122). Acaba, assim, por haver variados constrangimentos ao respeito pelo supra referido princípio do contraditório, como “a imediaticidade das notícias, a concorrência entre os *media* ou as pressões por parte de superiores ou interesses particulares (LOPES, 2015:103). De frisar que estes constrangimentos referidos não mais são do que uma relação entre todos os constrangimentos dos jornalistas aqui abordados – o que nos leva a concluir que há uma relação de circularidade entre todos eles.

Ainda a este propósito, não poderemos esquecer-nos que o jornalista acaba por, muitas vezes, omitir as fontes. Esta atitude, que não mais é que o respeito pela vida privada, traz obviamente a vantagem de se poderem divulgar informações de interesse público. (MESQUITA, 2004: 119). Contudo, tal ato acarreta problemas ao profissional – por um lado, porque a credibilidade poderá ser posta em causa; por outro, o jornalista poderá ser alvo de manipulação por alguém que se esconde no anonimato (MESQUITA, 2004:119). A omissão do autor da informação, uma vez que se torna sistémica no campo jornalístico, “espelha uma certa organização das fontes e uma visível fraqueza dos jornalistas” (LOPES, 2015:99).

O jornalista está, deste modo, no exercício da profissão, sob constantes constrangimentos quer de ordem externa quer de ordem interna. À procura de informação que preencha o maior número de valores notícia, como a novidade, a proximidade, a notoriedade, entre outros, junta-se a luta pelas audiências, pelas vendas, pela publicidade. O ciberjornalismo acabou por acelerar ainda mais os objetivos a que as empresas se auto-propõem, sem ter em conta, muitas vezes, o número de pessoas que tem a trabalhar. Ao mesmo tempo, os fatores económicos, que deixaram a maioria das redações desprovidas de pessoas e recursos, acabam por ter influência tanto porque a redução de trabalhadores implica um maior esforço por parte dos que ficaram, como porque os jornalistas vivem com o medo constante de perderem o emprego. O

imediatismo acaba por ser a palavra de ordem, ainda a necessidade de mudança seja gritante:

“Na era dos 140 caracteres, começa[m] a emergir alguns sinais que dão conta da necessidade de um outro jornalismo. A expressão anglo-saxónica long-form journalism implica um outro tipo de textos: mais narrativos, mais extensos, com outro pormenor. Mas tal jornalismo implica também mais investimentos nas redações e menos pressão de certas fontes de informação.” (LOPES, 2015:149).

Voltamos ao princípio – o jornalista, atualmente, tem de trabalhar no máximo que puder, no mínimo de tempo possível. Talvez nisso Nelson Traquina consiga resumir a forma como o vivem os jornalistas:

“(…) O valor do imediatismo é tão forte entre os membros da tribo, que os jornalistas têm uma relação «fetichista» com o relógio. Ser obcecado pelo tempo é ser jornalista de uma forma que os membros desta comunidade interpretativa consideram ser especialmente sua, quase como um ato de fé num Deus chamado Khronos”. (2007: 148).

A experiência de estágio no PÚBLICO

História do Jornal

O jornal PÚBLICO foi pela primeira vez para as bancas a 5 de março de 1990. O objetivo primordial, desde a sua formação, era o de apresentar ao público português um jornalismo que respondesse ao desafio “de uma informação moderna e de qualidade no espaço europeu” (AZEVEDO, B.; Silva, VC apud VIERIA E MONTEIRO, s.d.: 4). A ideia surge de alguns jornalistas do EXPRESSO, semanário de referência no país, pelo que o PÚBLICO vem apresentar-se como alternativa de qualidade no panorama nacional, com uma periodicidade diária. João Figueira refere que “este novo diário procurava ser aquilo que o seu diretor gostava de proclamar: um semanário que sai todos os dias” (FIGUEIRA, 2012: 64). Faz parte, desde a sua fundação, do grupo SONAE, uma empresa cujos setores de atividade se distribuem, entre empresas alimentares, não alimentares, de comunicação, entre outras.

O jornal destacou-se, desde o princípio, pela multiplicidade de temas abordados, da política ao desporto, à economia, e à cultura, a que sempre deu destaque e que o tornava distintivo no panorama nacional. João Figueira salienta o facto de a cultura ter chegado “(...) com grande regularidade, a ser notícia de primeira página” (FIGUEIRA, 2012:65). O mesmo autor destaca que “o *Público* apostava, como nenhum outro diário, na reportagem” e que “outro aspeto marcante (...) é a importância e o cuidado que a fotografia tinha”. (FIGUEIRA: 2012:65). Neste jornal dá-se grande importância à imagem e, naturalmente, ao fotojornalista. O jornalista define que “a fotografia não visava ilustrar o texto, muito menos ser a sua muleta – era um campo jornalístico de relevo, autónomo, e que propunha ao leitor novas hipóteses de abordagem e de leitura de acontecimentos” (FIGUEIRA, 2012:65).

Sobre as afirmações suprarreferidas, parece-nos importante salientar que o grande investimento na cultura parece estar a perder-se no jornal, nomeadamente com o fecho da *Revista 2*. No entanto, persiste a abordagem a temas da economia e da política, maioritariamente temas de primeira página.

Sobre o percurso do jornal, João Figueira resume:

“De uma forma geral pode dizer-se que o jornal manteve incólume a sua imagem de diário independente, embora a sua qualidade tenha sido um pouco flutuante. Seja como for, é inegável que o espírito interno de liberdade, essa cultura editorial herdada dos seus fundadores, manteve-se viva”. (FIGUEIRA, 2012:69).

Ao longo da história, o jornal teve cinco diretores e uma diretora: Vicente Jorge Silva, entre 1990 e 1997, Francisco Sarsfield Cabral e Nicolau Santos, entre 1997 e 1998, José Manuel Fernandes entre 1998 e 2009 e Bárbara Reis, esta última em funções até à atualidade. Divide-se em diversas editorias, sendo elas: Destaques, Política, Economia, Sociedade, Mundo, Desporto, Ciência, Local e Cultura. Apesar de haver esta divisão, as páginas que cada uma delas tem direito no jornal variam conforme os assuntos. Se, por exemplo, é muito difícil não haver uma secção de Política numa edição, tal não acontece, por exemplo, com a editoria de Ciência que, por vezes, nem tem espaço no jornal.

Para além do formato impresso, o PÚBLICO tem um amplo espaço na internet. No *site* principal, www.publico.pt, surgem todos os conteúdos que têm espaço no jornal impresso, aos quais acrescem outros artigos que se coadunem com os parâmetros pré-definidos. O *site* não tem atualização periódica pré-estabelecida, é atualizado conforme saíam notícias relevantes, mas há a preocupação de ir colocando notícias durante todo o dia, de modo a mantê-lo atrativo e atualizado para os leitores. Às notícias escritas pelos jornalistas juntam-se também notícias integrais das agências de comunicação, o que acontece em muito maior escala que no jornal impresso. Para além deste *site*, onde se encontram todas as editorias do impresso, houve também a preocupação de se criarem páginas para os suplementos que existem em papel – Inimigo Público, Fugas e Ispilon. A estes junta-se, com um grande impacto na comunidade online, o P3, no qual os cidadãos são convidados a participar através de crónicas ou trabalhos auto-propostos e em que a imagem tem uma grande importância, com artigos com foto-galerias. Ainda a somar a estas páginas, o público detém uma página denominada *Life & Style*, que se debruça sobre gastronomia, saúde, bem-estar, entre outros, e o Cincartaz que, como o próprio nome indica, dá informações úteis sobre as estreias cinematográficas.

O PÚBLICO não saiu ileso da crise económica que atravessou o país, que se traduziu com cortes de investimento e de publicidade. No entanto, o facto de fazer parte de uma

empresa de grande capital, continua a manter-se como diário de referência. João Figueira salienta exatamente essa forma de sobrevivência do jornal, ao afirmar:

”fruto, todavia, da ausência de uma concorrência séria neste segmento da imprensa de referência, o *Público*, embora sofrendo os males da crise geral, expressos na crescente diminuição nas vendas e na publicidade, consegue manter-se devido à atitude de resistência de Belmiro de Azevedo e da sua Sonae que, não obstante os prejuízos acumulados do jornal, lhe garantem a subsistência.”(FIGUEIRA, 2012:69).

Contudo, devido a esta falta de capital, a que se juntaram as quebras nas vendas, o jornal teve de recorrer a um despedimento coletivo em 2012, na ordem dos 48 trabalhadores. No final de 2015, o jornal apresentou um plano de rescisões voluntárias, de forma a diminuir os prejuízos. A esta medida juntou-se uma reestruturação do jornal, que deixou de publicar o suplemento Revista 2, no final do mesmo ano.

Nos últimos dados disponibilizados pela ACPT², relativos ao último bimestre de 2015, o PÚBLICO vendeu 31 653 exemplares, menos sensivelmente 7 mil do que no primeiro bimestre do mesmo ano – isto depois de, no ano transato, se verificar uma subida progressiva. Já no primeiro bimestre de 2016, teve uma ligeira queda nas vendas, com 31 009 exemplares comprados.

A ditadura dos números, a somar ao impacto crescente que o online tem na informação hoje, fez com que a estratégia do jornal mudasse. Para além de incentivar a assinatura online, ao disponibilizar apenas um número limitado de notícias por mês gratuitas, o jornal procura também notícias que sejam mais do interesse do público, e que nem sempre são interesse público – ou seja, procura-se agradar a um público mais generalizado, com *fait divers*.

De salientar, como curiosidade, que a procura dos lucros através das assinaturas online não é tão linear como parece. Apesar de os leitores receberem um alerta quando atingem o número máximo de artigos por mês, uma simples limpeza de histórico do computador e de *cookies* faz com que a contagem volte a zero. A direção do PÚBLICO

está consciente desta falha, uma vez que até o provedor do leitor já escreveu sobre o assunto³.

Editorias

Como jornal diário, o PÚBLICO tem definidas várias editorias fixas que fazem parte não apenas do design da versão impressa, como também da página online.

Destaque

A secção *Destaque* do Público ocupa as primeiras páginas do jornal. Normalmente são páginas dedicadas a um assunto que esteja a dominar a agenda mediática, o que lhe faz merecer mais do que uma peça sobre a mesma temática. É construído por diversos jornalistas, rotativos, conforme o tema abordado. Por exemplo, quando das eleições legislativas de 2015, o Destaque do Público era sobretudo, antes das mesmas, sobre a campanha eleitoral e, depois das mesmas, acerca dos avanços e recuos da formação do governo. Este espaço não se resume apenas a notícias, mas poderá ter também análises, comentários e infografias, entre outros.

Portugal

Esta secção do jornal divide-se em diversas editorias: Política, Sociedade e Local. Cada uma delas tem o seu editor.

Política

Esta editoria aborda, como o próprio nome indica, os mais relevantes acontecimentos no que à política diz respeito, quer sejam os debates no parlamento, as polémicas entre partidos, ou as declarações públicas dos protagonistas da área. A sua editora é Leonete Botelho, que acumula funções e escreve também diversas peças na área.

Sociedade

Esta secção é talvez a mais abrangente do jornal. Nela cabem assuntos como saúde, educação, justiça e minorias. Os jornalistas que nela escrevem são, normalmente, já

³ 26/10/2014 <https://www.publico.pt/portugal/noticia/o-publico-digital-e-em-papel-1674120>

experientes na área – ou seja, quando o assunto é, por exemplo, a saúde, é normalmente o mesmo núcleo a escrever a peça. De forma resumida, nesta editoria abordam-se assuntos de interesse público mas que não se enquadram nas outras editorias. São assuntos em que o cidadão comum é notícia, como por exemplo, se houver um caso em tribunal que se destaque, mesmo que os protagonistas sejam anónimos, e se se encaixar nos critérios editoriais do jornal, fará parte desta secção. A sua editora era, à data do estágio e segundo as últimas informações disponibilizadas, Andrea Cunha Freitas – que, sabemos, se demitiu do cargo em dezembro, o que faz dela editora temporária.

Local

A secção Local é aquela que mais varia entre a *Edição Porto* e a *Edição Lisboa*. Nesta editoria abordam-se temas tão variados como os de sociedade ou política, a que por vezes se junta a cultura ou o desporto, mas prima por um jornalismo de proximidade, com temas que abrangem as tiragens ou de uma ou de outra edição. Segundo Carlos Camponez, “o próximo em jornalismo é também a representação do território que o *médium* faz do seu território e, conseqüentemente, dos destinatários das suas mensagens”. (CAMPONEZ, 2002: 112). No caso concreto do jornal PÚBLICO, procuram-se as histórias mais próximas, não só em termos geográficos como também em relação aos públicos, neste caso mais específicos. Ou seja, se houver uma notícia em relação a uma reunião da camara do Porto, esta não aparecerá na *Edição Lisboa*, e vice-versa – a menos que tais notícias tenham influência de âmbito nacional, o que as fará passar para outra secção. A editora de Local é Ana Fernandes, que coordena ambas as editorias a partir de Lisboa.

Economia

Nesta secção, tratam-se, como o próprio nome indica, assuntos de cariz económico, quer sejam nacionais ou estrangeiros. Os editores de economia são José Manuel Rocha, Luis Villalobos e Raquel Almeida Correia.

Mundo

A editoria Mundo aborda os temas que estão na ordem do dia a nível internacional e que, em princípio, não se relacionarão diretamente com Portugal. Apesar de, sabemos, vivermos numa *aldeia global* onde os acontecimentos se vão influenciando de forma cíclica, é uma secção que se desliga um pouco da influência que tais acontecimentos terão no nosso país. Por exemplo, as eleições norte-americanas serão seguidas nesta secção, apesar de sabermos que os EUA, como potência mundial, acabam por influenciar todos os outros países do mundo. Outro exemplo elucidativo poderá ser o dos ataques terroristas em Paris: apesar de Portugal ser um país de emigrantes e de a França ser um dos principais destinos, e apesar de a ameaça do DAESH se estender a todo o mundo ocidental, o acontecimento e os seus maiores impactos foram em Paris, pelo que será a editoria de mundo a tratá-los. Joana Amado é quem lida com a editoria.

Cultura

Nesta secção abordam-se os principais espetáculos que decorrem no país. É uma área transversal, em que cabem não só os acontecimentos do nosso país, como a nível internacional, por exemplo com entrevistas a um cantor de referência, mesmo que não esteja nos planos passar por Portugal. Para além disso, é nesta editoria que se tratam as recomendações e estreias da sétima arte. As editoras de Cultura são Inês Nadais e Isabel Coutinho.

Desporto

Esta editoria aborda os principais acontecimentos desportivos a nível nacional e internacional. Apesar de o futebol ocupar, muitas vezes, a maioria do espaço desta secção, há a preocupação de abordar também outros desportos, como a Fórmula1, o Ténis, entre outros. Os editores de Desporto são Jorge Miguel Matias e Nuno Sousa.

Suplementos

O PÚBLICO disponibiliza alguns suplementos – como o Ipsilon, a Fugas ou o Inimigo Público, aos quais até ao final de 2015 se juntava a Revista 2, entretanto extinta.

Ipsilon

Suplemento de sexta-feira, onde a cultura é destaque, do cinema à música, da arquitetura à dança, passando pelo teatro, pelo design, pela literatura. São feitos trabalhos mais extensos e aprofundados sobre as temáticas.

Fugas

Este suplemento é uma espécie de guia turístico, que pretende dar a conhecer o que de melhor se passa no nosso país, mas também noutros pontos do globo, de forma pontual. Tem sugestões de restaurantes, espaços inovadores, localidades com oferta cultural.

Inimigo Público

O suplemento tem como fio condutor a ironia e a sátira aos acontecimentos atuais. Pega normalmente em notícias e altera-as de forma a ridicularizá-las. Podemos afirmar tratar-se de um jornal parodístico.

Uma editoria Local num jornal de âmbito Nacional

Apesar da explicação acerca do funcionamento da editoria Local no jornal, parece-nos importante fazer uma breve análise daquilo que se considera o “Local” nos termos dos *media*, e que normalmente acompanha as reflexões sobre jornalismo regional. Deste modo, e tendo por base o livro *Jornalismo de Proximidade* (CAMPONEZ, 2002), procuramos definir quais são as principais características do jornalismo local, tentando, por semelhança ou diferença, fazer a comparação com o caso da secção do PÚBLICO.

Em primeiro lugar, parece-nos curioso referir a opinião de João Mesquita quanto à definição de imprensa nacional:

“boa parte dos meios de comunicação cuja sede é em Lisboa e no Porto – aqueles a que normalmente atribuímos o qualitativos de imprensa nacional – nem por isso deixam de ter um carácter eminentemente regional. Basta ver a que região se reporta a maioria dos textos neles publicados, para rapidamente se constatar que é aquela em que está instalada a sede do respetivo órgão de informação” (MESQUITA apud CAMPONEZ, 2002:107).

No caso concreto do PÚBLICO, com uma redação em Lisboa e outra no Porto, é na editoria Local que se faz de forma mais regular o chamado jornalismo de proximidade, já suprarreferido, e a que este parecer de Mesquita não é alheio. Parece-nos também conveniente referir aquilo que Dominique Gerbaud acredita em relação ao jornalismo local e regional, como nos refere Carlos Camponez:

“na sua perspetiva, o jornal local estabelece uma relação mais convival e calorosa, regida pelo dever de informar, em primeiro lugar, sobre o que está à sua volta, em segundo lugar, acerca dos acontecimentos no seu país e, finalmente, sobre o mundo, interpretando os factos à luz das vivências locais” (CAMPONEZ, 2002:121).

Ora, no PÚBLICO, como jornal de tiragem nacional, parece-nos que esta ordem é parcialmente invertida, ao dar-se maior enfoque aos “acontecimentos do país”, seguidos das notícias “sobre o mundo” e, por último, aos acontecimentos daquilo que está “à sua volta”. Tal ordem não tem, contudo, tanto a ver com a forma como as notícias são dispostas no jornal, na paginação. O jornal PÚBLICO apresenta, nas suas primeiras páginas, e como já foi referido, o *Destaque*, onde os temas variam conforme a atualidade noticiosa: isto faz com que em termos de localização geográfica as notícias desta secção possam ir desde um acontecimento internacional, como os atentados em Paris⁴, a acontecimentos nacionais, como eleições legislativas⁵, ou mesmo locais, como a reação das autarquias à crise política pós-eleições de 2015⁶. Antes nos parece que a reversão da ordem tem a ver com a importância que lhes é dada, sobretudo no espaço: o espaço que a editoria Local ocupa é de, normalmente, duas páginas no jornal; muito raramente as excede e não raras vezes esse mesmo espaço é diminuído para uma página. Ocupa, regra geral, as páginas seguintes à editoria de Sociedade, que vem identificada no jornal como *Portugal*. Parece-nos importante recordar, a propósito destas características, João Correia, que afirma: “A mesma notícia não é a mesma consoante a página em que é inserida, o local da página, o tamanho de letra do título e

⁴20/11/2015: <https://www.publico.pt/mundo/noticia/mais-tres-meses-de-estado-de-emergencia-para-investigar-terroristas-e-prevenir-ataques-1714988>

⁵06/10/2015 <http://www.publico.pt/destaque/jornal/governo-e-orcamento-podem-passar-por-acordo-com-o-ps-30547947>

⁶08/11/2015: <https://www.publico.pt/politica/noticia/nas-autarquias-ha-replicas-da-crispacao-que-assola-a-formacao-do-governo-1713609>

do corpo da notícia, e as notícias ao lado das quais é colocada”(CORREIA, 1998: 4). De Referir ainda que as mesmas páginas têm usualmente publicidade, o que em secções com uma paginação tão reduzida acaba por ter um grande impacto no espaço para as notícias. Ainda sobre a forma como Gerbaud encara o jornalismo local, e em comparação com o jornal em questão, parece-nos que no caso concreto do jornal PÚBLICO não se faz uma “interpretação à luz das vivências locais” mas sim uma interpretação mais abrangente das vivências locais, ao divulgar-se informação e notícias que pertencem a núcleos mais pequenos, mas que chegam a variados sítios – todos aqueles em que cada uma das duas edições é distribuída.

Esta tentativa de aproximação aos leitores é, como nos mostra Carlos Camponez, “uma questão transversal no jornalismo, no esforço de comunicar conteúdos considerados pertinentes aos seus leitores e, particularmente, na definição de estratégias empresariais com o objetivo de conseguirem a fidelização dos públicos”. Presume-se, assim, que, no jornalismo considerado de âmbito nacional, há vantagens em particularizar, ao procurar-se o jornalismo localizado como parte integrante das publicações. O autor prossegue, referindo o *Diário de Notícias* como exemplo:

“(…) teve particular expressão a criação das edições Norte, Centro e Sul, seguindo uma estratégia de diferenciação de leitores que viria a ser abandonada mais tarde e que fora iniciada anos antes pelo Jornal «Público» com as suas edições de Lisboa e Porto”(CAMPONEZ, 2002:114).

Assim, o jornal procurou obviamente chegar a mais e diferentes públicos, ao criar duas edições diferentes. De frisar que, no nosso entendimento, nenhuma das edições consegue cobrir de forma eficiente conteúdos de todas as zonas do país, pelo que não conseguirão captar leitores através de conteúdos personalizados nalgumas dessas zonas. Ainda assim, esta estratégia é já uma forma de se aproximar mais das populações que muitos outros jornais generalistas, cujas edições são iguais para todo o país. O PÚBLICO acaba assim por “pensar o «país real» como um espaço de possível alargamento de mercado” (CAMPONEZ, 2002:114), ao invés de se limitar a noticiar acontecimentos de cariz nacional ou apenas da capital.

Esta forma de cativar mais leitores torna-se particularmente importante no contexto de crise dos *media* que se tem vindo a desenrolar, com perdas de vendas. No entanto, salientamos que o problema e a estratégia não são recentes: o livro *Jornalismo de Proximidade* data de 2002 e, já aí, se fala no agravamento da “crise de leitores”. É por isso que se procura cativar “imensas franjas de públicos que normalmente estão alheados dos grandes meios de comunicação de massa, quer pelo acesso ao seu conteúdo, quer pela possibilidade de se constituírem como sujeitos de comunicação” (CAMPONEZ:2002: 114). O autor resume a estratégia: “assim, o resto do país vai conseguindo ser algo mais do que mera paisagem” (CAMPONEZ:2002: 114).

Deste modo, o autor destaca os critérios que Juan Maciá Mercadé define como “determinantes para a formação dos conteúdos da imprensa local e regional”:

“(...) teríamos de ter em conta questões como a sede territorial da publicação; o seu âmbito de difusão e cobertura; a vocação e intencionalidade da publicação; o tratamento dado aos conteúdos; a perceção do jornal sobre o leitor; e a relação com as fontes de informação institucionais” (CAMPONEZ, 2002:109).

Apesar de estas características serem citadas para a imprensa local e regional, parece-nos que algumas delas se aplicam ao jornalismo que se procura fazer na editoria Local do PÚBLICO. Vejamos: a sede territorial divide-se, neste caso, em dois polos: a redação do Porto e de Lisboa. No entanto, há, no caso do Local Porto, um destaque às notícias da área metropolitana em que se insere a redação, apesar de se abordarem notícias de outros pontos – tal tendência será, inclusive, abordada numa análise quantitativa deste relatório. Sobre a “difusão e cobertura”, podemos concluir que o PÚBLICO, na sua Edição Porto - ao ser distribuído por toda a região norte do país, e até ao limite dos distritos de Leiria, Coimbra e Castelo Branco - tenta também cobrir notícias de todos esses distritos. Algumas das falhas que há em termos de cobertura jornalística por parte dos profissionais da redação é colmatada, pelo menos parcialmente, pelas contribuições de *freelancers*. Relativamente ao tratamento dos conteúdos e à perceção do jornal pelo leitor, que nos parecem relacionáveis, o PÚBLICO procura, como jornal de referência, atrair públicos letrados e qualificados, pelo que faz uma seleção de conteúdos que possam agradar ao seu público-alvo. Não é por tentar fazer um

jornalismo mais próximo do cidadão que o jornal cede a conteúdos sensacionalistas, apesar de se saber que esses conteúdos vendem. Procura-se informação de qualidade, ainda que com um âmbito de ação menor. Por último, relativamente à relação com as fontes de informação institucionais também nos parece que, de certo modo, se aplica à secção Local. Há uma proximidade maior entre os jornalistas e as Câmaras, sobretudo da área metropolitana do Porto, vinda do contacto permanente que têm. Há uma cobertura assídua dos eventos destas autarquias. Em conclusão, parece-nos importante focar duas ideias: por um lado, e segundo Manuel Fernandez Areal, a de que o jornalismo local tem a “oportunidade de representar mais diretamente a sociedade, tanto as minorias como as maiorias, bem como a todos os grupos ou entidades sociais que não têm acesso a outros espaços comunicacionais” (CAMPONEZ, 2002:121) por outro, a ideia de que “a imprensa local tem, assim, por função manter e promover uma saudável vida democrática, permitindo a troca de ideias, favorecendo o debate e procurando fazer com que os seus leitores se interessem pelo ambiente que os rodeia, por forma a levá-los a assumir uma atitude participativa do ponto de vista social”(CAMPONEZ, 2002:122) Ao transpor para um jornal nacional estas características, o PÚBLICO está, assim, a alargar o debate a outras comunidades, mas a dar espaço a essas mesmas comunidades, não se limitando a partilhar notícias generalizadas do país.

Experiência de estágio

O estágio no jornal *Público* traduziu-se numa experiência de três meses na redação do Porto, entre 21 de setembro de 2015 e 21 de dezembro do mesmo ano. Antes do estágio, houve uma entrevista prévia com Victor Ferreira, coordenador da redação, e Álvaro Vieira, editor. Neste encontro tentaram perceber quais seriam os principais objetivos e expectativas em relação ao estágio, bem como quais seriam os conhecimentos e as áreas de interesse. Foi expresso o interesse em áreas como a política, a sociedade e a cultura. No entanto, o facto de não ter nenhuma formação académica na área e os conhecimentos insuficientes de “cultura geral” em relação ao tema ditaram que não seria possível estagiar na editoria *Política*.

Durante o estágio havia mais dois estudantes da Universidade do Minho, que estiveram durante todo o mesmo período na redação. Depois das preferências

expressas, e tendo em conta alguns constrangimentos geográficos por parte de um dos outros estagiários, ficou decidido que a secção de Sociedade Ihe seria atribuída a ele e a secção Local a mim. Assim, durante os três meses dediquei-me maioritariamente a esta secção, apesar de, pontualmente, ter colaborado com outras.

A secção Local é talvez a mais híbrida no jornal. Há duas tiragens do Jornal, como foi supra referido, e nesta editoria as notícias diferem quase sempre entre a edição de Lisboa e do Porto. Apesar deste diferencial, a editora de ambas edições é a mesma, a jornalista Ana Fernandes, que se encontra na redação de Lisboa. Esta foi, aliás, a orientadora da entidade de acolhimento. Tendo em conta a distância geográfica, o contacto foi feito sempre por telefone ou e-mail. Apesar deste obstáculo, na redação do Porto há dois jornalistas dedicados exclusiva e permanentemente à editoria em questão: Patrícia Carvalho e Abel Coentrão. Foi com estes dois jornalistas que houve mais contacto, e praticamente todos os trabalhos que fiz passaram por um dos dois, antes de serem enviados à editora. Por ser mais fácil e eficaz, não raras vezes foram estes jornalistas a fazer o acompanhamento dos trabalhos, a sugerir algumas peças, a explicar quais os erros cometidos, quais os pontos fortes e fracos, o que poderia melhorar.

No primeiro dia de estágio foi, aliás, a jornalista Patrícia Carvalho que fez a contextualização daquilo que a secção tem por hábito tratar. Foi também dela que partiu a primeira tarefa, que se viria a manter durante os três meses: as redações têm uma lista de contactos⁷ onde se incluem os bombeiros, a PSP, a GNR, e cujo objetivo será ligar para cada uma das entidades para procurar possíveis ocorrências. No caso da redação do Porto, a lista inclui os contactos das entidades das principais capitais de distrito que a Edição Porto cobre. Sobre esta atividade, há alguns factos curiosos a assinalar: em primeiro lugar, a tarefa das rondas é normalmente atribuída aos estagiários. Segundo a jornalista, quando não há estagiários na redação, é praticamente impossível que os poucos profissionais que lá estão consigam executar a tarefa, por terem outros trabalhos em mão. Ainda sobre a falta de pessoas que cubram a atividade, a mesma jornalista chegou a afirmar que o facto de esta não ser feita de forma

⁷ Ver anexo I

sistemática faz com que algumas vezes a informação não seja divulgada. Não raras vezes, outros órgãos de comunicação divulgavam informações com fontes que o PÚBLICO contactava, mas que não as confirmavam ao jornal. Isto tem a ver com as relações de proximidade que se criam com as fontes – se, por um lado, é essencial no exercício da profissão que haja imparcialidade e que, por isso, não haja uma relação demasiado próxima, por outro, os outros órgãos que mantêm um contacto mais regular acabam por ser beneficiados na divulgação de algumas das informações.

Durante o período de estágio a maioria dos trabalhos feitos foram em modo de reportagem, um género que, segundo Anabela Gradim, é “uma prosa de grande fôlego que conta uma história com o máximo de pormenores possíveis, incluindo muitas notas de cor local, procurando levar os leitores o mais próximo possível do acontecimento, como se eles próprios o pudessem estar também a viver” (GRADIM, 2000: 87). Este género jornalístico surge no século XIX, altura em que os jornalistas “utilizaram novas técnicas nos seus trabalhos, como a descrição das testemunhas e dos cenários” (TRAQUINA, 2007: 43). O livro de estilo do jornal vai ao encontro destas definições, ao determinar a reportagem como “género específico até pela sua liberdade narrativa e de estilo (...), assenta no terreno preferencial dos factos e da sua observação direta no local onde se registam. Deve conter, por isso, o máximo de pormenores ambientais e humanos”⁸.

Em traços gerais as metodologias de produção foram consistentes com as linhas definidas para a reportagem. Contudo, salienta-se a falta de presença, por vezes, no local dos acontecimentos. Esta lacuna tem por trás a falta de profissionais e recursos para que se possa ir aos locais. Como a secção tem como objetivo cobrir acontecimentos que se passem numa extensão de território consideravelmente grande – desde o Norte de Portugal até aos distritos de Castelo Branco, Leiria e Coimbra – e como há cada vez menos correspondentes, a cobertura de acontecimentos que fiquem fora do distrito onde a redação se encontra foca-se primordialmente no contacto telefónico, de forma a não se perder a notícia. Salientamos, ainda assim, as palavras de Anabela Gradim: “não se fazem reportagens pelo telefone” (GRADIM, 2000: 87).

⁸ http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/

Há, ainda, outros aspetos em que o estágio acabou por ser mais focado. Estes denominadores comuns não foram, de forma alguma, pré-definidos. Acabaram por coincidir com os acontecimentos que iam surgindo e pela disponibilidade que havia para ser eu a cobri-los. Assim, a maioria dos trabalhos feitos versaram sobre Cultura, sobretudo aqueles em que houve deslocação ao local. Deste modo, os trabalhos feitos incidiram também mais no distrito do Porto e, mais concretamente, na cidade.

Depois de, no primeiro dia de estágio, apenas ter feito o reconhecimento da redação e as rondas, no segundo dia surge a primeira notícia. Através da LUSA foi-nos comunicado um caso de um ninho de vespa europeia numa escola, com vários alunos picados e hospitalizados. Apesar de ter feito todos os contactos e confirmado todas as informações, a notícia⁹ foi para correção para a minha orientadora e, quando publicada, ia assinada apenas como PÚBLICO. Não tendo conhecimento da lei que proíbe os estagiários de assinarem¹⁰, questioneei a motivação. Foi-me explicado que, apesar de o PÚBLICO ter decidido não seguir a lei, por considerar que seria apropriação de trabalho, nos primeiros dias optam por não assinar as peças, deixando o estagiário ambientar-se antes de começar a assinar. Esta foi a única peça não assinada em todo o estágio. Esta notícia fez também com que, a partir dali, as notícias acerca dos surtos de vespas (quer asiáticas¹¹ quer europeias) passassem por mim, salvo quando tinha outros trabalhos em mãos e era impossível tratar delas.

Houve também duas participações pontuais num dos suplementos do jornal. A experiência de trabalhar para a Fugas foi enriquecedora e de destaque: há uma maior liberdade na forma de se escrever, os jogos de palavras são mais do que bem-vindos. Em ambos os artigos notei, contudo, uma maior intervenção dos corretores. As pessoas que editaram ambos os textos mexeram mais neles do que alguma vez me fizeram na secção Local, talvez por a minha escrita estar já um bocado viciada pelo tipo de notícias que escrevia habitualmente na secção Local. A título de exemplo, no segundo artigo,

⁹ 22/09/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/ninho-de-vaspas-europeias-em-escola-de-amarante-1708650>

¹⁰ 05/07/2014: <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/lei-que-impede-estagiarios-de-assinar-artigos-visa-impedir-pessoas-de-trabalhar-de-graca-1661700>

¹¹ 05/10/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/ninhos-de-vespa-asiatica-crescem-no-porto-1710189>

procurei alguns trocadilhos com o “casamento” entre vestidos de noiva e gelados, com medo que os rejeitassem, mas o que aconteceu foi exatamente o contrário, acrescentaram ainda mais ao texto final.

Para além de todos os trabalhos referidos, bem como aqueles que não constam no destaque do diário de bordo mas que constam em anexo, havia também um trabalho recorrente para a secção de cultura. Normalmente, nesta secção, havia sempre duas caixas a que se chamavam “Destques”– são pequenos textos de cerca de 700 caracteres sobre algum evento que aconteça, como uma peça de teatro, uma exposição ou um concerto, por exemplo. Normalmente o jornalista Sérgio C. Andrade estava responsável pela edição destas pequenas caixas, pelo que tentava distribuir pelos jornalistas da secção de forma rotativa. Estes textos não são assinados e não estão, também, disponíveis no online, apenas no jornal impresso, motivo pelo qual nenhum se encontra em anexo.

Ao nível das maiores dificuldades a nível pessoal, destaco os títulos como o calcanhar de Aquiles do estágio. Para Gradim, “o título tem de ser concreto e estar relacionado com o assunto de que fala o texto, informando diretamente, levantando pistas sobre o que vai ser revelado, ou, simplesmente, brilhando pela sua oportunidade ou originalidade” (GRADIM, 2000:69). No entanto, foi complicado conjugar todos estes fatores e criar títulos informativos mas apelativos, principalmente quando eram reportagens sobre experiências, como os concertos ou as peças de teatro. A somar a isso, a forma como os jornalistas que me orientavam encaravam os artigos era também diferente entre si: quando da aprendizagem acerca do funcionamento do backoffice, o programa que o PÚBLICO usa para publicar e editar artigos, o jornalista Abel Coentrão explicou-me que o ideal são títulos curtos. O próprio programa etiqueta automaticamente os títulos como verde, laranja ou vermelho conforme o seu tamanho (dos mais pequenos para os maiores, respetivamente). Por outro lado, a jornalista Patrícia Carvalho explicou-me que, como as páginas dos jornais já estão já pré-formatadas, os títulos curtos normalmente não funcionam no impresso. Assim, e como a maioria dos textos publicados online iam também para o jornal, era difícil decidir qual das duas diretivas decidir.

Por último, parece-me importante destacar um pormenor que me chamou a atenção: o jornal PÚBLICO só tem dois carros disponíveis, que são normalmente utilizados apenas quando há fotógrafos em reportagem. Ora, para deslocações que não são factíveis a pé, era necessário fazer uma requisição de transporte, que depois serviria para chamar um táxi e que o PÚBLICO pagaria posteriormente. Apesar de ser vantajoso os jornalistas não terem de utilizar o seu próprio dinheiro para se deslocarem, correndo o risco de depois não ser devolvido, as requisições de táxis teriam sempre de ser aprovadas por algum editor, o que me parece que retira um bocado de autonomia ao jornalista.

Diário de Bordo

Aqui se incluem os principais trabalhos que foram feitos ao longo do estágio curricular e que se destacam quer pelo impacto que tiveram, quer pelas aprendizagens que refletiram. Por uma questão organizativa, a descrição dos trabalhos está datada a partir do dia da publicação dos mesmos. A partir da descrição do artigo, tentamos também relacionar, quando aplicável, com os constrangimentos profissionais. Há ainda a distinção entre os trabalhos feitos na editoria Local e no Suplemento Fugas.

Editoria Local

23 de setembro

É-me atribuída uma peça sobre um projeto universitário, o “Polo Zero”. Esta marca a primeira saída para o terreno, para reconhecimento do espaço, uma vez que todas as entrevistas foram feitas por telefone. Mais uma vez foi-me dada total autonomia, ou seja, apesar de ser a primeira vez que estava a ir “para o terreno”, não acompanhei nenhum jornalista para perceber como se procedia normalmente – apenas fui acompanhada pelo fotógrafo, estagiário também.¹² Nesta peça é de destacar outro pormenor importante – a jornalista Patrícia Carvalho estava já a acompanhar a história, que teve alguns avanços e recuos, e foi dela que partiram todas as notícias anteriores. A peça apenas me foi atribuída por falta de tempo por parte dela – caso contrário, seria

¹²23/09/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/polo-zero-arranca-a-todo-o-gas-1708762>

a mesma jornalista a escrever, por ter mais conhecimento e já a ter acompanhado de princípio.

24 de setembro

Saem duas notícias feitas no próprio dia: uma delas sobre um atropelamento com um trator¹³, descoberta através das rondas, e que resultou num ferido grave, o próprio condutor; a outra acerca das candidaturas para criação de negócios da UPTec¹⁴, um complexo de inovação tecnológica onde, inclusive, a redação do PÚBLICO do Porto está instalada, e que abre candidaturas uma a duas vezes por ano para projetos inovadores.

25 de Setembro

É publicada uma notícia que merece destaque pelo impacto que teve o online. O tema era uma nova rota turística, que incluía desporto e lazer, através do Rio Zêzere¹⁵. A notícia acaba por ter 7559 partilhas e por se manter no cimo da tabela de visualizações do *site* durante dois dias. Percebe-se por aqui que há um novo nicho de leitores interessados nas temáticas do desporto e do turismo, situação que se confirma com uma outra reportagem, publicada no dia **1 de outubro**, que aborda um trilho preparado para o Dia das Bruxas no Gerês¹⁶, e que teve 7714 partilhas. Ambos os acontecimentos, segundo o jornalista Abel Coentrão, apenas foram aproveitados e explorados por haver uma estagiária de Local – apesar dos bons resultados, que são sempre lucrativos para o jornal, seria “impossível”, segundo o jornalista, que ele ou a sua colega os cobrissem, por haver demasiado trabalho para apenas dois profissionais.

28 de setembro

¹³24/09/2015: <http://www.publico.pt/local/noticia/ferido-grave-em-despiste-de-tractor-em-satao-1708863>

¹⁴24/09/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/abertas-candidaturas-para-projectos-de-criacao-de-negocio-uptec-1708884>

¹⁵25/09/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/primeira-rota-multimodal-portuguesa-arranca-no-sabado-1708943>

¹⁶01/10/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/geres-com-caminhada-comemorativa-do-dia-das-bruxas-1709761>

É publicada mais uma notícia descoberta através das rondas, sobre o despiste de um pesado em São Pedro do Sul¹⁷. O procedimento foi o normal, contactar as autoridades para obter o máximo de informações possível e tentar atualizar a notícia, para informar os leitores acerca das alterações de trânsito.

30 de setembro

Sai mais uma notícia como antecipação¹⁸. A propósito da Porto Fashion Week's Night Out, a livraria Lello estaria aberta até às 23:30h, com visitas guiadas e uma colaboração com os Story Tailors, que criaram um vestido com a temática da literatura. Esta notícia foi feita depois de uma entrevista na livraria com uma das organizadoras. Não foi, na altura, possível falar com os criadores. **2 de outubro**

Cobertura de um protesto numa rua do Porto¹⁹ que, graças às alterações de trânsito e à ligação ao Palácio da Bolsa, se tornou incomportável para os comerciantes, tanto em termos de barulho como de poluição atmosférica. Esta peça destaca-se nas rotinas de trabalho por ser mais um dos casos em que teria de recolher testemunhos, assistir ao acontecimento e escrever numa tarde. Destaca-se também pela preponderância que teve no jornal – uma página – e que não era de todo necessária para contar a história. Leva-nos a refletir sobre a falta de espaço que muitas vezes existe no jornal, que algumas vezes, sem que o público se aperceba, se torna em excesso – nesse caso é preciso esticar a história para preencher o espaço.

15 de outubro

É publicada uma peça que representa, em termos pessoais, um dos grandes marcos no estágio: uma reportagem onde se cobre uma peça de teatro que estava em cena em Campanhã, no Porto²⁰. A peça era feita sobre e com pessoas de lares e instituições, abordava o bairrismo portista e a invasão de turistas que a cidade teve nos últimos tempos. Era uma ficção cheia de histórias reais, contadas na primeira pessoa. Para além

¹⁷28/09/2015: <http://www.publico.pt/local/noticia/despiste-de-pesado-com-materias-perigosas-em-sao-pedro-do-sul-1709343>

¹⁸30/09/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/literatura-e-moda-unidas-na-lello-1709648>

¹⁹02/10/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/luto-e-luta-na-rua-ferreira-borges-1709910>

²⁰15/10/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/porto-bairrista-vive-a-margem-da-alegria-no-matadouro-municipal-1711128>

de ter assistido a um dos ensaios, tive oportunidade de reunir com cada um dos 15 participantes, bem como com o encenador e com os dois atores profissionais que participavam. Esta experiência foi enriquecedora por diversos motivos – em primeiro lugar, conseguir fazer a leitura de uma peça de teatro toda ela baseada em factos e tentar fazer o balanço entre mostrar aos leitores que seria vantajoso ir, sem revelar demasiado; em segundo lugar, as entrevistas, agendadas com o encenador, previam que dois a quatro participantes me dessem o seu testemunho – acabaram por aparecer os 15, todos eles com muita vontade de participar. Houve assim a necessidade de seleccionar aquilo que mais se adequava à linha da reportagem e de moderar uma conversa mais informal que se teve de criar para a entrevista. No final o balanço foi extremamente positivo e a peça foi elogiada, inclusivamente, por alguns jornalistas da redação, o destaque que teve no jornal foi considerável – foi uma peça de uma página e a única da secção naquele dia – mas traduziu-se em zero partilhas no *online*. Um outro artigo, publicado a **27 de novembro**, sobre a mesma iniciativa – cultura em expansão, que pretende incluir as comunidades mais descentralizadas da invicta – e que noticiava o seu encerramento²¹, também não se mostrou relevante ao nível do online. Estes dois artigos levantam algumas questões ao nível dos constrangimentos, uma vez que houve a preocupação de noticiar algo de importância social, que despendeu tempo e dinheiro da redação, mas que não lhe trouxe nenhum retorno ao nível do lucro e das visualizações. Poder-se-á então dizer que o jornal tem também uma preocupação social e não puramente económica.

16 de outubro

Sai outra reportagem de grande interesse pessoal – em *tour* fui fazer um percurso de arte urbana em *tuk tuk*²². Para além das principais obras de *graffiters* na cidade, a experiência permitiu perceber a história do Porto com a arte urbana e a forma como se

²¹27/11/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/cultura-em-expansao-encerra-com-o-baile-1715803>

²²16/10/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/a-arte-urbana-que-o-porto-estranhou-mas-que-agora-entranhou-1711290>

alterou a postura da camara do Porto. Foi uma reportagem muito interessante, não só porque todos os depoimentos tiveram de ser recolhidos na hora, o que fez com que o ritmo se acelerasse, como depois houve a tentativa de imprimir também esse ritmo na forma de escrita. Como esta reportagem foi desenvolvida ao mesmo tempo que a suprarreferida, foi uma forma de aprender a gerir o tempo e a conseguir trabalhar em diferentes formas de escrita em simultâneo. Esta reportagem foi precedida de uma notícia de antecipação de todo o evento ligado à arte urbana²³, que abordava o conceito global, uma iniciativa que duraria todo o mês de Outubro e que também incluía passeios a pé ou de bicicleta. Esta primeira peça foi feita a partir de comunicados e informações que foram cedidas pelos organizadores. Apenas na segunda reportagem se optou por contactar diretamente a organização.

20 de outubro

Ocorre a primeira cobertura de um acontecimento imediato: um incêndio deflagrou naquela manhã na Ribeira do Porto²⁴ e não havia mais nenhum jornalista para cobrir o acontecimento, pelo que fui para o local com o fotógrafo. Como não era um acontecimento programado, não houve tempo para planear nem para me orientarem, pelo que me mantive em contacto permanente com a redação, que me ia dando por telefone algumas dicas de quem contactar. Foi uma experiência diferente e a única mais de jornalismo puro, do atual, do acontecimento. Conforme ia conseguindo recolher informações enviava por sms ou por telefone para a jornalista Patrícia Carvalho e, quando cheguei à redação, acabei por modificar a notícia que já tinha sido posta no online e que estava a ser atualizada. Neste trabalho houve, obviamente, alguns erros, talvez por estar mais habituada a uma escrita lenta, que não tinha de ser dada na hora, mas no final o balanço acabou por ser positivo.

25 de outubro

Sai nova reportagem de grande impacto para o percurso durante o estágio, quer pelos elogios que teve por parte da alguns jornalistas, quer pelos contornos do

²³09/10/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/as-paredes-artisticas-do-porto-tem-um-rroteiro-turistico-1710552>

²⁴20/10/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/incendio-na-ribeira-do-porto-1711764>

acontecimento. Fui a uma cobertura de um evento secreto, o *Sofar Sounds*²⁵, que acontece por cidades de todo o mundo e cujo conceito é as pessoas se inscreverem para um concerto sem saberem o local e quem vai atuar. O evento é interessante por ser em modo intimista, com no máximo 100 pessoas, e a isso se juntou o facto de, em primeiro lugar, ser na livraria Lello e, em segundo, poder entrevistar as bandas que atuaram naquele dia, bem como a organização e alguns dos participantes. Foi muito enriquecedor e foi um registo diferente, porque teve de haver uma descrição do ambiente, como na reportagem é essencial, e ainda tentar transpor para palavras os sons.

2 de novembro

Sai uma reportagem acerca de uma loja no centro do Porto, a Marques Soares²⁶, sugerida pela orientadora Ana Fernandes. O potencial da história estaria na forma como se expandiu e ocupou quase uma rua inteira da baixa do Porto. No entanto, esta reportagem não me pareceu sequer preencher alguns dos requisitos básicos para se investir nela: não havia nenhuma história interessante por trás do sucesso, era apenas um caso de sucesso económico mas fiquei com a impressão, durante toda a recolha de testemunhos, que o objetivo era publicitar a marca – apesar de, do lado da redação, não haver nenhum benefício, obviamente. A reportagem acabou por ser utilizada para colmatar a falta de notícias que por vezes acontece às segundas-feiras. Ainda sobre a mesma, por uma questão de cortesia, avisei a responsável sobre a data em que iria ser publicada, o que causou uma situação constrangedora quando a mesma pediu para mudar a data para um fim-de-semana para ter mais impacto. Expliquei, obviamente, que não me cabia a mim decidir quando e como algo é publicado.

²⁵25/10/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/os-livros-sao-o-alimento-para-a-mentemas-a-musica-tambem-1712173>

²⁶02/11/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/a-marques-soares-resistiu-a-crise-da-baixa-e-a-muitas-crises-do-comercio-1712862>

15 de novembro

É publicada uma reportagem acerca da tentativa de candidatura das Bugiadas a Património Imaterial da Humanidade²⁷. A reportagem envolveu grande tempo de investigação e de tentativas de contactos. Esta reportagem foi mais uma das que, durante a sua conceção, me pareceu estar a ter um destaque demasiado grande para o acontecimento que estava por trás. Apesar de reconhecer o potencial das festas, que atraem milhares de pessoas por ano, a reportagem foi feita à volta de um estudo que se iria fazer durante um ano e que era, ainda, o primeiro passo para se avançar com a candidatura. No entanto, falei com elementos da organização e da câmara, mais uma vez apenas por telefone, para perceber todo o objetivo e todos os passos que seriam dados.

19 de novembro

Sai uma notícia sobre o dia mundial da sanita²⁸, a propósito de uma performance que houve numa praça da Invicta. Destaque para esta notícia, por um lado, porque alerta para os problemas como a falta de água potável e de saneamento. Depois, pelas reações que houve na rua, de pessoas que não percebiam o propósito da performance. Por último, porque por vezes o que nos parece uma brincadeira é mesmo um assunto sério e neste caso levei uma chapada de luva branca – quando me atribuíram a notícia, pensei que não faria sentido cobrir, mas depois acabei por perceber que era uma ação cívica de grande importância e que iria efetivamente contribuir para informar o público sobre um assunto não tão falado.

27 de novembro

É publicada outra reportagem de minha autoria, desta feita acerca da reabertura do museu do carro elétrico²⁹. A esta reportagem precedeu uma visita ao museu, antes da abertura, com uma entrevista a uma das organizadoras do evento. Houve oportunidade

²⁷15/11/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/as-ciencias-sociais-vaio-entrar-nas-bugiadas-de-sobrado-1714352>

²⁸19/11/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/dia-mundial-da-sanita-alerta-para-problema-global-1714951>

²⁹27/11/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/interactividade-e-historia-marcam-a-reabertura-do-museu-do-carro-electrico-1715709>

para perceber o funcionamento das máquinas, as tecnologias que introduziram e o investimento em novas áreas, bem como a forma como os carros elétricos funcionaram enquanto o museu não estava aberto e que faziam com que a história fosse contada durante viagens turísticas.

29 de novembro

Nova reportagem de fim-de-semana, que dava conta de um evento do dia anterior: uma adaptação das *street stores*³⁰, que consistiu numa loja com roupas, calçado e brinquedos doados e onde crianças de diversas instituições poderiam escolher aquilo que mais gostava. A isto juntou-se um lanche e várias atividades. Este artigo destaca-se no estágio por ter sido feito no fim-de-semana e publicado no mesmo. Como é normal, as redações tanto de Lisboa como do Porto estão apenas com os jornalistas essenciais para fechar as edições e para dar conta de possíveis acontecimentos “de última hora”, pelo que nenhum dos jornalistas com que costumava trabalhar estavam lá. Assim o trabalho foi corrigido pelo jornalista Alvaro Vieira. É curioso perceber como, com o tempo, a forma como as notícias são revistas depende da pessoa que o está a fazer e como alguns hábitos se transpõe. Foi assim uma nova forma de olhar para a peça, mais minuciosa, mas muito positiva. Outro dos pontos que faz esta reportagem um marco é o facto de ter entrevistado, maioritariamente, crianças, para além da organizadora do evento e de alguns colaboradores. É preciso um cuidado redobrado na forma como se fala, adaptar o discurso de forma a que seja perceptível, e ter o cuidado de preservar a identidade dos menores.

9 de dezembro

Sai um artigo sobre uma estrutura metálica que existe na invicta, *Metamorfose*, que arrecadou um prémio internacional³¹. A notícia surgiu com o maior facilitismo: o jornalista Abel Coentrão recebeu um *e-mail* a informar do prémio e, uma vez que os arquitetos que participaram no concurso estavam no mesmo edifício que o público, ao abrigo do projeto do UPTEC, fui “fazer uma visita” para perceber o potencial. Depois de

³⁰29/11/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/uma-loja-para-criancas-onde-o-dinheiro-nao-entrou-1715901>

³¹09/12/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/metamorfose-leva-ao-porto-terceiro-premio-internacional-1716930>

os entrevistar avançamos com o artigo. No entanto, passado alguns dias, a orientadora Ana Fernandes recebeu um *e-mail* de outro dos envolvidos a contestar as informações noticiadas. A notícia foi alterada, de forma a incluir também as informações que nos chegaram via eletrónica mas, mais alguns dias passados, recebi uma visita da arquiteta com quem primeiramente tinha falado a refutar as informações que nos tinham sido dadas. Depois de lhe explicar o que tinha acontecido, acabei por me aperceber que havia uma quezília qualquer entre ambas as partes. O problema estava em tentarem meter a reportagem, o jornal e, mais especificamente, eu, no meio. No entanto, depois de ouvir todas as partes, voltei a alterar o texto de forma a que o jornal não tivesse mais nenhuma queixa. Sobretudo tive a preocupação de retratar a verdade, mas ficou sempre a dúvida se não estaria a sobrepor os interesses dos intervenientes aos interesses dos leitores. Acredito, contudo, que o compromisso com a verdade falou mais alto. Problemas aparte, a notícia foi partilhada 4497 vezes no online.

21 de dezembro

Sai a última reportagem durante o período de estágio, acerca da forma como os tradicionais lenços dos namorados se reinventaram, havendo agora inúmeros produtos inspirados neles, sob tutela da marca *Namorar Portugal*³². Todas as entrevistas foram, também elas, feitas via telefónica, com o intuito de receber o impacto na economia e os motivos pelos quais os produtos eram tão procurados.

3 de janeiro

É publicado o último trabalho feito para o jornal, e que representou a última semana de trabalho. Debruçava-se sobre lojas muito antigas ou lojas recentes que procurassem o estilo retro. Esta reportagem começou por ser delineada como um “grande trabalho” sobre lojas do Porto e de Lisboa. O plano inicial seria que, no mesmo dia, cada edição tivesse a sua reportagem. No entanto, com a reestruturação do jornal, a reportagem acabou por ser feita a quatro mãos, e resultou num trabalho único que envolvia as lojas do Porto e de Lisboa³³, assinado pela também estagiária e colega de curso Cláudia

³²21/12/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/bai-lenco-da-minha-mao-bai-currer-a-freguesia---e-os-lencos-de-namorados-foram-reinventandose-1717827>

³³03/01/2016: <https://www.publico.pt/local/noticia/que-futuro-para-as-lojas-do-passado-1718844>

Carvalho Silva e por mim. Uma vez que o meu estágio acabou ainda antes de a Cláudia ter começado a escrever o dela, coube-lhe a ela coser os dois artigos de forma a torná-los num único. Já depois do estágio recebi um *e-mail* da minha orientadora, uma vez que a forma como escrevi a reportagem não estava da forma como era necessário para este trabalho de ligação, acabando por a reescrever e enviar a partir de casa.

Para além dos trabalhos que aqui foram discriminados, muitos outros foram feitos, na sua grande maioria nos temas da cultura ou da sociedade. Eventos como uma *tour* no Palácio de Cristal³⁴, concursos com ideias para mudar a cidade³⁵ ou mercados que ocorrem na invicta³⁶. Foram sempre trabalhos feitos com o mesmo empenho e dedicação. O destaque para os artigos supracitados faz-se por razões ou de ordem externa, pelos impactos que tiveram, ou de ordem interna, por significarem marcos no percurso, crescimentos maiores ou um maior investimento da minha parte. Muitas das reportagens chegavam a ser produzidas durante uma semana inteira, simultaneamente com trabalhos menores.

FUGAS

Apesar de me ter sido designada a editoria Local como a do meu estágio, houve também dois trabalhos feitos em exclusivo para o suplemento *Fugas*, cuja diretora é a jornalista Sandra S. Costa.

24 de outubro,

O primeiro trabalho desenvolvido foi a cobertura da abertura de mais uma Leitaria da Quinta do Paço³⁷, uma cadeia de pastelarias quase centenária do Porto, e que na altura abriu a primeira loja em Matosinhos.

³⁴25/09/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/historia-da-natureza-no-palacio-de-cristal-1709065>

³⁵06/10/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/ideias-inovadoras-para-melhorar-a-cidade-do-porto-1710304>

³⁶08/10/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/mercado-de-outono-adiado-1710521>

³⁷24/10/2015: http://fugas.publico.pt/restaurantesebares/354524_leitaria-da-quinta-do-paco

17 de novembro

O segundo trabalho foi acerca de uma gelataria que abriu no centro da cidade Invicta³⁸. Neste caso, o interesse da loja estava na sua história e na forma como se apresentava aos clientes – o espaço tinha sido uma loja de noivas, uma das mais antigas do Porto, e os donos da gelataria eram filhos dos donos da antiga loja, pelo que decidiram criar uma ligação entre os dois negócios ao porem as funcionárias a servir com vestidos de noiva.

³⁸17/11/2015: http://fugas.publico.pt/restaurantesebares/355411_ice-lovers

Retrato de práticas profissionais – Estudo de caso

1.Introdução

Ao longo do presente capítulo, procuraremos comprovar as hipóteses teóricas que desenvolvemos ao longo do relatório, quer na contextualização histórica, quer na experiência de estágio. Desta forma, procuraremos mostrar as consequências de alguns constrangimentos no exercício da profissão de jornalista, nomeadamente constrangimentos económicos, humanos (como a falta de profissionais), as pressões inerentes aos *media* online e a relação dos jornalistas com as fontes. Procuramos também perceber qual a relação entre as características que definimos sobre o jornalismo local e regional e a respetiva aplicabilidade na editoria em análise. Estas questões são essencialmente fruto da nossa experiência de estágio, como julgamos ser o adequado num Relatório.

Ao todo, analisaremos todas as páginas da versão impressa da Edição Porto do jornal PÚBLICO que correspondem à editoria *Local*, entre os dias 21 de setembro de 2015 e 21 de dezembro de 2015. Assim, teremos um total de 92 edições analisadas, num total de 233 notícias. O nosso *corpus* de análise foi escolhido com base na duração do estágio curricular, que decorreu entre as mesmas datas. A análise das notícias debruçar-se-á sobre campos como o *autor*, a *temática*, e a *localização* de cada uma das peças.

Para além disso, e ainda numa análise quantitativa, analisaremos as respostas feitas num inquérito online divulgado em grupos de jornalismo, e numa amostra total de 31 respostas. Este inquérito teve como primordial objetivo perceber de que forma se desenvolvem as primeiras experiências numa redação, nomeadamente quanto ao acompanhamento de pessoas sem experiência. O objetivo passa também por tentar perceber se os constrangimentos profissionais que referimos, como a falta de profissionais ou de verbas, afetam os trabalhos desenvolvidos.

Por último, servir-nos-emos também de uma entrevista feita à jornalista da editoria *Local Porto*, Patrícia Carvalho, para procurar dar resposta às questões sobre os constrangimentos profissionais e as mudanças sentidas no jornalismo, na primeira pessoa.

A estas metodologias de investigação adicionaremos, quando considerarmos pertinente, opiniões dos jornalistas do PÚBLICO, dadas no livro *Jornalista profissão ameaçada* acerca dos principais constrangimentos profissionais.

2. Análise de práticas profissionais em redação

Que os meios de comunicação estão a mudar, é evidente. A evolução tecnológica, a par dos cada vez maiores cortes de financiamento levam à reconfiguração dos *media*, bem como à reconfiguração das rotinas de produção. Tem de se trabalhar mais com menos pessoas, tem de se dar resposta a múltiplas plataformas com cada vez mais jornalistas despedidos ou “dispensados”. Mas de que forma é que isso afeta os recém-chegados às redações? Para obtenção de carteira profissional de jornalista é necessário um estágio profissional. Mas serão estes estágios acompanhados? Ou será uma forma de combater a falta de mão-de-obra? Não será o jornalista estagiário um profissional não remunerado, com o mesmo trabalho dos efetivos mas sem o dinheiro?

2.1 Análise das práticas profissionais dos estagiários

Durante o estágio profissional houve a sensação de liberdade: liberdade para entrevistar, liberdade para escrever e assinar peças, liberdade para investigar. Já foi referido, inclusive, o crescimento a nível profissional que isso proporcionou. Contudo, fica a questão: não deveriam os estagiários ser acompanhados, pelo menos numa fase inicial? Não deveria haver um trabalho conjunto, entre os estagiários e os jornalistas, até terem a certeza de que o estagiário estava preparado para se aventurar sozinho?

O inquérito que analisaremos de seguida foi feito online a uma amostra de 31 participantes. Por não considerarmos relevante para o estudo, não foi pedida distinção de género nem idade. Assim, os dados pedidos da amostra foram apenas o ano em que tiveram o seu primeiro contacto com uma redação e o contexto em que foi feito o estágio.³⁹

Dos 31 inquiridos, 67,7% realizou o estágio nos últimos dois anos (38,7% em 2015 e 29% em 2014). Os anos de 2003, 2013 e 2016 tiveram uma percentagem de 6,5% cada, e os anos de 2004, 2006, 2010 e 2012 uma percentagem de 3,2% cada. As hipóteses do

³⁹ Ver anexo II

inquérito limitavam a amostra aos anos de 2000 a 2016, pelo que os anos de 2000, 2001, 2002, 2005, 2007, 2009, 2011 e 2013 não tiveram qualquer representatividade⁴⁰.

Sobre o contexto em que ocorreu a experiência, de entre as opções “estágio curricular”, “estágio profissional” e “emprego”, nenhum dos inquiridos escolheu a terceira opção. Este dado poderá ser olhado de uma forma positiva, uma vez que demonstra que há, antes da entrada no mercado de trabalho, um contacto prévio por parte dos estudantes das áreas da comunicação. Em relação às outras duas hipóteses, 83,9% dos inquiridos afirmou que o estágio curricular foi a sua primeira experiência, enquanto 16,1% afirmou ter sido em contexto de estágio profissional⁴¹. Mais uma vez, os dados mostram que a experiência na redação acaba por ser feita mais cedo, ainda no decurso dos estudos universitários, o que pressupõe um maior enriquecimento, uma vez que posteriormente, quem quiser obter a carteira profissional, terá de fazer um estágio profissional. Partindo da experiência pessoal, poder-se-á concluir que a experiência em estágio curricular é também mais acompanhada, uma vez que há o acompanhamento de dois orientadores: um da entidade de acolhimento e outro da instituição que se frequenta. Contudo, o critério não é assim tão linear: ter orientadores não significa ter permanente apoio, mas há, ainda assim, entidades definidas para ajudar. Ou seja, o aluno, em estágio, tem uma pessoa designada para lhe orientar o trabalho, não só definindo aquilo sobre o qual trabalhará, mas também, pressupõe-se, para acompanhar a forma como desenvolve as notícias, corrigir possíveis erros e esclarecer dúvidas. No entanto, e também fruto dos constrangimentos que já referimos, é possível que o orientador não possa fazer tal acompanhamento. A título de exemplo, no estágio que descrevemos acima, a orientadora designada para a estagiária não estava na redação onde decorreu o estágio, o que acabou por dificultar um acompanhamento contínuo. Tais constrangimentos foram contornados com recurso a outros profissionais e com o recurso aos contactos telefónicos, mas estas alternativas não substituem o acompanhamento presencial.

Sobre o meio de comunicação onde ocorreu a primeira experiência, 58,1% dos inquiridos teve-a na imprensa; 22,6% na televisão; 12,9% num meio online e 6,5% na

⁴⁰ Ver Anexo IV gráfico I

⁴¹ Ver Anexo IV gráfico II

rádio⁴². Para o nosso trabalho, onde se refere a preponderância dos novos meios de comunicação, e face à já velha questão da “morte do papel”, parece-nos interessante que a maioria da amostra tenha procurado, ainda, este meio impresso para se integrar nas práticas jornalísticas.

Ainda acerca do meio de comunicação em que trabalharam, achamos pertinente questionar sobre se apenas produziram conteúdos para o próprio meio (rádio, imprensa ou televisão), se também produziam para o online associado ou se apenas produziam para este último. Apenas 13,3% dos inquiridos trabalhou em exclusivo para o meio online, enquanto 43,3% produziram apenas para o meio primordial. A parcela da amostra que produziu para ambos os meios foi também de 43,3%⁴³. Tais dados mostram que o trabalho simultâneo é uma realidade bem presente, mas também se poderá concluir que ainda se dá destaque ao trabalho nos meios tradicionais e que também os trabalhadores menos experientes contribuem para a produção noticiosa dos mesmos. Ainda sobre a dicotomia online/meio tradicional, e numa pergunta onde era pedida a opinião dos inquiridos sobre se consideravam mais adequado haver profissionais dedicados exclusivamente às versões online dos meios de comunicação, 80,6% considera que esta opção seria mais vantajosa, contra apenas 19,4 que não acredita ser mais adequado profissionais dedicados exclusivamente a esta ferramenta dos *media*⁴⁴.

No inquérito, procuramos também perceber como têm funcionado os trabalhos nas redações, num primeiro contacto. Assim, quisemos saber, em primeiro lugar, se os inquiridos desenvolveram trabalhos em conjunto com outros profissionais, da redação, antes de começarem a produzir notícias sozinhos: 45,2% não teve essa experiência, enquanto 54,8% a tiveram⁴⁵. Apesar de a maioria dos inquiridos ter respondido afirmativamente, consideramos que trabalhar com outros profissionais será vantajoso não só para ter uma noção geral de como é a produção noticiosa, mas também para perceber as dinâmicas de cada órgão de comunicação, uma vez que estas variam e que, muitas vezes, não há um conhecimento prévio. A título de exemplo, e tomando como base a experiência no estágio curricular, o jornal PÚBLICO adota algumas especificidades

⁴² Ver Anexo IV gráfico III

⁴³ Ver Anexo IV gráfico IV

⁴⁴ Ver Anexo IV gráfico V

⁴⁵ Ver Anexo IV gráfico VI

das quais se poderá não ter consciência à priori – como o facto de escrever ainda segundo o antigo acordo ortográfico.

Na mesma linha da questão anterior, quisemos perceber se havia um acompanhamento sistemático como forma de integração nas redações: 77,4% das pessoas responderam que sim, contra 22,6% que negaram tal acompanhamento⁴⁶ - tendo em conta que todos os inquiridos estavam em estágio, é de destacar o facto de esta percentagem de inquiridos não ter sentido qualquer acompanhamento. Mais uma vez, e admitindo que poderá haver múltiplos motivos para tal acontecer, a falta de profissionais parece-nos a causa mais provável para que não se consiga criar um período de adaptação para os estagiários. Curiosamente, tendo em conta a percentagem da questão anterior, quando pusemos a questão “Sentiu que havia tempo para acompanhar pessoas menos experientes?”, uma percentagem de 45,2% respondeu negativamente, enquanto 54,8% respondeu que sim⁴⁷. Ou seja, mesmo alguns daqueles que sentiram um acompanhamento sistemático, sentiram que não havia tempo para tal acompanhamento em qualidade. A única questão com resposta unânime ao longo do inquérito foi relacionada com esta: “Considera necessário tal acompanhamento?” – 100% dos inquiridos respondeu afirmativamente⁴⁸. Por último, ainda na mesma temática, tentamos compreender se alguma vez os inquiridos sentiram que não havia ninguém disponível para ajudar/esclarecer dúvidas: 29% passou por essa situação, ao passo que 71% nunca sentiu que não havia ninguém quando precisou de ajuda⁴⁹. Mais uma vez uma pequena percentagem poderá ser já preocupante: é importante que haja, se necessário, alguém para esclarecer os estagiários, de forma a que aquilo que produziram não vá com erros ou com falhas graves, o que prejudica não só a aprendizagem do estagiário como a qualidade do que é publicado.

Em relação ao trabalho dos inquiridos em si, tentamos perceber quais foram as principais metodologias de investigação jornalística que utilizaram. Desta forma, começamos por tentar perceber se teriam saído em trabalho da redação, ao que 90,3%

⁴⁶ Ver Anexo IV gráfico VII

⁴⁷ Ver Anexo IV gráfico VIII

⁴⁸ Ver Anexo IV gráfico IX

⁴⁹ Ver Anexo IV gráfico X

respondeu que sim. Apenas 9,7% nunca saiu da redação em serviço⁵⁰. Na mesma linha, questionamos se consideravam que tinham feito mais trabalho de campo ou de secretária: apenas 35,5% considera que fez mais trabalho de campo, contra 64,5% que diz ter feito mais de secretária⁵¹. Estes dados parecem-nos preocupantes uma vez que, como já vimos, o trabalho do jornalista deverá ser feito, sempre que possível, a investigar. Não sair da redação implica que todas as investigações e entrevistas sejam feitos através do computador e do telefone, o que leva a menos contacto com as pessoas. Na obtenção de fontes, é importante o contacto pessoal, pelo que consideramos estes dados um alerta para a forma como o jornalismo está a ser ensinado em ambiente de redação.

Nesta mesma temática, quisemos também saber como foi feito o contacto com as fontes, na generalidade: 61,3% admitiu que usou maioritariamente o telefone; 12,9% fez a maioria dos contactos por computador e apenas 25,8% falou pessoalmente com as fontes⁵². Reitera-se o que acima se disse: faz-se jornalismo de secretária, não se sai da cadeira nem para fazer contactos. Mais uma vez, isto poderá ter causas diversas às quais os constrangimentos económicos e humanos não estarão alheios: há menos dinheiro para deslocações, por um lado, e a cobertura de múltiplos acontecimentos não permite que haja tempo para se sair muitas vezes; há mais peças para escrever, que não poderão esperar.

Ainda no que toca à experiência unicamente pessoal dos inquiridos, e tendo em conta que a falta de tempo é uma constante no jornalismo, como aliás já referimos, questionamos a amostra: “Alguma vez sentiu que precisava de mais tempo para determinado trabalho e que não lho foi dado?”: 61,3% nunca sentiu a pressão do tempo, contra 38,7% que já a sentiu⁵³. Estes dados mostram-nos que a ditadura do tempo, que afeta o funcionamento das redações, não se estende aos estagiários, que não são, na sua maioria, pressionados com *deadlines* apertados.

⁵⁰ Ver Anexo IV gráfico XI

⁵¹ Ver Anexo IV gráfico XII

⁵² Ver Anexo IV gráfico XIII

⁵³ Ver Anexo IV gráfico XIV

Já de uma forma mais generalizada, e para terminar o inquérito, tentamos perceber se houve de alguma forma nas redações constrangimentos económicos. Deste modo, a pergunta que fizemos foi: “Sentiu que a falta de recursos económicos afetou as peças que foram cobertas? (por si ou por outros/as)”. 45,2% não notou que houvesse constrangimentos de ordem económica na produção de notícias; contudo, e é aqui que nos focamos, 54,8% sentiu que houve acontecimentos que deveriam ter sido cobertos e não o foram por falta de dinheiro⁵⁴. Na mesma linha, fizemos a questão direcionada para os recursos humanos: “Considera que a falta de profissionais afetou as peças que foram cobertas? (por si ou por outros/as)?” mais uma vez, mais de metade dos inquiridos, mais concretamente 58,1%, afirma que não houve cobertura mediática de algum assunto por parte de determinado órgão porque não há pessoas suficientes para chegar a todos os acontecimentos; em sentido inverso, 41,9% responderam nunca o ter sentido⁵⁵. Parece-nos preocupante que, de uma maneira geral, se deixem de cobrir acontecimentos não por não se encaixarem nos valores-notícia ou na linha editorial do jornal, mas simplesmente porque não há recursos para se conseguir chegar a todo o lado.

2.1.2 – Análise da Editoria Local Porto

Numa tentativa de percebermos mais sobre como é construída a Editoria Local do Jornal PÚBLICO, nomeadamente a edição Porto, na qual foi feita a colaboração a propósito do estágio curricular, procuramos analisar de forma quantitativa as notícias que saíram nas páginas do jornal.

Em primeiro lugar, parece-nos importante referir que os dados que aqui serão apresentados correspondem na íntegra ao período de estágio, entre 21 de setembro e 21 de dezembro de 2015. Depois, referir que para efeitos de contagem foram considerados todos os tipos de texto noticioso, da reportagem à breve. Os dados disponibilizados nos gráficos, em anexo, correspondem aos totais de artigos. Os valores em percentagem serão apresentados nas análises e considerações que fizermos a esses mesmos gráficos. Por último, importante referir que, na tabela de contabilização em

⁵⁴ Ver Anexo IV gráfico XV

⁵⁵ Ver Anexo IV gráfico XVI

anexo⁵⁶, haverá quatro variáveis analisadas: i) autor das notícias; ii) a temática em que se insere; iii) a localização geográfica a que corresponde a notícia; iv) e ainda o espaço que ocupa na página.

Em relação às temáticas, é importante salientar a forma como foram definidas: a editoria *Local* tem a particularidade de incluir notícias que se poderiam encaixar em todas as outras editorias do jornal, mas cujo âmbito é mais regional que nacional. Assim, tentamos reduzir as temáticas a “Sociedade”, quando se trata de assuntos de cariz social, como por exemplo cheias ou incêndios, saúde, educação, justiça, etc.; apesar de muitos casos nos parecerem híbridos entre política e sociedade, uma vez que alterações ou decisões de câmara afetam obviamente os cidadãos, optamos por categorizar como “Política” todas as notícias que tenham sido fomentadas por alterações decididas por órgãos administrativos: por exemplo, o fecho de uma escola porque uma câmara decidiu deixar de financiar tem a ver naturalmente com sociedade, mas partiu de uma decisão política, ficando por isto nesta última. Em relação à “Cultura”, incluímos coberturas de eventos, festas de localidades, bem como notícias sobre turismo; por último, na categoria “Economia” incluímos notícias diretamente relacionadas com dinheiro, investimentos e afins, mas que não sejam decisões de autarquias, uma vez que estas foram contempladas na de “Política”.

A análise quantitativa contemplou assim 230 notícias publicadas na edição impressa do jornal PÚBLICO Porto. Em primeiro lugar, parece-nos interessante perceber sobre quais temáticas incidiram tais notícias.



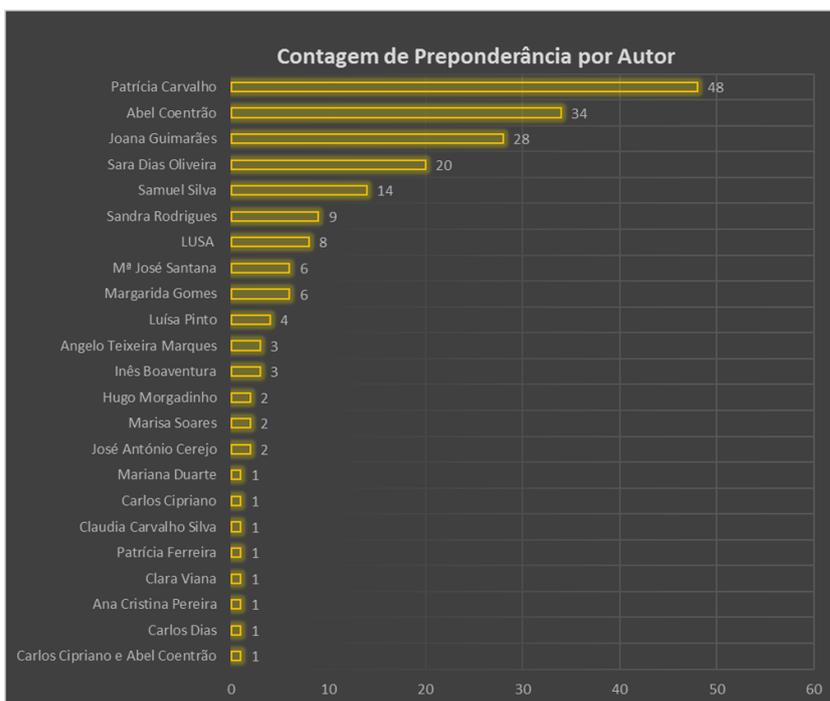
Depois de triarmos a amostra nas quatro categorias já supracitadas, pudemos concluir que há um certo equilíbrio entre todas elas – exceção feita para a *Economia*, da qual só

⁵⁶ Ver anexo VI

fazem parte 7 notícias do universo das 230, o que se traduz nuns reduzidos 3%. Contudo, devemos salientar mais uma vez que algumas notícias de outras categorias também se poderiam enquadrar nesta: as temáticas não são lineares, muitas vezes combina-se mais do que uma no mesmo texto; há até textos que conseguiram conjugar as quatro. No que toca às outras secções, aquela que mais se destaca é *Sociedade*, com 91 notícias contabilizadas (40%). Este valor justifica-se, em primeiro lugar, pela multiplicidade de assuntos que aqui são tratados, o contrário das outras hipóteses, que são mais específicas; em segundo lugar, mostra também que o *Local* se encaixa nas características que definimos anteriormente, de um jornalismo de proximidade, onde há mais espaço para histórias de vida, para notícias que envolvam a comunidade e que as façam ficar informadas e as incite a ser participativas. É aqui que estão as histórias de problemas sociais, de mudanças, de problemas de municípios que foram resolvidos ou que são, também através do jornalismo, sinalizados. Em segundo lugar na tabela temos a *Cultura*, com 69 notícias ao todo (30%). Este aspeto, numa editoria pequena como é a analisada, parece-nos muito positivo. Aliás, parecem-nos pertinentes, a esta altura, as palavras de João Figueira, que afirmava: “a cultura, para dar um exemplo gritante, que foi uma das suas [do PÚBLICO] grande apostas, há muito que á atirada para o suplemento P2, sem honras de editoria própria no jornal” (FIGUEIRA, 2012:70). Ora, apesar de não contestarmos esta afirmação, e de sabermos que hoje em dia cabe ao também suplemento Ipsilon esta cobertura alargada de temáticas culturais, parece-nos que há no *Local Porto* espaço para acolher esta temática, ainda que não colmate, de todo, as falhas que existem na cobertura de nível nacional.

Por último, em terceiro lugar temos a Política, com 63 notícias nesta temática (27%). Esta percentagem, tão próxima da anterior, mostra que as decisões de autarquias são valorizadas no espaço do jornal, uma forma de incentivar a participação pública.

Os artigos são escritos por uma variedade de profissionais, entre jornalistas da secção, jornalistas *freelancers*, jornalistas de outras secções ou estagiários. Contudo, nota-se uma maior preponderância de artigos escritos pelos jornalistas da secção, incluindo a estagiária designada no período definido.



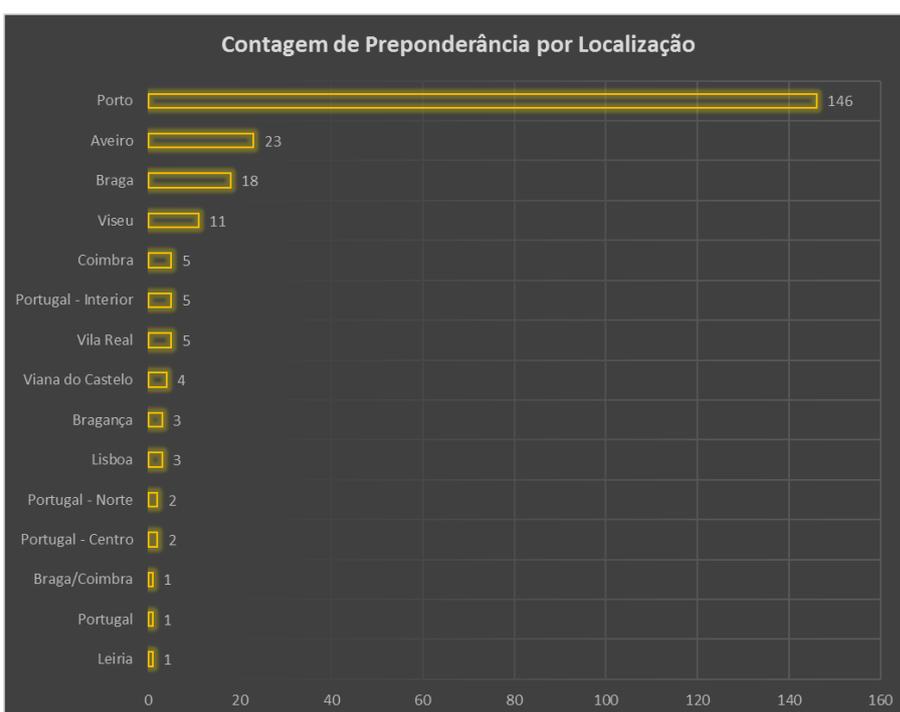
Ao todo, 110 das 230 notícias foram escritas por estes três autores, o que perfaz 47,8% do total das notícias. Deste valor, a jornalista Patrícia Carvalho escreveu 48 artigos (20,9%), o jornalista Abel Coentrão 34 (14,8%), e a jornalista-

estagiária Joana Guimarães escreveu 28 artigos (12,2%). Destacamos ainda o papel dos correspondentes do jornal, trabalhadores em regime *freelancer*, aos quais pertence 18,5% da produção noticiosa, sendo que a jornalista Sara Dias Oliveira tem 20 artigos publicados no período definido (8,6%), o jornalista Samuel Silva 14 artigos (6%) e a jornalista Sandra Rodrigues 9 artigos (3,9%). Estes dados mostram-nos que o *Local* não tem jornalistas suficientes e que é preciso recorrer aos *freelancers* para cobrir acontecimentos aos quais os jornalistas do quadro não conseguem chegar; para além disso, é notório que cabe aos mesmos jornalistas de quadro preencher a maioria das páginas da secção. Em entrevista, Patrícia Carvalho corrobora estas afirmações, ao afirmar que os primeiros aspetos que mudaria na redação do Porto seriam “contratar mais jornalistas, dar mais força ao noticiário local, garantir meios para se poder desenvolver um trabalho multimédia a sério”⁵⁷. Esta última parece-nos pertinente para o desenvolvimento de todo um outro estudo, mas parece-nos que, apesar da imposição do online, esta ferramenta mostra-se mais como um meio de transmitir acontecimentos em quantidade, descurando a qualidade pela falta de meios. Devemos ainda ter em consideração que os dados que nos propusemos analisar apenas contemplam a versão impressa, mas sabemos que estes mesmos três autores produziram conteúdos para o online que não foram para o papel. Ou seja, para além de se assegurar uma editoria

⁵⁷ cf entrevista no anexo III

praticamente com dois jornalistas e uma estagiária, estes profissionais tiveram ainda outras tarefas, muitas vezes em simultâneo, o que demonstra a sobrecarga de trabalho.

Parece-nos importante, neste ponto, analisar a localização a que correspondem então estas notícias. Tendo em conta que a edição Porto cobre, como já referimos, todo o território desde o norte de Portugal até aos limites de Leiria, Castelo Branco e Coimbra, e tendo em conta também que o jornalismo de cariz local se quer como um jornalismo mais próximo dos cidadãos, terão estas características reflexo na publicação do jornal?



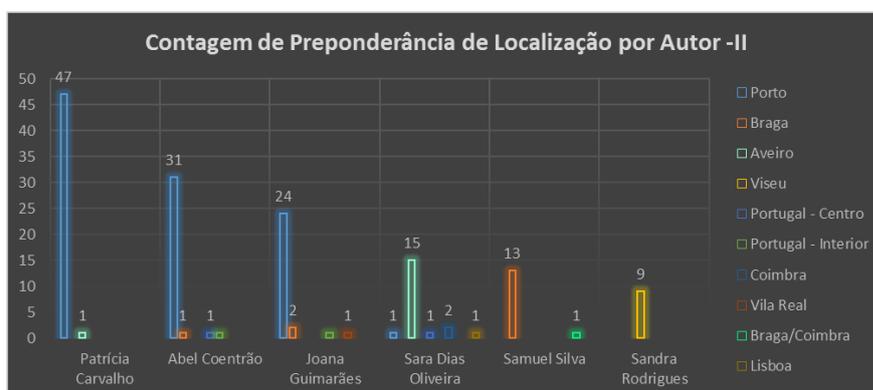
Uma análise rápida ao gráfico apresentado prova-nos aquilo que Mesquita já afirmou e já citamos: a área onde se encontra a redação é,

claramente, a área para onde reportam a maioria dos textos. Quando fizemos a triagem das notícias, tentamos dividi-las por distritos, apesar de por vezes essa distribuição ser impossível – optamos, aí, por distribuir por região ou, no limite, num híbrido entre os dois distritos a que o artigo reportava. Há ainda um caso único de uma notícia que reporta a uma dimensão nacional. Ainda assim, e sem margem para dúvidas, o distrito do Porto detém o monopólio das notícias publicadas, com 146 do universo das 230 notícias – isto equivale a 63,5% do total. Em segundo lugar, mas com grande distância, temos Aveiro, com 23 notícias (10%), seguido de Braga com 18 notícias (7,7%) e Viseu com 11 (4,7%). Depois disso, já nenhum distrito, ou mesmo as regiões, conseguem sequer chegar aos dois dígitos nas notícias. Tendo em conta que a análise foi feita durante três meses, estes dados parecem-nos claros: o jornal acaba por falhar na cobertura do “país real” ao qual tenta chegar, provavelmente por falta de profissionais.

Socorremo-nos das palavras de Ana Cristina Pereira, jornalista do PÚBLICO, para justificar tais dados: “A rede de correspondentes encolheu para o mínimo. Os jornalistas olham o país e o mundo a partir de uma ou duas cidades. Amiúde falta gente, verba, tempo para ir aos sítios.”(LOPES, 2015:87).

Ainda no seguimento desta afirmação, bem como dos dados que acabamos de analisar, parece-nos oportuno a este ponto fazer uma análise cruzada entre os autores das notícias e a localização geográfica das mesmas. Ou seja, tentamos perceber se cada autor tem um distrito sobre o qual se debruça mais nas peças que escreve.

Uma primeira análise mais generalizada mostra-nos já que existe uma maior incidência de determinado distrito para praticamente todos os autores⁵⁸. Contudo, e como nalguns casos a amostra é muito reduzida, uma vez que alguns dos autores contemplados apenas têm uma ou duas notícias, decidimos reduzir posteriormente a quantificação aos 3 jornalistas “permanentes”, onde se inclui a jornalista-estagiária, bem como os três correspondentes com maior participação no jornal. Os resultados



para os três primeiros não são surpreendentes: no caso da jornalista Patrícia Carvalho, de um universo de 48

notícias, apenas uma não é sobre o distrito do Porto; no caso do jornalista Abel Coentrão, das 34 notícias, apenas 3 não pertencem a esse mesmo distrito; e no caso da estagiária Joana Guimarães, das 28 notícias publicadas, também só 4 não são sobre a Invicta. Sobre os correspondentes, os dados mostram também a tendência para o foco num único distrito: das 20 colaborações da jornalista Sara Dias Oliveira, apenas cinco não são sobre o distrito de Aveiro; já o correspondente Samuel Silva, de Braga, apenas tem uma notícia que não corresponde inteiramente a este distrito: é uma notícia que envolve as cidades de Braga e Coimbra; por último, a correspondente Sandra Rodrigues,

⁵⁸ Ver anexo IV gráfico XVII

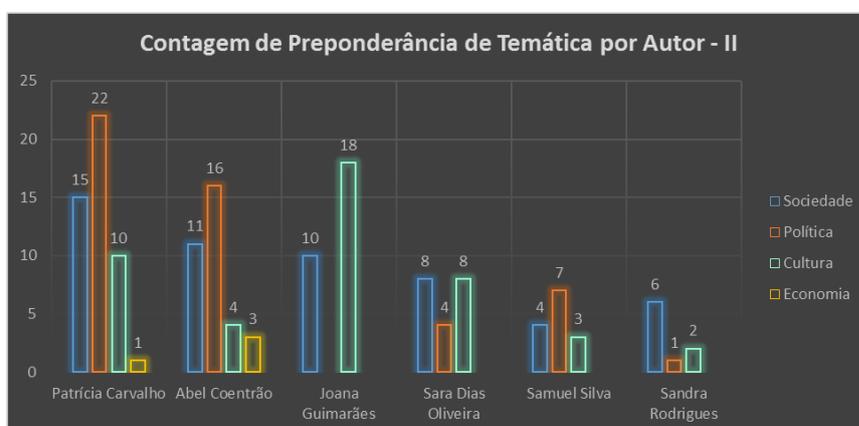
da zona centro, tem todas as suas produções noticiosas com enfoque no distrito de Viseu. Apesar de isto ser expectável, uma vez que o papel dos correspondentes é mesmo o de cobrir a atualidade noticiosa de determinados distritos, o facto de trabalharem em regime *freelancer* poderia fomentar a procura de outras peças noutros distritos, o que apenas se aplica, neste caso, à jornalista Sara Dias de Oliveira, que tem 25% da sua produção noticiosa feita fora de Aveiro, o distrito onde se insere. Os dados apresentados podem levar-nos a concluir, por um lado, que há alguns distritos com uma maior cobertura, à exceção do Porto, através do trabalho dos correspondentes, o que nos leva ao reverso da medalha: há muitos distritos que mal são contemplados numa secção que também deveria ser deles. Se o intervalo da amostra fosse reduzido, poderíamos ponderar a falta de acontecimentos noticiosos que se coadunassem com o jornalismo de referência que o PÚBLICO procura fazer; assim, tenho em conta que são três meses consecutivos, não poderemos deixar de pôr a hipótese que o jornalismo nem sempre consegue chegar onde não há jornalistas; aliás, a jornalista Patrícia Carvalho sustenta tais hipóteses: “diariamente deixamos muitos trabalhos por fazer por falta de pessoas que os possam fazer”.

Foquemo-nos agora, ainda numa relação com as localizações sobre as quais se debruçam as notícias, na temática. Haverá uma preponderância destas em função dos sítios sobre os quais são escritas? Uma primeira análise, tendo em conta a amostra, faz-nos querer que este aspeto é bastante linear.⁵⁹ Obviamente que se pegarmos em distritos com menos artigos, como o caso de Vila Real ou de Coimbra, sobre os quais seis e cinco notícias versaram, respetivamente, não obtemos dados de todas os temas: no primeiro caso, de um universo de seis notícias, três foram sobre *Sociedade* e três sobre *Cultura*; no segundo, de um universo de cinco, três foram sobre *Sociedade* e duas sobre *Cultura*. No entanto, se nos focarmos nos distritos com maior número de notícias, como no caso de Aveiro, Braga ou Viseu, podemos ver que a distribuição é bastante homogénea – exceção feita, obviamente, para a temática de *Economia*, cuja incidência nestes distritos é nula mas que, como já vimos acima, também tem um baixo valor nos totais de notícias. Caso gritante é, mais uma vez, o do distrito do Porto: para além de ser apenas neste distrito que se concentram as sete notícias de *Economia* que referíamos,

⁵⁹ Ver anexo IV gráfico XVIII

todos os outros valores são acima das 40 entradas. Isto mostra, para além da já referida liderança por localização, que há uma preocupação em cobrir acontecimentos de várias áreas. E a editoria não se limita a procurar assuntos de determinada temática, antes dá um apanhado geral deste distrito, focando questões tão transversais como acontecimentos culturais, problemas sociais, decisões administrativas ou mesmo eventos como as reuniões de câmara do Porto.

Por último, parece-nos também importante analisar qual a relação entre os autores das peças publicadas e as temáticas sob as quais definimos cada uma das notícias. Uma primeira análise, mais generalizada, faz-nos crer que há uma divisão mais ou menos equilibrada em relação a este aspeto⁶⁰. Contudo, decidimos, mais uma vez, focar-nos



naqueles autores que têm uma maior participação nas páginas de *Local*. Relativamente aos correspondentes, podemos observar que os três se

focaram, nos seus artigos, nas três temáticas que maior incidência tiveram (mais uma vez é a economia que está em falta). Recordar que estes dados vão ao encontro da relação entre localização e temática, uma vez que, como já vimos, cada um dos correspondentes tem um distrito sob o qual trabalhou mais. No entanto, ao observarmos a variável da estagiária Joana Guimarães, podemos facilmente concluir que os artigos que publicou na versão impressa se resumiram à *Sociedade*, com 10 notícias (35,7%), e à *Cultura*, com 18 notícias (64,3%); ainda em relação a estes dados, salientar que dos autores que focamos mais pormenorizadamente, esta é a única cuja percentagem de artigos dedicados à cultura é superior às outras.

Ainda na mesma análise, podemos concluir que o jornalista Abel Coentrão foi, por um lado, aquele que mais notícias cobriu de *Economia*, num total de três artigos (8,8%);

⁶⁰ Ver anexo IV gráfico XIX

o jornalista tem uma maior incidência de artigos dedicados à *Política*, com 16 notícias (47,1%), seguida de *Sociedade*, com 11 artigos (32,4%) e, ainda, quatro artigos dedicados à *Cultura* (11,8%). Da experiência em estágio, percebemos que o jornalista se dedicava sobretudo a cobrir reuniões ou decisões da câmara de Vila Nova de Gaia.

Por último, a jornalista Patrícia Carvalho tem um total de 22 notícias sobre *Política* (45,8%), 15 sobre *Sociedade* (31,3%), 10 sobre *Cultura* (20,8%) e apenas uma sobre *Economia* (2,1%). Há, mais uma vez, uma maior preponderância de artigos de política, em parte devido ao facto de esta jornalista cobrir, quase sem exceção, todas as reuniões da camara do Porto.

Sobre os últimos dados apresentados, parece-nos que a falta de notícias de *Política* noutros distritos e o grande número no Porto está diretamente relacionado com a falta de meios humanos já tantas vezes referida: por uma questão de proximidade, é mais fácil que os jornalistas da Edição Porto consigam cobrir as reuniões das duas autarquias referidas; os outros jornalistas, correspondentes, são pagos à peça, pelo que não lhes será tão vantajoso fazer a cobertura destes eventos, até porque poderá não haver nada noticiável. Seria uma perda de tempo e de recursos que não se traduziria em retorno económico, nestes casos. Ainda a este propósito, pôde testemunhar-se, durante o estágio, a um à-vontade entre os jornalistas da redação e as fontes oficiais, o que corrobora a hipótese de uma certa familiaridade com os membros das autarquias, como nos falava acima Carlos Camponez; esta proximidade leva também a uma maior facilidade em obter informações por parte dos mesmos órgãos.

Por último, e ainda num olhar sobre as peças cobertas pelos três jornalistas permanentes, pode também concluir-se que a agenda mediática dos dois jornalistas em questão não dá grande espaço a que se cubram outros eventos. Uma vez que cabe a estes dois profissionais, Abel Coentrão e Patrícia Carvalho, cobrir todos os acontecimentos na agenda mediática que são mais premeditados, como as ditas reuniões de camara, não lhes sobra tempo para cobrir outro tipo de eventos, como aqueles de cariz cultural. Este é, aliás, um dos motivos pelos quais coube à estagiária cobrir tais acontecimentos. Não carecem de um conhecimento prévio aprofundado sobre os assuntos, pelo que será mais fácil para alguém sem tanta experiência. Sobre

esta relação entre os estagiários, os profissionais, e a produção noticiosa, parece-nos importante voltar a referir a opinião do jornalista Abel Coentrão sobre a cobertura do evento do dia das bruxas⁶¹, em que o jornalista afirmou: “a notícia teve um impacto enorme (...) e foi feita apenas porque a estagiária cá estava. Uma semana antes, e aquilo transformar-se-ia em breve”. Ainda a este propósito, a jornalista Patrícia Carvalho, e num apanhado de considerações sobre os estágios, defende: “acho que é bom para as redações e bom para eles [os estagiários]. Acho que deviam ter estágios remunerados. Acho que, provavelmente, deviam circunscrever a sua presença nas redações a um determinado período do ano, para não se transformarem em “tapa-buracos” e em desculpas para não se reforçar redações depauperadas”. Esta última consideração parece-nos particularmente relevante, confirmando aquilo que referíamos acima: o estagiário, apesar de ter obviamente vantagens em trabalhar numa redação, por toda a experiência que lhe dá, acaba por ser um substituto dos jornalistas. Nesta mesma linha, e em jeito de conclusão, ecoam as palavras de Abel Coentrão ainda no seguimento da conversa sobre a notícia suprarreferida: “É preciso gente”.

01/10/2015: <https://www.publico.pt/local/noticia/geres-com-caminhada-comemorativa-do-dia-das-bruxas-1709761>

Notas Conclusivas

O jornalismo vive da mudança. Se o mundo fosse estático, se não houvesse mudança, não seria necessário o jornalismo. Não haveria nada de novo para contar. Mas todos os dias há acontecimentos novos. Acontecimentos políticos, económicos, sociais, culturais. Acontecimentos no país. No continente. No mundo. Na nossa aldeia.

Perceber estes acontecimentos, perceber se serão interesse público, investigá-los, compreendê-los, resumi-los, e divulgá-los cabe aos jornalistas. É por eles que o mundo se resume num jornal, num noticiário de uma hora, numa notícia de 2 minutos na rádio.

Ao longo deste relatório, o nosso objetivo focou-se em perceber quais são os principais entraves que os jornalistas encontram, hoje em dia, ao exercício da profissão. Numa altura em que já não há o poder da censura, em que se apela ao jornalismo livre, procuramos perceber quais seriam as amarras dos profissionais de hoje.

Ficou claro que as pressões económicas poderão ser um dos entraves ao jornalismo. Se, por um lado, os grandes agentes económicos têm o poderio dos *media*, muitas vezes, por outro é também claro que é a economia, as quebras em publicidade e em vendas de jornais que levam a despedimentos, a menos recursos humanos, que condicionam a produção noticiosa.

É necessária uma base de jornalistas forte para conseguir manter as redações a funcionar, para conseguir fazer uma cobertura ampla dos acontecimentos. Os jornalistas, poucos, têm então de fazer mais com menos: mais notícias, mais reportagens, mais entrevistas, com menos recursos. Obviamente que nesta engrenagem onde vão sendo retiradas ferramentas, alguma coisa terá de falhar: parece-nos a nós, pelos argumentos apresentados neste relatório, que falha o contacto com os outros, que falha o tempo para se investigar até ao mais ínfimo pormenor a verdade de cada história, de cada acontecimento.

Parece-nos também que falha a forma como se vão formando jornalistas, que começam o percurso nas redações já desfalcadas, sem um acompanhamento contínuo e já a praticar o famoso jornalismo de secretária, sem experiência de rua, de contacto humano. Os dados que obtivemos nos inquéritos aos profissionais de primeira viagem

parecem-nos um retrato, se bem que a uma escala reduzida, da forma como se integram novos jornalistas nas redações. Nos aspetos positivos parece-nos importante destacar a percentagem de inquiridos cuja primeira experiência foi um estágio curricular: 83,9%. Este dado mostra-nos que a prática começa logo em contexto académico, o que é de louvar. Na mesma linha, destacamos a experiência do estágio, em que 90,3% dos inquiridos afirma ter saído da redação em trabalho. Contudo, quando a pergunta se foca no trabalho maioritário que fizeram, a percentagem de inquiridos que acredita ter feito mais trabalho de rua desce drasticamente: apenas 35,5% dos inquiridos acredita ter feito mais trabalho de campo que de secretária.

Outras conclusões nos parecem de salientar, nomeadamente a perceção generalizada do trabalho de redação: Os inquiridos, pelas respostas que escolheram, parecem acreditar que os constrangimentos económicos e humanos afetam as notícias que são dadas pelo órgão de comunicação em que estagiaram. Mais especificamente, 54,8% da amostra acredita que houve peças que não foram cobertas por falta de meios económicos, e 58,1% acredita que houve acontecimentos que não foram cobertos por falta de meios humanos para o fazer.

Falha também, acreditamos, o jornalismo de proximidade. Numa editoria como *Local*, esperava-se um jornalismo próximo do contacto com o cidadão, que conseguisse integrar melhor as populações locais. Mas como pudemos verificar, esse jornalismo não é tão bem conseguido, por falta de meios humanos para dar resposta à atualidade noticiosa de todos os distritos.

Os dados recolhidos da análise quantitativa do jornal revelam isso mesmo: o jornalismo local centra-se mais no Distrito do Porto, com 63,5% das notícias. É feito, na sua maioria, por dois jornalistas, a que na análise se juntou a estagiária, e que juntos perfazem 47,6% do total da produção noticiosa. O número de correspondentes é reduzido para uma área tão grande, com apenas 3 jornalistas a fazerem colaborações com a edição e as temáticas às quais os jornalistas do quadro se reportam são maioritariamente políticas da zona do Porto – o jornalista Abel Coentrão tem 47,1% de notícias dedicadas à Política, no Porto, e a jornalista Patrícia Carvalho tem um total de 45,8% da mesma temática no mesmo distrito. Estes dados parecem-nos relevantes para

o contexto do Local, para a forma como ele é encarado e caracterizado e que, de certo modo, se contrapõe à forma como os vários constrangimentos o obrigam a ser praticado.

Por último, acabamos como começamos. Falta tempo para o jornalismo de investigação, falta tempo para se investigar. O online faz com que caiba toda a informação que quisermos num único lugar. Cabem lá todas as notícias, todas as histórias. Mas o seu imediatismo é simultaneamente a sua maior qualidade e o seu maior defeito. Cabe tudo, na hora, lá. Mas falta tempo.

Bibliografia

ANDRINGA, D. (2008). *Jornalismo, profissão em mudança*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

APCT (2016) “Análise Simples”.

http://www.apct.pt/Analise_simples.php (Consultado a 29 de Maio de 2016)

CAMPONEZ, C. (2002). *Jornalismo de proximidade*. 2ª ed., Coimbra: Edições MinervaCoimbra.

CORREIA, J. (1998). “Jornalismo regional e cidadania”. Covilhã: Universidade da Beira Interior www.boocc.pt (consultado a 15 de março de 2016)

CERQUEIRA, M. (08/04/2016) “Angelina Jolie. A anorexia que põe fim a um reinado de beleza” *Jornal I*

<http://ionline.sapo.pt/503683> (Consultado a 9 de Abril de 2016)

DEL BIANCO, N. R. “A Internet como fator de mudança no jornalismo”

<http://booc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf> (consultado a 7 de fevereiro de 2016)

FIGUEIRA, J., (2012). *A imprensa portuguesa (1974 – 2010)*. Coimbra: Editora Angelus Novus

GRADIM, A., (2000). *Manual do Jornalismo*. Covilhã: Instituto da Comunicação Social

GUERREIRO, P. (01/04/2016) “*The Times* e *The Sunday Times* dizem adeus à notícia de última hora” PÚBLICO

<https://www.publico.pt/tecnologia/noticia/the-times-e-the-sunday-times-dizem-adeus-a-noticia-de-ultima-hora-1727748> (Consultado a 6 de Abril de 2016)

HENRIQUES, A. (05/07/2014) “Lei que impede estagiários de assinar artigos “visa impedir pessoas de trabalhar de graça” PÚBLICO

<https://www.publico.pt/sociedade/noticia/lei-que-impede-estagiarios-de-assinar-artigos-visa-impedir-pessoas-de-trabalhar-de-graca-1661700> (consultado a 27 de Abril de 2016)

HENRIQUES, A. (04/07/2014). “Jornais que publiquem textos assinados por estagiários arriscam multa” PÚBLICO

<https://www.publico.pt/sociedade/noticia/jornais-que-publiquem-textos-assinados-por-estagiarios-arriscam-multa-1661566> (Consultado a 27 de Abril de 2016)

LOPES, F., (2015). *Jornalista profissão ameaçada*. Lisboa: Alêtheia Editores.

MESQUITA, M., (2004). *O quarto equívoco – o poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra

MORAIS, C. (05/04/2016) “Angelina Jolie estará hospitalizada e a lutar pela vida” Jornal de Notícias

<http://www.in.pt/pessoas/in/interior/angelina-jolie-estara-hospitalizada-e-a-lutar-pela-vida-5111113.html> (Consultado a 9 de Abril de 2016)

NOBRE, A. (17/03/2016) ““Diário Económico” fecha edição em papel esta sexta-feira” EXPRESSO

<http://expresso.sapo.pt/economia/2016-03-17-Diario-Economico-fecha-edicao-em-papel-esta-sexta-feira> (Consultado a 7 de Abril de 2016)

PAQUETE DE OLIVEIRA, J.M. (26/10/2014) “O PÚBLICO digital e em papel”. PÚBLICO

<https://www.publico.pt/portugal/noticia/o-publico-digital-e-em-papel-1674120>

(Consultado a 31 de Maio de 2016)

PORDATA (09/10/2015) “Jornais e outras publicações periódicas: edições, tiragem, circulação e exemplares vendidos – Portugal”

<http://www.pordata.pt/Portugal/Jornais+e+outras+publica%C3%A7%C3%B5es+peri%C3%B3dicas+edi%C3%A7%C3%B5es++tiragem++circula%C3%A7%C3%A3o+e+exemplares+vendidos-402> (Consultado a 18 de Março de 2016)

PÚBLICO (s.d.) “Livro de Estilo”

http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/ (Consultado a 13 de Maio de 2016)

REDAÇÃO/A.M. (05/04/2016) “Angelina Jolie pode estar a lutar pela vida no hospital”

TVI

<http://www.tvi24.iol.pt/cinema/cancro/angelina-jolie-pode-estar-a-lutar-pela-vida-no-hospital> (Consultado a 9 de Abril de 2016)

SANTOS, C. & PEIXINHO, A., (2016). “Newsletters and the return of epistolarity in digital media: The case of the Portuguese online newspaper Observador”. s.l.:In: Digital Journalism (no prelo).

S.A. (30/03/2016). “Jornal britânico 'Times' deixa de publicar notícias em tempo real no site”

<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/03/jornal-britanico-times-deixa-de-publicar-noticias-em-tempo-real-no-site.html> (Consultado a 25 de Março de 2016)

S.A. (06/04/2016) “Angelina Jolie pode sofrer de anorexia, afirmam várias publicações”
OBSERVADOR

<http://observador.pt/2016/04/06/angelina-jolie-pode-sofrer-anorexia-afirmam-varias-publicacoes/> (Consultado a 9 de Abril de 2016)

S.A. (04/04/2016) “Uma introdução à maior fuga de informação de sempre” EXPRESSO

<http://expresso.sapo.pt/multimedia/2016-04-04-Uma-introducao-a-maior-fuga-de-informacao-de-sempre> (Consultado a 7 de Abril de 2016)

TRAQUINA, N., (2007). *Jornalismo*. 2ª ed. :Quimera Editores.

VERGÉ, J. (12/02/2016) “Jornal britânico *The Independent* acaba com edição em papel”
PÚBLICO

<https://www.publico.pt/mundo/noticia/depois-de-30-anos-jornal-britanico-the-independent-acaba-com-o-papel-1723120> (Consultado a 6 de Abril de 2016)

VIEIRA, J.; MONTEIRO, D., S.D.. Dossier do Jornal Público.

VILAR, E. (28/03/2001). “Sindicato dos Jornalistas denuncia exploração de estagiários”
PÚBLICO.

<http://www.publico.pt/media/jornal/sindicato-dos-jornalistas-denuncia-exploracao-de-estagiarios-156086> (Consultado a 27 de Abril de 2016)

ANEXOS

Anexo I – Lista de contactos para ocorrências

REGISTO OCORRÊNCIAS						
CCO's - Protecção civil						
Regional - 226197651						
Braga - 253600560						
Viseu - 232484240						
Vila Real - 259301000						
PSP (RP) - 222092000						
GNR (RP) - 213217000						
213217366						
BT Porto - 223399600						
BT Feira - 256373306						
BT Braga - 253609430						
BT Maia - 229688470						
BT Aveiro - 234403820						
Bombeiros						
Sapadores Porto - 22 5073700						
Voluntários Portuenses -						
226151800						
Sapadores Gaia - 223778000						
Voluntários Porto - 222008481						
CODU - 213508108						
PJ (RP) -225582000						

Anexo II - Inquérito de estágio em jornalismo e comunicação social

O presente inquérito é feito no âmbito do relatório de estágio para obtenção do grau de mestre em Comunicação e Jornalismo, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O objetivo é perceber a forma como os estagiários e/ou jornalistas são recebidos nas redações aquando da sua primeira experiência profissional. Pede-se que não se incluam experiências em contexto académico, como meios de comunicação geridos por estudantes, meios de comunicação em que tenha colaborado de forma auto-proposta (por exemplo, textos/reportagens que tenha enviado/feito de forma espontânea) ou experiências à distância (em que o trabalho seja exclusivamente individual e gerido online).

Obrigada pela colaboração!

Joana Guimarães

1- Indique a sua primeira experiência profissional

Estágio curricular

Estágio profissional

Emprego

2- Indique o ano em que ocorreu

2016	2009	2002
2015	2008	2001
2014	2007	2000
2013	2006	
2012	2005	
2011	2004	
2010	2003	

3- Indique o tipo de meio de comunicação

Televisão

Rádio

Imprensa

Online

4- Teve acompanhamento sistemático como forma de integração na redação?

Sim

Não

5- Trabalhou em conjunto com outros profissionais antes de desenvolver peças sozinho/a?

Sim

Não

6- Saiu para procurar histórias/cobrir acontecimentos/entrevistar pessoas?

Sim

Não

7- De uma maneira geral, considera que fez mais trabalho em campo ou de secretária?

Trabalho em campo

Trabalho de secretária

8- Qual o meio privilegiado para contactar fontes?

Telefone

Computador

Pessoalmente

9- Sentiu que havia tempo para acompanhar as pessoas menos experientes?

Sim

Não

10- Considera necessário tal acompanhamento?

Sim

Não

11- Alguma vez sentiu que não havia ninguém disponível para ajudar/esclarecer dúvidas?

Sim

Não

12- Alguma vez sentiu que precisava de mais tempo para determinado trabalho e que não lho foi dado?

Sim

Não

13- Sentiu que a falta de recursos económicos afetou as peças que foram cobertas (por si ou por outros/as)

Sim

Não

14- Considera que a falta de profissionais afetou as peças que foram cobertas? (por si ou por outros/as)

Sim

Não

15- Produzia exclusivamente para o meio primordial ou para o online? (responda apenas se o meio não for exclusivamente online)

Apenas para o meio primordial (rádio/tv/imprensa)

Apenas para o online

Para ambas

16- Considera mais adequado haver profissionais dedicados exclusivamente ao online?

Sim

Não

Anexo III – Entrevista à jornalista Patrícia Carvalho

1. Percurso na profissão

- Como foi o seu percurso no jornalismo?

Estagiei no Jornal de Letras e tive a sorte de ficar a trabalhar no grupo a que pertencia este quinzenário. Desde então tenho estado sempre ocupada (o que não quer dizer sempre com emprego) em trabalho ligado ao jornalismo. Trabalhei com diários regionais e nacionais, com revistas mensais e semanais.

- Como é que entrou no PÚBLICO?

Numa altura em que estava sem emprego fixo, fui convidada para vir para o Público substituir uma colega que estava, na altura, com licença sem vencimento, a fazer um doutoramento. O contrato a prazo acabou por se transformar num lugar no quadro.

- Há quanto tempo é jornalista no Público?

Entrei em 2008.

- Quais são as principais diferenças que nota desde o ano da sua entrada para o jornal e o presente?

Sem dúvida, a importância do online. A forma como trabalhamos hoje, em que todo o conteúdo é, à partida, para disponibilizar imediatamente ao online, era algo que não acontecia na altura. E com isso, tudo o que essa mudança acarreta – a colocação dos textos directamente numa plataforma, a nova linguagem de montagem da notícia (colocar links, tags, vídeos ou fotos)...

- No exercício da profissão, quais são os principais constrangimentos que sente?

É um constrangimento inerente a praticamente todas as redacções. Os jornais têm cada vez menos jornalistas, o que deixa cada vez mais áreas a descoberto. E, em simultâneo, a cada jornalista é exigido agora um conjunto de funções e competências que acabam por lhe roubar tempo para se dedicar exclusivamente à procura de notícias ou à escrita de reportagens (como toda a dinâmica do online de que falava).

Junte-se a isto a precariedade e as más condições a que grande parte dos jornalistas está sujeito e pode dizer-se que a vida não está fácil.

- Algumas vez deixou um trabalho por fazer por constrangimentos económicos/políticos?

Não. Mas diariamente deixamos muitos trabalhos por fazer por falta de pessoas que os possam fazer.

- Quais os aspetos mais positivos no exercício da profissão?

Para mim, o jornalismo só faz sentido enquanto profissão se for algo que realmente se adore fazer, caso contrário, as condições oferecidas actualmente, não são minimamente aliciantes. Dito isto, o Público tem uma série de belíssimas razões para tornar muito cativante o exercício de contar histórias reais aos leitores, e explicar-lhes o mundo. Antes de tudo, permite-nos usar diferentes plataformas e linguagens, porque podemos desenvolver trabalhos multimédia (apesar de isto ser muito reduzido por falta de meios) e trabalhar para os diversos produtos do jornal – o diário, a Fugas, o Ípsilon. E, depois, ainda é um jornal onde a reportagem tem espaço para respirar.

- E os negativos?

A incerteza em relação ao futuro, fruto dos constrangimentos de toda a imprensa e, muito particularmente, do Público; a falta de pessoal e a fraca compensação económica.

- Quais seriam os primeiros aspetos a mudar na redação, se possível?

Contratar mais jornalistas, dar mais força ao noticiário local, garantir meios para se poder desenvolver um trabalho multimédia a sério.

2. O Jornalismo hoje

- Considera que a qualidade do jornal PÚBLICO piorou ou melhorou com as últimas mudanças (com a introdução do online, por exemplo)?

Os jornais estão melhores em muitos aspectos e piores noutros, e o PÚBLICO não é excepção. A minha opinião é que a redução das redacções, que têm cada vez menos jornalistas e a quem é exigido mais em menos tempo é a principal razão para que, em certos aspectos, os jornais estejam piores.

- E no que respeita a condições de trabalho?

A precariedade é uma realidade dos nossos dias, também no jornalismo. Neste momento, não era uma profissão que recomendasse a alguém, se o único vector a ter em conta fossem as condições de trabalho, sobretudo, no que se relaciona com a questão salarial.

- Considera que há falta de jornalistas na redacção?

Sim.

- Alguma vez sentiu que estava a cobrir um acontecimento fora da sua área?

Sim, isso acontece a toda a gente e cada vez com mais frequência. Nos piquetes online, por exemplo, que é uma realidade do PÚBLICO, o jornalista que está escalado para essa função trata qualquer tema que apareça, especialmente se isso for muito cedo ou muito tarde, quando a maior parte dos colegas está ausente.

- Como avalia a presença de estagiários na redacção?

Acho que é bom para as redacções e bom para eles. Acho que deviam ter estágios remunerados. Acho que, provavelmente, deviam circunscrever a sua presença nas redacções a um determinado período do ano, para não se transformarem em “tapa-buracos” e em desculpas para não se reforçar redacções depauperadas.

- Pensa que deveria haver mais/menos acompanhamento?

De certeza que deveria haver mais acompanhamento, mas fruto de tudo o que disse acima, isso é cada vez mais improvável.

- Considera que o facto de a editoria de local não estar presente na secção faz a diferença na forma como o trabalho se desenvolve? E na forma como é posteriormente apresentado no jornal?

Obviamente. Fui e continuo a ser contra um editor do Local centralizado apenas numa cidade. Devia existir um editor em Lisboa, para o Local Lisboa, e um no Porto, para o Local Porto.

- Considera que o online se tornou uma vantagem ou uma desvantagem para os jornalistas?

Não vale a pena colocar a questão nesses termos. O online é uma realidade e não vai desaparecer. O online poderia ser uma excelente vantagem se houvesse meios suficientes para poder trabalhá-lo em condições. Voltamos sempre ao mesmo tempo – mantas curtas não esticam e alguma parte do corpo vai ficar de fora. Quando o mesmo jornalista tem que responder ao online, ao imediato e ao mesmo tempo trabalhar fontes e procurar notícias ou motivo de reportagem, alguma coisa tem de ceder.

- Acredita que o impresso sobreviverá ao online?

Não sei responder a isso. A resposta óbvia, nesta altura, seria dizer que não. Mas a verdade é que as receitas dos jornais ainda continuam muito presas ao papel e não sei qual será o modelo de futuro. Provavelmente o papel desaparecerá, mas não sei dizer quando ou como.

- Quais seriam os primeiros aspetos a mudar na redação, se possível?

Contratar mais jornalistas, resolver injustiças salariais, contratar um editor do Local Porto.

Poderá acrescentar qualquer informação que considere relevante, quer vá ou não ao encontro do que se pretende explorar (Os constrangimentos profissionais).

Obrigada pela colaboração!

Joana Guimarães

Anexo IV – Gráficos

Gráfico I



Gráfico II



Gráfico III



Gráfico IV

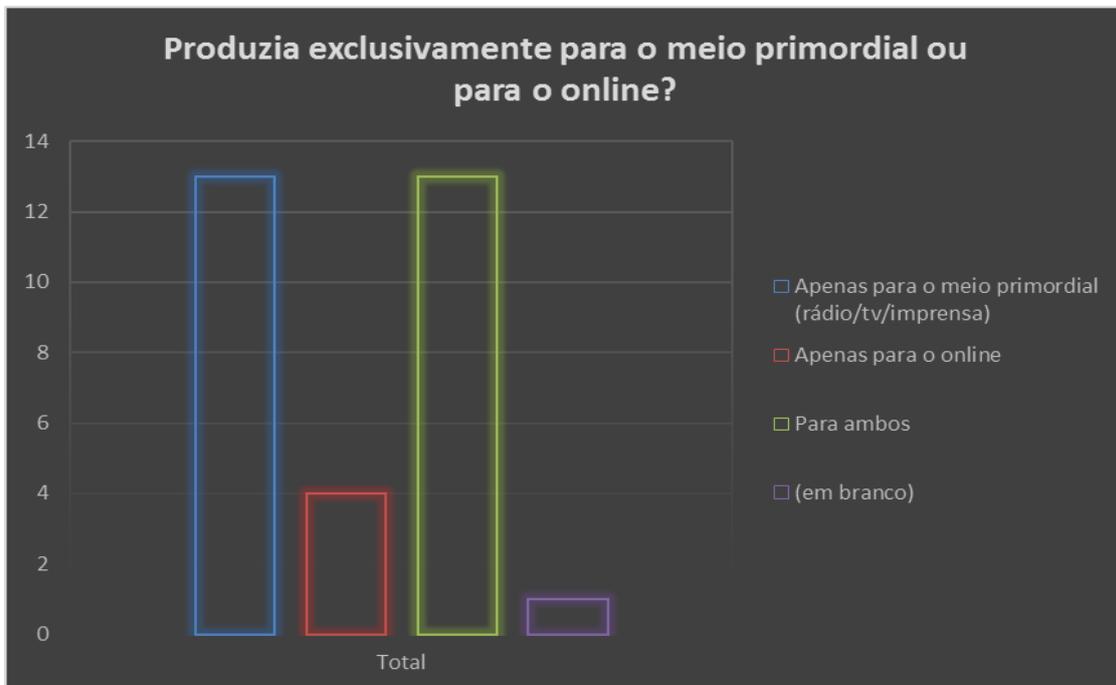


Gráfico V

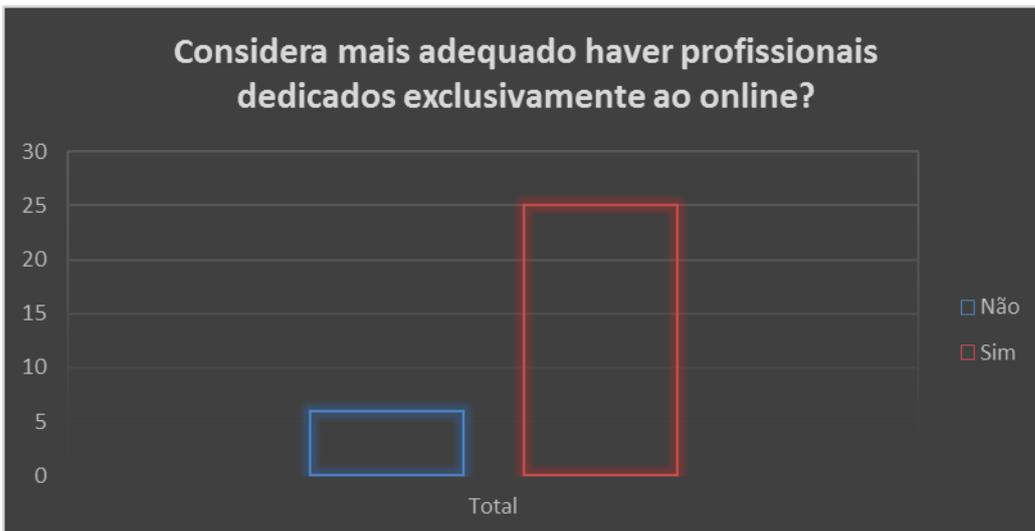


Gráfico VI



Gráfico VII



Gráfico VIII



Gráfico IX

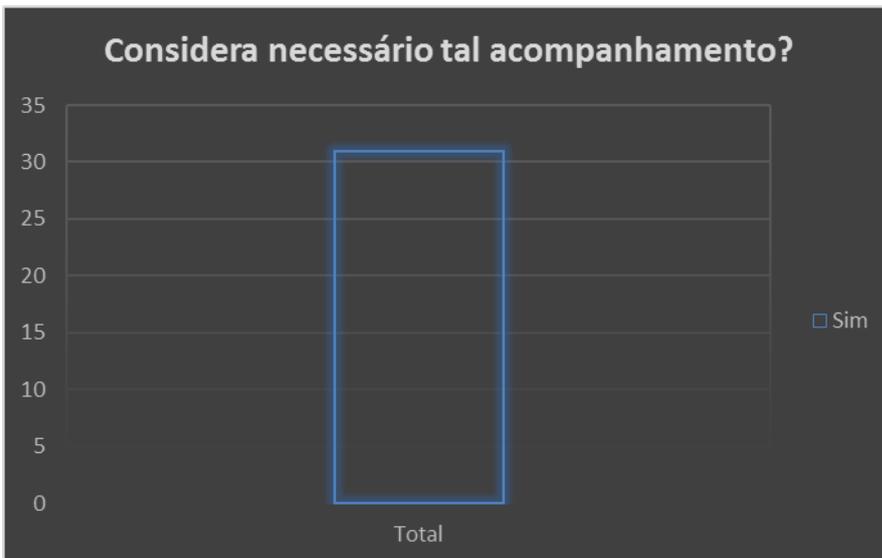


Gráfico X



Gráfico XI



Gráfico XII

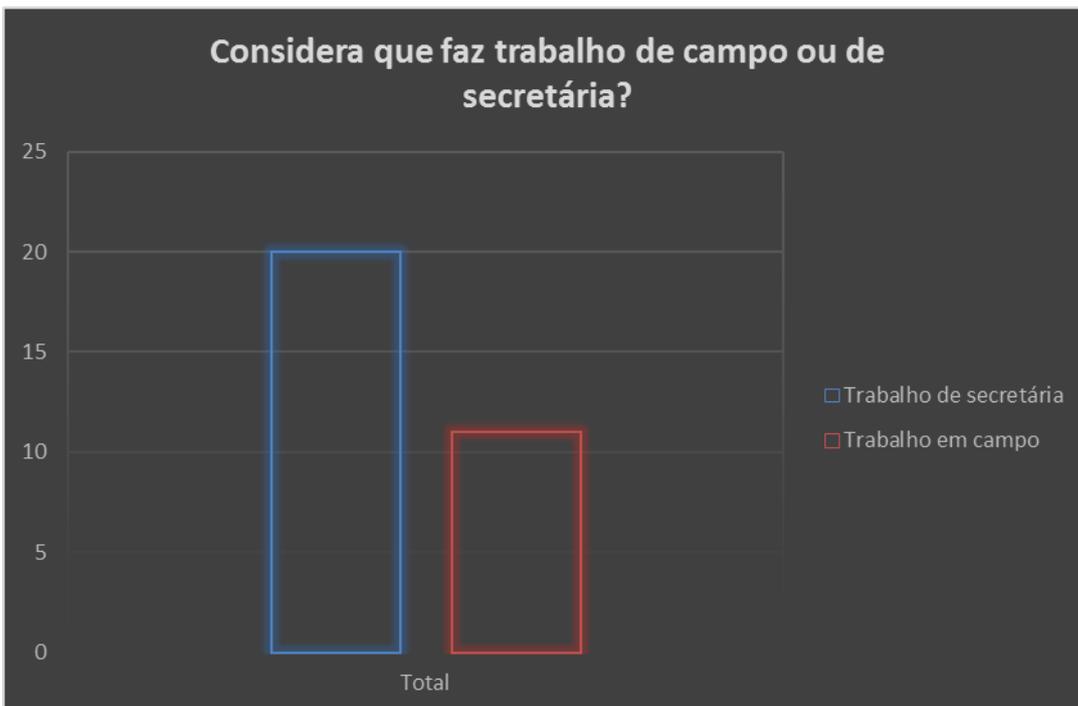


Gráfico XIII



Gráfico XIV

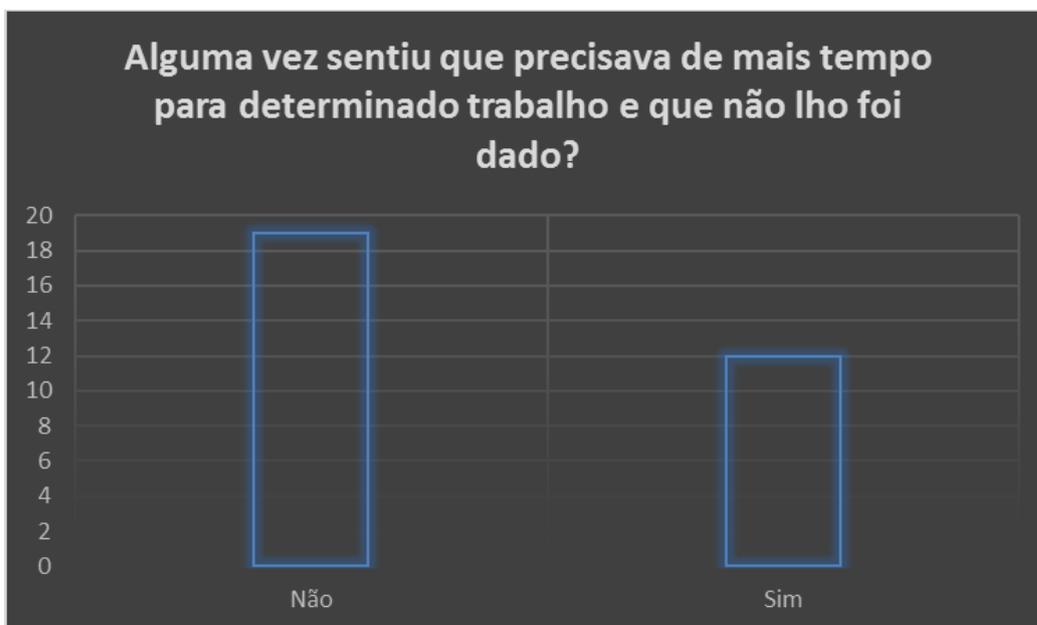


Gráfico XV



Gráfico XVI



Os constrangimentos inerentes aos jornalistas Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

Gráfico XVII

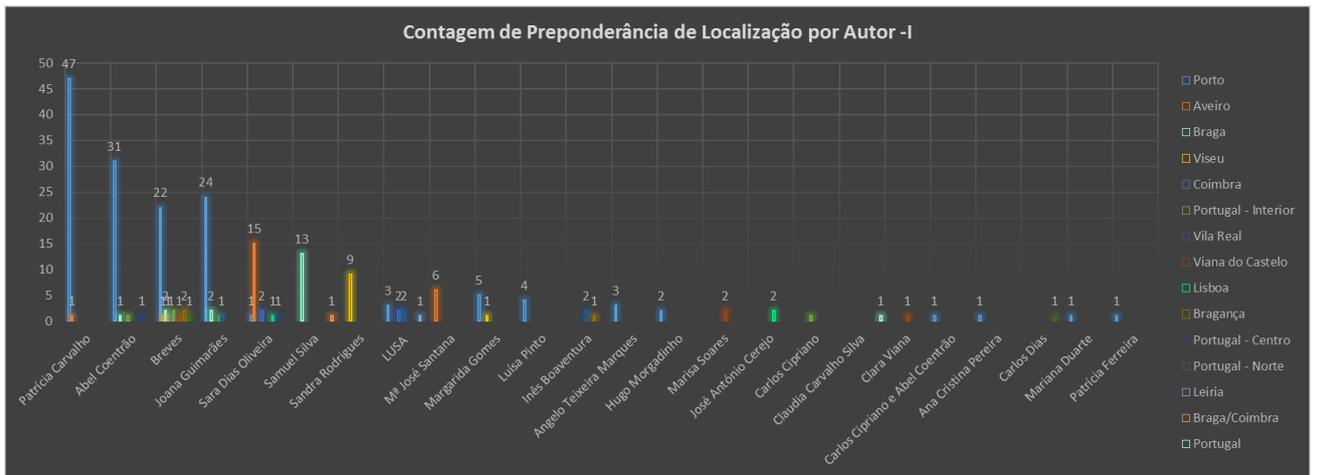
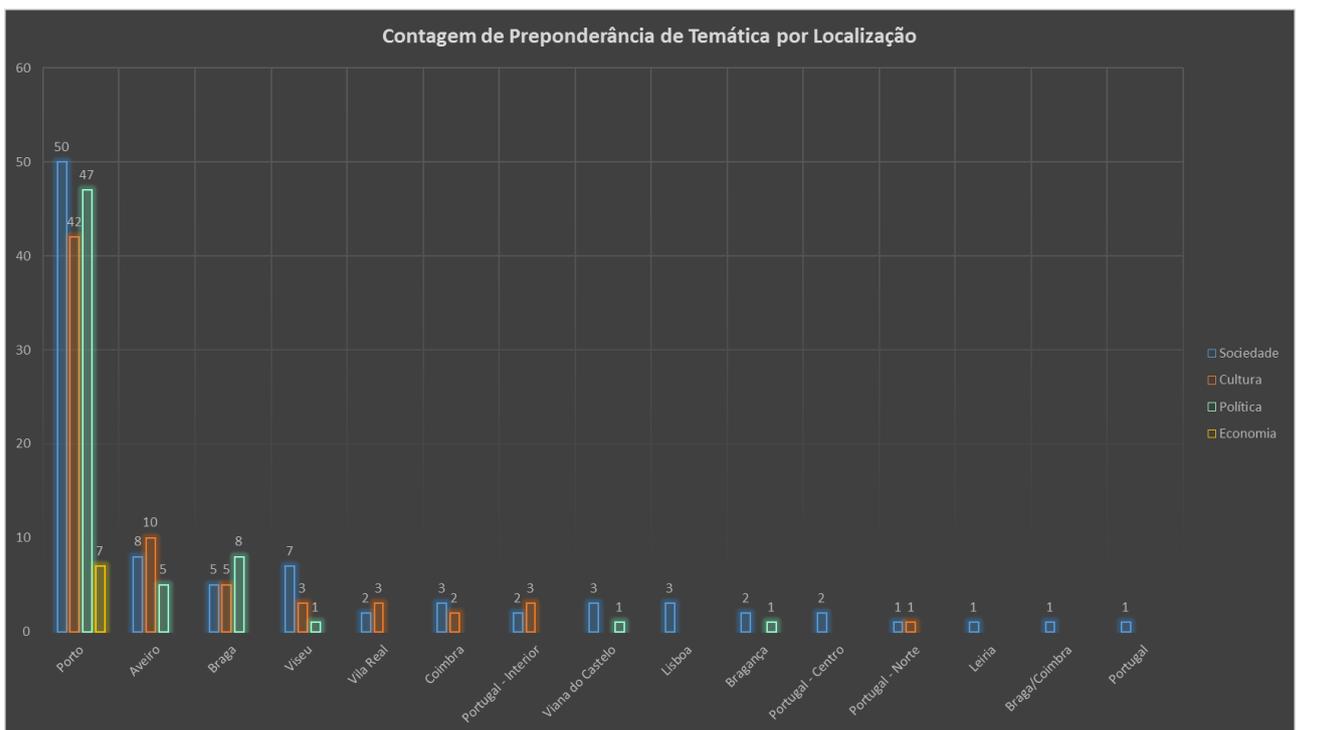
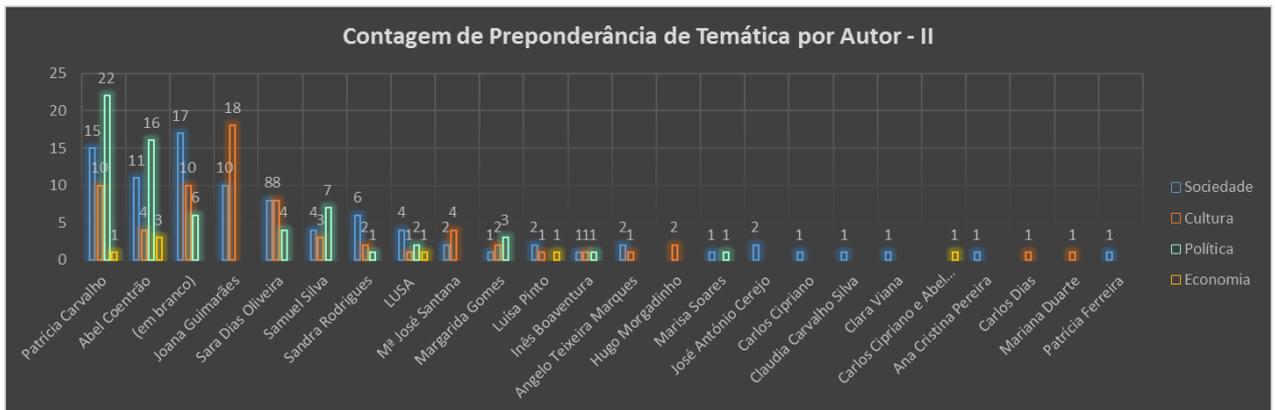


Gráfico XVIII



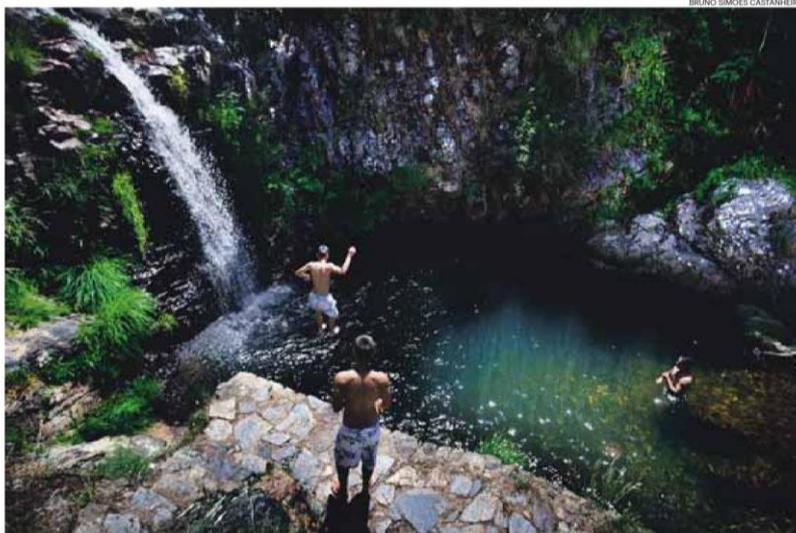
Os constrangimentos inerentes aos jornalistas
Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

Gráfico XIX



Anexo V – notícias publicadas

Notícia I



Foi criado um percurso contínuo desde Covão da Ametade, na serra da Estrela, até Constância

Nasceu uma nova rota: da nascente à foz do Zêzere, de canoa, bicicleta ou a pé

Turismo
Joana Guimarães

A Grande Rota do Zêzere inclui um percurso de 370 quilómetros que poderá ser feito de três formas distintas

A Grande Rota do Zêzere (GRZ) aranca já este fim-de-semana, com um percurso de 370 quilómetros que une a nascente à foz do rio, e que envolve um percurso que poderá ser percorrido de canoa, de bicicleta ou a pé.

Rui Simão, coordenador da Adxtur – Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto, que organiza este trajecto, salienta o carácter moldável da rota, onde os utilizadores podem escolher onde querem começar e terminar o percurso, mas também quais os pontos de interesse que poderão visitar através de ligações feitas ao trilho, “de forma a tirar o máximo partido das potencialidades da rota, a nível histórico, cultural e ambiental”.

Os trilhos da GRZ não são novos, mas são agora articulados de forma a criar um percurso contínuo desde Covão da Ametade, na serra da Estrela, até Constância, percorrendo toda a extensão do rio. A dimensão do trajecto levou à necessidade de criação de infra-estruturas, nomeadamen-

te de estações intermodais onde se poderá trocar o meio de transporte, de bicicleta para canoa, e que funcionam também como ponto inicial ou final de percurso para quem não o queira fazer na totalidade. Foram ainda construídos abrigos onde as pessoas poderão descansar, painéis informativos e leitores de paisagem onde os turistas “poderão ver as ocorrências de fauna e flora naquele espaço”, destaca Rui Simão.

Esta iniciativa, que partiu dos Amigos da Serra da Estrela, tem a contribuição dos 13 municípios que a rota atravessa, bem como da Adxtur – 15% dos fundos provêm destes parceiros. A maioria do financiamento é europeu, através do Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos (Provere). O investimento, segundo Rui Simão, “está aproximadamente no milhão de euros”. O projecto foi idealizado em 2008, num processo gradual que incluiu as aprovações de projecto, a negociação financeira e estudos de terreno.

A utilização das rotas poderá ser feita de duas formas – o utilizador poderá percorrer os trilhos de forma espontânea e gratuita, ou poderá escolher um dos programas previamente estabelecidos, onde se define qual o número de dias e os trilhos que quer. Quando questionado sobre os custos, Rui Simão refere que “há vários preços para vários programas,

mas se alguém escolher seis noites, com 12 refeições, o preço rondará os 1000 euros”.

Quanto à opção gratuita, ressalva que “os trilhos são seguros, mas convém sempre avisar que se vai fazer determinado percurso. Há alguns cuidados a ter, principalmente no pico do Verão, por causa do calor, e no pico do Inverno, pela possível subida do caudal do rio”.

Esta nova rota surge numa altura em que a procura de espaços rurais e do contacto com a natureza tem aumentado, razão pela qual Rui Simão afirma: “Sabemos que, em termos de oferta turística, temos um projecto com uma coerência macro e o objectivo é que o impacto seja maior que a nível local”, prevendo uma grande afluência à GRZ.

De forma a marcar o Dia Mundial do Turismo, dia escolhido para inaugurar o trilho, a organização da GRZ convidou alguns atletas a percorrer o traçado na íntegra, numa modalidade de estafeta em que os participantes passarão o testemunho, que conterà água dos vários pontos de passagem da rota, numa iniciativa simbólica. Nomes como o do alpinista João Garcia, do canoísta Emanuel Silva e do atleta olímpico de BTT David Rosa marcarão presença no evento, que contará com um programa de animação em alguns pontos de passagem. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia II

No Palácio de Cristal, contaram-se histórias das árvores do jardim

Património
Joana Guimarães

São inúmeros os caminhos que se podem percorrer nos jardins do Palácio de Cristal. Os percursos incluem jardins, espaços de lazer, para além do Pavilhão Rosa Mota, onde diversas actividades culturais pontuam a vida do local. A propósito das comemorações dos 150 anos dos jardins, a Porto Lazer organizou um percurso pelos principais exemplares presentes no espaço, numa caminhada pela história não só do local, como das árvores que nele habitam.

O melhor ficou mesmo para o fim: a árvore mais antiga, um *Liriodendron tulipifera*, tem mais de 200 anos e, mesmo em situações adversas, criou mecanismos para sobreviver e proliferar. O resultado é a forma inulgar do tronco, que se ergue em

grandes ramos carregados de sementes. Rui Afonso, responsável pelos espaços verdes urbanos e o guia desta viagem, refere a forma como a árvore bicentenária, numa quase personificação, se apercebe do aproximar do fim de vida, produzindo sementes de forma mais intensa para se reproduzir antes de morrer.

Há árvores de todas as idades, das mais exóticas às mais vulgares. Ainda no início, é a araucária que dá o mote, representada por um exemplar com aproximadamente 100 anos. Também as palmeiras *Washingtonia robusta* merecem referência, não tanto pela sua presença individual mas pelo conjunto que criam, motivo pelo qual esperam classificação.

A Porto Lazer procura agora formas de identificar as árvores. O projecto ficará a cargo da UTAD e estará pronto em dois anos. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO, a 26/10/2015, pg 19

Notícia IV

À noite, no Gerês, quem quer andar pelos caminhos das bruxas?

Turismo
Joana Guimarães

No dia em que o mistério e o oculto tomam conta das ruas, no Gerês aposta-se no "trilho das bruxas" que alia a história do local às lendas

São apenas cinco quilómetros de trilho, mas recheados de lendas e pedaços de história do Gerês. No dia 31 de Outubro, algumas entidades turísticas locais organizam uma caminhada que alia o contacto com a natureza à história da região, numa iniciativa cuja primeira edição se realizou o ano passado. Haverá recriação de lendas, uma queimada com conjunto e animação para celebrar a vida e afigurar as bruxas.

Em época baixa, estas actividades acabam por atrair mais turistas

à região, como sublinha o técnico da Gerês Viver Turismo, Jorge Coelho – "o impacto é superior à duração do evento, tem um impacto positivo não só na altura, mas também na captação de públicos para outras épocas".

O trilho, que começa às 21h30, terá quatro paragens pré-definidas, onde as lendas da região, que ganham um novo relevo no dia das bruxas, serão teatralizadas – "Haverá a representação d'A luz do Veiga, que se baseia na lenda de uma luz que passava ao longo do rio, que seria um fantasma de alguém desaparecido", sublinha Jorge Coelho, que acrescenta que "esta representação foi feita o ano passado, mas a versão será melhorada". O público poderá esperar outras representações, todas elas relacionadas com o sítio onde se insere a caminhada – mas o técnico de turismo prefere não revelar, fomentando assim o mistério que envolve o dia e o evento.

Há, no entanto, mais para explorar no que ao trilho diz respeito. Quem quiser percorrer este percurso pode também contar com diversas pausas para reconhecimento do território. "Vamos aproveitar para explicar elementos mais factuais dos locais por onde se passa, como é exemplo um espaço pertencente ao caminho que, pela sua proximidade com Espanha, foi em tempos uma rota de contrabando", destaca Jorge Coelho.

Ao todo, o percurso tem uma duração prevista de duas horas e meia. A organização optou por não limitar o número de inscrições, mas a expectativa é que estas ultrapassem os números do ano passado, que rondaram os 90 inscritos. "Em 20 horas tivemos já 15 inscrições. Tendo em conta que esta não é uma zona urbana, e que ainda falta um mês para o evento, o número torna-se expressivo", adianta o técnico, que acredita que o

aproximar da data e a divulgação das condições climáticas influenciarão uma inscrição mais tardia. Este é, aliás, o entrave que considera que condicionou a adesão da anterior edição, uma vez que 40% das pessoas acabaram por não aparecer devido ao mau tempo. No entanto, a actividade mantém-se, independentemente da meteorologia, como alertam no site da iniciativa.

A organização do evento resulta numa parceria entre a Câmara de Terras de Bouro, a Gerês Viver Turismo e parques turísticos da região, nomeadamente a EquiDesafios, a EquiAventura e o Parque Cerdeira.

O trilho das bruxas, gratuito para crianças até aos 12 anos e com um custo de cinco euros para os restantes, tem inscrição obrigatória através do site www.geres.pt ou na página do Facebook www.facebook.com/geresviveroturismo. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO, a 2/10/2015, pg 23

Notícia III

Literatura e moda unem-se hoje na Lello

Porto
Joana Guimarães

Na noite da Porto Fashion Week's Night Out, que reúne 28 lojas no centro da cidade, a livraria terá um programa especial

Hoje haverá um outro *glamour* no centro da Invicta. A noite da Porto Fashion Week's Night Out tem como epicentro o Passeio dos Clérigos, mas estende-se a algumas ruas adjacentes, tendo um dos seus pontos fortes na Livraria Lello.

O objectivo passa por potenciar a moda e oferecer aos transeuntes promoções e descontos, bem como para apresentar nas lojas as novas colecções. Há 28 lojas aderentes. Mas a moda não é restrita e liga-se das mais variadas formas com outras temáticas – é neste contexto que a Livraria Lello, uma das mais emblemáticas do país, se associa ao evento. Carla Ribeiro, directora de marketing, considera que a noite "será mágica: a livraria estará renovada em todo o seu conceito".

Para além de alargar o horário de funcionamento, estando excepcionalmente aberta até às 23h30, a Lello organizará visitas guiadas, bilingues, para todos os que quiserem aproveitar a noite para a conhecer. Depois de, em Julho, terem começado a cobrar uma entrada de três euros aos visitantes, que podem ser descontados em compras, a livraria abre uma excepção, permitindo a entrada gratuita no espaço. "Já queríamos implementar as visitas guiadas na livraria, mas nesta noite será uma estreia", afirma Carla Ribeiro. Sublinha, contudo, que estas visitas não serão diárias.

Numa simbiose entre a literatura e a moda, estará exposta uma criação dos Storytailors, um vestido inspirado num clássico da literatura. O espaço estará todo decorado, como sublinha Carla Ribeiro: "A livraria vai estar vestida para a festa, vai ser criada uma nova experiência livreira." Contudo, os grupos serão compostos por cerca de 30 pessoas, que terão de reservar via Facebook para poderem desfrutar da iniciativa – "Os grupos são limitados para não se perder a sensação de visita única, para que haja oportunidade de ver todos os detalhes da história, da arquitectura, das pessoas que aqui se inspiraram", reitera. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO, a 1/10/2015, pg 17

Notícia V

A Rua Ferreira Borges vestiu-se de luto para lutar contra o caos no trânsito

A Rua Ferreira Borges vestiu-se ontem de luto como forma de mostrar o desagrado contra as alterações de trânsito que afectam o local. A luta, essa, já dura há um ano e meio

Porto
Joana Guimarães

Balões espalhados pela rua, nas montras, nos postes de electricidade. Foi este o primeiro impacto de quem ontem atravessou a Rua Ferreira Borges. Nas montras, cartazes: "Excesso de tráfego rodoviário e poluição do ar e sonora, não obrigad@."

A mensagem dos comerciantes é clara – são precisas alterações à circulação do tráfego na rua, bem como um maior controlo dos autocarros turísticos que por ali passam. O Palácio da Bolsa, ao fundo da via, é passagem quase obrigatória para os turistas nacionais e estrangeiros, mas não é por isso que as vendas aumentam naquela artéria da cidade. Carmen Velosa, proprietária do Galo Louco, um estabelecimento onde inclusive se vendem recordações da cidade, confirma que "os turistas saem aqui à porta, mas com o tempo contado". "Vão visitar o Palácio da Bolsa, voltam, mas não têm sequer tempo para entrar nas lojas", razão pela qual não vê vantagens na paragem prolongada dos transportes ali.

A inércia por parte das entidades competentes preocupa os comerciantes, que não vêm respondidas as suas questões nem aprovada nenhuma das soluções que sugerem. Helena Ferreira, que na via tem o restaurante Oliver & co e ainda um gabinete de planeamento de engenharia, sublinha a falta de contacto: "Vamos vendo pelos jornais as desculpas que dão, mas ninguém nos liga. Decidimos tentar dar visibilidade, porque estamos no limite." Opinião partilhada por Carmen Velosa e que parece transversal aos comerciantes: "Não houve nenhuma medida que pudesse melhorar algum dos pontos pelos quais mostramos desagrado. Se foram estudadas alternativas, se foram projectadas soluções, nós não temos conhecimento."

Para além do congestionamento da rua, há outras consequências do fluxo de trânsito que por ali passa. Helena Ferreira realça problemas que não se limitam ao comércio: "Os escritórios da rua, se abrem as janelas, só respiram gásóleo, há três pessoas doentes desde o ano passa-



Além do intenso trânsito da rua, há outros impactos: "Os escritórios, se abrem as janelas, só respiram gásóleo e a poluição sonora também é impossível de aguentar", diz uma comerciante

do por causa dos níveis de poluição do ar, e a poluição sonora também é impossível de aguentar." A estes problemas Carmen acrescenta a questão da segurança. "Os autocarros aqui tapam toda a visibilidade, tivemos uma onda de assaltos o ano passado e ninguém via o homem a entrar porque os autocarros não

permitted", relata. Estes motivos servem de mote para uma pergunta dirigida à vereadora da mobilidade, Cristina Pimentel, da boca de Helena Ferreira: "Será que percebem que há aqui uma rua a morrer e gente a morrer?"

Apesar de a maioria dos comerciantes ter aderido ao protesto, a lo-

ja Busilis da Comunicação destoava de todas as outras por não ter qualquer sinal de adesão na sua fachada. O seu proprietário, Alfredo Costa, acredita que "esta não é a melhor forma de se resolverem as coisas, tem de se dar tempo para que as entidades competentes criem melhores condições". O lojista mostra-se

empático com a preocupação, mas exhibe também compreensão face aos motivos do problema. "A cidade está a crescer, temos mais turistas, não é possível reagir tão de repente a este boom. Ou queremos mais turistas e a cidade renovada, ou não queremos", diz.

As opiniões dividem-se quanto à afluência turística. Cristina Marujo, lojista na Casa Grande Chocolatier, defende que, "apesar de se ouvirem as notícias do aumento do turismo, no ano passado houve dias melhores do que neste". Já Alfredo Costa afirma que "não houve decréscimo, pelo contrário, o negócio tem vindo a crescer". Carmen, por seu turno, diz que, "apesar de se notar o crescimento de vendas, também é notório que quando a rua está cheia, as lojas nem são vistas".

Este problema tem já um ano e meio e começou com as alterações de trânsito no eixo Flores-Mouzinho. Na altura, os comerciantes entregaram "uma longa carta, de nove páginas, com um diagnóstico e um plano de acção para a zona", conta Helena Ferreira. "Em Outubro [do ano passado] tivemos uma reunião com o presidente, os vereadores, onde se assumiram compromissos", adianta a comerciante. No entanto, depois de um ano de espera, e com o tráfego a entupir constantemente, decidem agir, razão pela qual marcaram este protesto simbólico na rua. "Sabemos que a comunicação social faz mexer as coisas, pelo que acreditamos que a acção vai gerar algum movimento nesse sentido", admite Carmen Velosa.

Certo é que o movimento de ontem na Ferreira Borges era diferente – nem um autocarro estacionado. A polícia municipal esteve a fiscalizar a paragem dos transportes turísticos "por terem conhecimento do protesto", acreditam os comerciantes. Todavia, o assessor de imprensa da câmara, Nuno Santos, nega a relação: "Não houve nenhuma valoração motivada pelo protesto." Ainda em relação a esta luta, o assessor de imprensa considera "a acção extemporânea", uma vez que já foram debatidas as possibilidades com os órgãos competentes e a câmara afirmou estarem a ser preparadas medidas para solucionar o problema. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO, a 3/10/2015

Ninhos de vespa-asiática continuam a aumentar na cidade do Porto

Praga
Joana Guimarães

O número de casos de vespa-asiática no Porto aumentam de mês para mês. Ninhos estão a ser destruídos

Os ninhos de vespa-asiática continuam a ser uma preocupação para as autoridades portueses, pois há cada vez mais casos. Depois de, na reunião da Câmara do Porto do dia 22 de Setembro, o vereador da Fiscalização e Protecção Civil, Manuel Sampaio Pimentel, ter confirmado que, na cidade, o número de ninhos estava na ordem dos 50, ontem afirmou ao PÚBLICO que "o número está já perto dos 60".

Entre os novos casos, diz o vere-

ador, estará um ninho perto da Casa-Museu Guerra Junqueiro, a que se junta também um ninho no pólo tecnológico da Universidade do Porto (Uptec), na Praça do Coronel Pacheco.

Sampaio Pimentel garante que "estão accionados os instrumentos próprios" para o combate a esta "praga", que terá tido origem em França em 2004 depois de uma introdução involuntária na natureza desta espécie exótica, passando depois para Espanha e acabando por atingir Portugal em 2011. Na última reunião de câmara, foi aprovada a atribuição de uma verba de 30 mil euros à Associação de Apicultores do Norte de Portugal para que esta consiga dar resposta a todos os casos, uma vez que a autarquia não dispõe de meios próprios para o combate à vespa. O vereador diz que, para já, estão garantidos os meios necessários de combate. "Não

houve um único ninho de que tivéssemos conhecimento que não fosse destruído", disse.

Fonte do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto confirmou ao PÚBLICO que estes se deslocam sempre ao local quando há uma denúncia de um novo ninho, "por precaução". Somentam, no entanto, que a mediatização do caso faz com que "as pessoas, quando vêem vespas, fiquem receosas", mas que nem sempre se confirma que seja vespa-asiática.

O surto de vespa-asiática tem sobretudo incidência nos concelhos do Norte do país. Manuel Sampaio Pimentel diz que, por enquanto, a câmara tem "reagido" aos casos que vão aparecendo, uma vez que não tem conhecimento de como se pode prevenir o aparecimento de novos ninhos na cidade. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do jornal PÚBLICO, a 6/10/15, pg 17

Notícia VII

Cidadãos propõem desafios para a tecnologia resolver

Inovação
Joana Guimarães

A Desafios Porto apresentou ontem as ideias sugeridas pelos cidadãos para melhorar o município que chegaram à fase final

Mais poupança nos consumos de água ou electricidade, mais proximidade com a produção local de alimentos, maior ligação entre a forma como os cidadãos vivem a cidade e as novas tecnologias. Os portugueses responderam ao repto da iniciativa Desafios Porto, que convidou todos os cidadãos a levantar qualquer problema que vissem na cidade, e responderam em massa apresentando questões que, com soluções tecnológicas, poderiam melhorar o município.

Depois de, em Agosto, terem anunciado a recepção de mais de 300 candidaturas divididas em quatro temáticas – Saúde e Bem-estar, Mobilidade e Ambiente, Cidade Digital e Energia, a Câmara do Porto, em conjunto com os seus parceiros e patrocinadores do projecto, anunciou ontem quais os desafios que chegaram à fase final. Depois de uma selecção, quatro problemas de cada uma das áreas foram escolhidos, dos quais um de cada sairá vencedor e verá o seu problema resolvido, com um financiamento que poderá chegar aos 50 mil euros, a que se somará um apoio de consultadoria até aos 12.500 euros financiado pela Ernst & Young, a impulsionadora do desafio.

O presidente da câmara, Rui Moreira, salienta que “só um Porto inovador e empreendedor pode atrair mais pessoas”, razão pela qual considera esta iniciativa “uma prova da inovação pujante da cidade”. Na apresentação de ontem, os representantes da Nos, EDP, CEIIA (Centro de Experiência e Inovação para a Indústria Automóvel) e da Ernest & Young destacaram a importância que o projecto poderá ter para a cidade, que funcionará como “laboratório vivo”, uma vez que o objectivo será depois replicar a experiência noutras cidades. Filipe Araújo, vereador da Inovação e do Ambiente, destaca que o projecto “fixa pessoas, cria valor e cria emprego” na cidade.

Quanto aos projectos, na área da Saúde e Bem-Estar as propostas seleccionadas incluem o desenvolvimento de ferramentas para facilitar



Algumas soluções podem passar por apps

a integração necessária ao envelhecimento, um espaço no Parque da Cidade onde se possam guardar os objectos pessoais aquando da prática de exercício, uma plataforma que permita a reserva de instalações desportivas e uma plataforma de boleias para quem quer sair à noite mas não quer levar carro.

Na Energia, sugere-se um circuito que ajuda na optimização de energia da via pública, uma aplicação que meça a pegada ecológica hídrica dos cidadãos, sistemas de autoconsumo para ajudar na sustentabilidade económica e ainda ciclovias que captem energia solar para produzir electricidade para a via pública.

Já na categoria de Cidade Digital, as questões levantadas relacionam-se todas com as novas tecnologias, como os smartphones – as sugestões são de aplicações que permitam o pagamento de transportes públicos, que mostrem que eventos se estão a passar na cidade em tempo real, que indiquem quais os consumos de água, gás e electricidade e ainda que permitam comunicar às entidades competentes avarias ou intervenções necessárias no município.

Por último, na área da Mobilidade e Ambiente pede-se uma forma de produtos locais serem entregues em casa, sensores inteligentes para estacionamento que possam ser vistos em app, um sistema de aluguer de carros competitivo e ainda um sistema que ajude a perceber a circulação de veículos de emergência.

Até 15 de Outubro qualquer empreendedor poderá apresentar soluções inovadoras. Os projectos vencedores deverão ser anunciados a 15 de Novembro. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO, a 7/10/2015, pg 15

Notícia VIII



O evento foi implementado em 2012 e a última edição na cidade reuniu 10 mil participantes

Iluminando ruelas, pontes ou caves de vinho, vai-se correr à noite no Porto

Desporto
Joana Guimarães

No Meo Urban Trail, a 10 de Outubro, os participantes correm ou caminham enquanto iluminam a cidade

Percorrer a cidade à noite, com lanternas que façam efeitos de luzes nas ruas da cidade; percorrer de forma diferente locais emblemáticos da cidade; aliar o desporto à diversão e ao conhecimento da cidade – são estes os desafios do Meo Urban Trail, no próximo sábado, que volta a chamar à linha de partida os cidadãos que queiram participar na quarta edição do Porto, e cuja iniciativa se multiplica por várias outras cidades do país, nomeadamente Lisboa, Coimbra, Sintra e Leiria.

Nesta edição, o percurso inclui passagem por alguns dos lugares mais emblemáticos do centro da cidade do Porto, mas também da outra margem do rio Douro, juntando Vila Nova de Gaia ao evento através da Ponte de D. Luís e da Ponte do Infante. Sítios como o Palácio de Cristal, a Muralha Fernandina, o Jardim do Morro, as caves de vinho do Porto Taylors ou o cais de Gaia servirão como

pano de fundo aos participantes. A somar a estes locais incontornáveis, a organização assegura a passagem por “ruelas e escadinhas” das cidades, num trajeto que se afirma “emblemático” e que levará os participantes a uma experiência “de desporto e também de lazer, a não perder”, afirma o CEO da Urban Events, Jorge Azevedo.

O evento foi implementado em 2012 e a última edição na cidade reuniu 10 mil participantes, o máximo permitido, o que Jorge Azevedo considera “uma grande adesão”. Nos três anos em que o Meo Urban esteve no Porto, as inscrições esgotaram – este ano, segundo a organização, há a probabilidade de o mesmo acontecer.

Um elemento da organização explicou ao PÚBLICO que, apesar de as inscrições online estarem já perto do limite máximo, haverá “um último lote de inscrições last minute, limitado, disponível no local de entrega dos kits de participação, que será no Cais da Estiva, no dia 9 de Outubro entre as 12h e as 21h, e no dia 10 entre as 10h e as 20h30. Os percursos começam na Praça da Ribeira – às 20h começa o alinhamento, às 21h arranca a corrida e dez minutos depois a caminhada.

Quanto aos vencedores, os primeiros classificados das cinco cidades, feminino e masculino, terão direito a uma viagem ao Urban

Trail Lyon 2016, que inclui voo e inscrição.

O evento terá também uma componente criativa, com um concurso de fotografia que premiará as melhores imagens do evento, que podem ser feitas tanto com máquinas fotográficas como com smartphones. O objectivo será premiar as 10 imagens que “melhor traduzam o conceito do Meo Urban Trail”, como se pode ler em comunicado. Os prémios deste concurso vão desde garrafas de vinho do Porto, prémios Meo ou ainda inscrições para a edição de 2016.

Depois do sucesso que a iniciativa teve em Portugal, nas várias cidades onde se realiza, a organização aposta na internacionalização da marca. “O objectivo é levar o conceito de que somos detentores para Itália e geminar as cidades italianas com Portugal”, afirmam, sendo esperada a proliferação por mais cidades europeias. Com os olhos postos nesta expansão, uma comitiva estrangeira estará presente na edição do Porto deste ano.

A edição de 2015 do Urban Trail termina em Sintra, a 24 de Outubro, depois de ter passado também pelas cidades de Lisboa, Coimbra e Leiria. Mais informações poderão ser consultadas no site (www.meourbantrail.pt) ou no Facebook da iniciativa. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO, A 8/10/15, PG 14

Notícia IX



A arte urbana está a transformar a paisagem do Porto

As paredes artísticas do Porto têm visitas em Outubro

Arte urbana
Joana Guimarães

Visitas guiadas pelas intervenções artísticas espalhadas pela cidade representam um tributo à arte urbana

A Câmara do Porto e a empresa municipal Porto Lazer estão a organizar visitas guiadas, a pé, de bicicleta ou em triciclos motorizados de transporte de turistas, para mostrar as intervenções artísticas, com destaque para a arte urbana, que têm transformado a paisagem da cidade.

A iniciativa, que decorre até ao final de Outubro, vem no seguimento do projecto de arte urbana lançado em 2014 e que trouxe à cidade novas cores e mais arte de rua. Como parte do projecto, as visitas agendadas para este mês são gratuitas.

No total serão contempladas onze intervenções, das quais três serão inauguradas ao longo da iniciativa. A representação figurativa de uma personagem abstracta da cidade, denominada AN.FI.TRI.ÃO, cujo autor é Frederico Draw, e que se localiza na Avenida Vímara Perez, junto ao tabuleiro superior da Ponte Luís I, dando as boas-vindas aos visitantes da cidade, é uma das obras que serão inauguradas.

A esta junta-se a intervenção artística em caixas de energia da EDP, que já tinha começado na Rua das Flores e agora se estende ao Largo de S. Domingos, desta feita pelas mãos de Sílvia Peralta, Catarina Rodrigues e Godmess & Sem, numa parceria com a Escola Superior Artística do Porto.

Ainda como intervenção inaugural haverá um novo mural de Daniel Eime, na Rua Nova da Alfândega, onde o artista representa um habitante daquela zona ribeirinha. Daniel Eime foi considerado pelo *site* Support Street Art como um dos artistas deste género mais relevantes do ano a nível mundial.

Os percursos serão todos acompanhados – no caso das visitas pedestres serão os alunos de Artes Visuais e Artísticas da Escola Superior de Educação a fazer o acompanhamento. Já no caso dos triciclos de transporte de turistas serão os artistas cujas intervenções são visitadas a fazer o acompanhamento de quem optar por fazer os percursos desta forma. Na primeira semana, Third será o anfitrião do evento. Frederico Draw acompanhará a visita nos dias 17 e 24, ao passo que Godmess fecha o ciclo ao acompanhar os passeios de 31 de Outubro.

Para além das visitas guiadas, haverá também um percurso fotográfico, em parceria com a Embaixada Lomográfica, nos dias 11, 18, 25 e 31, e ainda um Instameet, organizado pela comunidade #igerporto durante a manhã de dia 24.

A arte urbana ganha assim uma nova dinâmica na cidade, depois de no anterior mandato autárquico ter estado envolvida em polémica, uma vez que qualquer intervenção urbana, fosse ou não arte, era eliminada das ruas do Porto.

Para usufruir destas visitas guiadas, gratuitas, os interessados deverão inscrever-se previamente. Mais informações acerca dos percursos e das inscrições no *site* www.porto-lazer.pt. **Texto editado por José António Cerejo**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO,
a 9/10/15, pg 17

Notícia X

Porto bairrista vive *À Margem da Alegria* no Matadouro Municipal

A companhia Ao Cabo Teatro apresenta, através do projecto Arquipélago, uma peça de teatro comunitário que chama a atenção para as mudanças do Porto

Teatro
Joana Guimarães

"Começo pelos outros, que são gente, que são outros, que são gente, mares de gente, rica e pobre, mas sempre gente, sempre quente". Começam pelos outros, mas percorrem, durante uma hora e meia, as vivências, as experiências, os sonhos, as lutas e as tristezas de cada um dos 22 participantes. *À Margem da Alegria* é uma experiência de teatro comunitário que está em cena às sextas e sábados até 24 de Outubro no antigo Matadouro Municipal do Porto. Mas é também uma experiência que se propôs levar a comunidade para o teatro, e não só o teatro à comunidade. Anabela Pinho, professora de 47 anos, actriz nesta peça, sintetiza: "Exportamos a humanidade para o palco". É aliás este o objectivo de Nuno Cardoso, encenador, nos projectos a que se dedica: "Quis criar um arquipélago, com grupos de todos os pontos da cidade, que transmitem uma ideia de um Porto paralelo ao Porto mais movimentado".

A dicotomia entre o Porto urbano e o Porto bairrista é, assim, um dos motes para a peça. Ao longo do espectáculo, alguém faz uma caminhada pela cidade, de transportes públicos, mas no final esquece-se do sítio de onde veio. "Este ser tem um olhar distanciado daquilo que vê pela cidade", refere o encenador. Dá-se ênfase à crítica social, ao turismo, à forma acelerada e mecânica como se vive na cidade. Crítica-se a limitação às máquinas fotográficas, aos mapas, à falta de espontaneidade. Retratam-se bandos de turistas que não aproveitam o melhor do que a cidade tem, que se cingem aos passeios turísticos. Crítica-se a marca em que o Porto se tornou, a publicidade, que impede que a cidade respire.

O Porto apresenta-se de formas muito distintas nas interpretações intercaladas dos actores Tiago Sarmento e Micaela Cardoso. A cidade é um ente acelerado, vivo, agitado, que faz alarde da sua sedução, que tanto atraí os forasteiros, na voz de Tiago Sarmento, mas transforma-se numa experiência intimista com o desabafo de Micaela Cardoso, que a descreve dando voz aos habitantes, aos que a sentem. Para Nuno Cardoso, "todo o portuense vive a cidade



Aos actores profissionais juntam-se pessoas de vários pontos do município, que partilham a sua experiência em improvisos, mas cuja vivência também foi a base para a construção do texto

como o outro membro de um casal [do qual ele próprio faz parte]. É ele ou ela e o Porto, e todos partilham essa forma de sentir a cidade".

A estes actores profissionais juntam-se pessoas de vários pontos do município, que se voluntariaram para participar e que partilham a sua vivência também foi a base para a construção do texto. Vê-se gentes das mais variadas idades. As histórias que contam, muitas vezes distintas, confluem num argumento que

se liga numa viagem pela nostalgia do passado, pelas experiências do presente. Sobretudo, há a felicidade de participar num projecto que se tornou de todos.

Do Tiago, com 22 anos, até ao senhor Renato, com 94, passando pela D. Lurdes, a D. Eva, a Paula, a Sandra, todos têm voz. A D. Maria Alice, com 92 anos, no princípio recusou participar, mas agora já afirma: "Se para o ano houber peça, quero continuar. Gosto disto. Dá-me vida!". O sentimento é quase unânime. Dos 22 acto-

relato a forma como os outros invadem a cidade.

A Sandra, de 43 anos, e a Paula, de 44, cabe a viagem pelos centros comerciais da cidade, numa interacção com o público e com os actores cheia de ironia e de crítica social. São amigas desde a infância, o que facilita a forma como improvisam de acordo com o público do dia. Como exemplo, Sandra refere o dia em que o "dr. Pizarro" [vereador da Habitação Social na Câmara do Porto] foi assistir à peça: "Sabia que conhecia a cara dele, perguntei-lhe se era da política. Quando me respondeu que sim, disse logo que estava farta deles e do Passos [Coelho, primeiro-ministro]. Cansam-me a beleza. Mas aproveitei o improviso, contei-lhe logo que tinha sido posta fora de casa, edital colado na porta. No final, fui falar com ele, disse que não estava a brincar. Ele percebeu. E disse-me para lhe ligar".

Os actores aproveitaram assim o espaço como forma de catarse. Libertam-se, ao mesmo tempo que chamam a atenção para problemas sociais, como a fome, a exclusão social, a doença. A D. Lurdes refere, a este propósito: "Na minha infância, sentia a solidariedade humana, o ajudar o outro. Agora não há isso. A vizinhança não é a mesma".

Mas em *À Margem da Alegria* os actores são como bons vizinhos — conversam, dançam, brincam, desabafam. Ajudam. Naquilo que o encenador descreve como "uma espécie de Eden" em que cada um trouxe um bocadinho de si à peça, não só com os testemunhos, mas também com o cenário. "Temos bocadinhos das casas deles, construímos um puzzle", diz.

Nuno Cardoso considera que "foi um projecto feliz". "Cruzamo-nos todos, damos uma visão do Porto que não é doce, mas é a nossa [do grupo]", explica. *À Margem da Alegria* estará em cena nos dias 16 e 17, no antigo Matadouro Municipal. A entrada é gratuita, mas sujeita a reservas. Na última semana, foi Renato a dar o apito final, ao marcar mais um penalti. Esta semana, o fim da peça não terá o mesmo protagonista, mas a mesma certeza — que todos sairão a festejar, numa ode ao Porto bairrista que, lamentam, se esteja a perder, e que ali recordam e aclamam com a alma de um verdadeiro portuense. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO, a 15/10/15, pg 15

Notícia XI

A arte urbana que o Porto estranhou mas que agora entranhou

A PortoLazer e a Câmara do Porto dão a conhecer a arte urbana que invadiu a cidade através de passeios organizados em parceria e que levam os turistas – ou os portuenses – a percorrer estes murais artísticos

Turismo
Joana Guimarães

Levantou a cabeça hoje, enquanto ia para o trabalho? Tirou os olhos do telemóvel? Se mora no centro do Porto, e se nunca olhou bem para as fachadas dos prédios, talvez deva repensar os seus gestos. A *street art* pontua já em vários locais do município e, durante Outubro, ganha uma *tour* que poderá ser feita de bicicleta, a pé ou de *tuk tuk*.

Num passeio de *tuk tuk*, por exemplo, poderão ser vistos 11 conjuntos de peças. De prédios devolutos a caixas de electricidade, as intervenções espalham-se por várias zonas, com temáticas diversas, mas sempre com o mesmo intuito – levar a arte para as ruas.

O passeio começa no mural da Rua da Madeira, feito com 3000 azulejos, onde se faz a pergunta “Quem és, Porto?” O projecto do Mais Menos juntou os azulejos feitos em *workshop* na Escola Superior de Educação, em que “cada um dos participantes trouxe a visão daquilo que é o Porto”, afirma Third, o anfitrião do primeiro circuito. O artista, também ele com um mural que faz parte do passeio turístico, prossegue: “Criou-se um painel com um crescente de luz, que representa também a cidade, cinzenta, mas a ganhar vida”. Segue-se um projecto internacional: em *Clouds*, os italianos Sten & Lex reproduzem as nuvens da cidade.

A visita segue até à Trindade, onde, ao lado da estação de metro, se vê o pai de Mr. Dheo a pintar a Torre dos Clérigos com uma lata de *spray*. É o fotorealismo ao serviço do *graffiti*, numa representação que milhares vêem todos os dias ao saírem do metro. Sara Reis, uma das companheiras desta viagem, destaca a importância da iniciativa: “Na correria do dia-a-dia, acabamos por não nos apercebermos destas coisas e, com estes passeios, acabamos por ser turistas na própria cidade”, sintetiza.

Já na entrada da Ponte de Luíz I, Frederico Draw recebe-nos para nos explicar a sua intervenção: “Decidi representar alguém que convidasse a entrar no Porto”. Esta obra tem, aliás, um significado pessoal – o sujeito retratado é o avô do artista, por representar para ele a vinda à cidade. “Para os outros, é um sujeito abstrac-



Na Trindade, ao lado da estação de metro, vê-se o pai de Mr. Dheo a pintar a Torre dos Clérigos com uma lata de *spray*

to, mas para mim tem significado, porque vinha aqui para ir a casa dele”, explica.

Para além das obras de apenas um artista, esta mostra dá também espaço a murais pintados em conjunto – o mural colectivo da Restauração é exemplo disto. Numa iniciativa ímpar na cidade, a PortoLazer e a câmara criaram “um mural rotativo e colectivo”, como explica Cláudia Melo, da empresa municipal, que se juntou à visita. A cada seis meses, abrem novo concurso para que os artistas possam dar vida às suas ideias. Desta segunda fase fazem parte temas tão variados como “um arrote gigante”, “um monstro gigante que absorve os barcos” ou ainda “um selo antigo com camélias e dois pombinhos, símbolos da cidade”, explica Third, autor desta última.

Já perto do final da visita, regressamos a S. Bento, para ver a *Metamor-*

fose, uma “malha de metal verde”, como descrevem os artistas. Cláudia Melo esclarece o objectivo da obra: “Tentou fazer-se uma leitura daquilo que foi a pedreira preexistente, daí as formas côncavas e convexas”.

A visita termina entre a Rua das Flores e o Largo de S. Domingos, com as intervenções nas caixas da EDP. Aqui os espaços foram também abertos a concurso, com vários intervenientes a retratar expressões populares da Invicta ou representações gráficas das ruas, dos azulejos, das flores. Sílvia Peralta, que estava ainda a criar a sua obra no momento do primeiro circuito, explicou as suas intervenções: “Numa das caixas, representei o carapau de corrida, de forma literal. Na outra, peguei na expressão ‘falar para o boneco’ e fiz uma espécie de sátira, representei uma santa”.

No final do passeio, todos se mos-

traram agradados com a iniciativa: “Uma cidade turística deve ter este tipo de atractivos, acho interessante a iniciativa, ir à rua, perseguir as imagens”, afirma Paula Santos, de 46 anos. Opinião partilhada pela filha, Bárbara, de dez: “Gosto muito mais de paredes pintadas que de paredes brancas”, afirma. A avó, Isabel Ferreira, reitera: “Andamos aqui todos os dias, mas há pormenores que nos escapam. Esta iniciativa serve para ficarmos a conhecer um pouco mais da nossa própria cidade”.

O Programa de Arte Urbana, que começou em 2014 numa parceria entre a Câmara do Porto e a PortoLazer, dá assim um novo rumo à *street art* portuense. As intervenções artísticas, que no anterior mandato eram sucessivamente banhadas de branco, vêm agora o devido reconhecimento, com as entidades competentes a apoiar este tipo de arte, através de

parcerias onde se definem espaços e se autorizam as obras. O Porto enche-se assim de cor, e não é preciso ir até a uma galeria para apreciar verdadeiras obras de arte.

Com mais de 20 reabilitações já executadas no espaço público, a PortoLazer decidiu criar estes circuitos, durante o fim-de-semana, para que os turistas, mas também os habitantes da cidade, ganhem uma outra noção de como a *street art* está a crescer e para dar outro alento aos artistas que lhe deram corpo.

Os passeios pedestres, de bicicleta e de *tuk tuk* vão realizar-se nos fins-de-semana do mês de Outubro, numa iniciativa gratuita, mas de inscrição obrigatória. Os passeios de *tuk tuk* das próximas duas semanas serão acompanhados por Frederico Draw (17 e 24 de Outubro) e por Godmess, no dia 31 do mês. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO, a 16/10/15, pg 16

Notícia XII



O incêndio entrou em fase de rescaldo ao início da tarde

Incêndio em prédio na Ribeira do Porto não causou feridos

Acidente
Joana Guimarães

Ainda não se conhece a origem das chamas. O incidente deixou os moradores desalojados

O incêndio que deflagrou na manhã de ontem na Ribeira do Porto não causou vítimas, mas os habitantes do prédio afectado pelas chamas tiveram de ser realojados. As origens do fogo, que terá deflagrado pelas 11h30, não foram ainda apuradas.

O prédio, um edifício de quatro andares, estava habitado por várias famílias, que se vêem agora sem casa. Joana Monteiro, de 27 anos, moradora do 1.º andar do prédio, dizia, aflita, ao PÚBLICO: "Moro com a minha mãe e as minhas irmãs, e não temos onde morar. A câmara tem de nos dar uma casa". O descontentamento era aliás evidente, com vários habitantes a reclamar ao vereador da Protecção Civil, Manuel Sampaio Pimentel, alterações na Ribeira do Porto. Queixavam-se, sobretudo, da falta de bocas-de-incêndio e acusavam-no de "tentar esconder" os problemas daquela zona, que é actualmente uma grande atracção para os turistas. No entanto, o vereador rejeitou as acusações: "O levantamento é feito com regularidade e onde não há falta de água, posso garantir, é na Ribeira do Porto", salienta.

Noémia Campos, de 69 anos, tinha a mãe a morar no prédio: "Não tenho casa para ela, têm de lhe dar uma casa aqui", insistia, reiterando que a progenitora "não pode ir para o bairro", referindo-se aos bairros sociais para onde muitos moradores da zona histórica foram transferidos nas últimas décadas. O actual execu-

tivo da Câmara do Porto tem repetido que essa não é a política que está agora em vigor, mas, de momento, não havia uma solução clara para estas famílias. No imediato, contudo, e como é habitual nestes casos, seriam disponibilizadas casas da Segurança Social para quem precisasse. Ao final da manhã, o vereador da Protecção Civil garantia que os serviços já estavam "a accionar os mecanismos normais e que têm respondido com profissionalismo".

A dúvida sobre a presença ou não de alguns habitantes no edifício, no momento em que o incêndio deflagrou, manteve-se durante toda a manhã. No local, corria a informação que duas pessoas costumavam "pernoitar" no último piso do prédio e o receio de que pudessem estar no interior manteve-se até os bombeiros conseguirem entrar nessa zona. Contudo, ao início da tarde, o comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto, Rebelo de Carvalho, afirmou: "Quando não temos a certeza, temos de proceder à investigação, mas confirmou-se que não havia nenhuma pessoa no prédio". Por essa altura, pelas 13h55, o incêndio já tinha entrado em fase de rescaldo, que se prolongou pela tarde.

Aos jornalistas, Rebelo de Carvalho afirmou ainda que "no interior do edifício havia material, como papel e roupa, que alimentava a carga térmica no desenvolvimento do incêndio", mas não confirmou qual a possível causa e origem do mesmo, sublinhando que a investigação será feita, como de costume, pela Polícia Judiciária.

O incêndio atraiu as atenções de habitantes e turistas, com muitos deles a manterem-se junto à Rua de Cimo do Muro a assistir à intervenção dos bombeiros. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO
a 21/10/15, pg 12

Notícia XIII

Os livros são o alimento para a mente. Mas a música também

Boa música, pessoas interessadas, uma noite de muitas surpresas. Foram estes os ingredientes do 2.º Sofar Sounds Porto, que se realizou na Livraria Lello, e que promete novas sessões em breve

Animação
Joana Guimarães

Nove e meia da noite. As luzes da Livraria Lello, surpreendentemente, continuam acesas. Pessoas à porta. O cenário é tudo menos o habitual. E está prestes a melhorar. Três concertos intimistas, para um público pré-seleccionado, em que o objectivo será o de proporcionar aos amantes da música uma experiência única. No Sofar Sounds, as pessoas candidatam-se para o evento, de acesso limitado, sem saberem onde será e quem actuará. É a magia da “música pela música”, como não se cansa de referir João Afonso, o representante da organização.

A toda a mística de um evento limitado, juntou-se na noite de quarta-feira a grandiosidade da Livraria Lello, um espaço que leva o seu nome além-fronteiras. As portas demoram-se a abrir para quem conseguiu o bilhete dourado e foi convidado para o evento. A impaciência começa a notar-se, a curiosidade a aumentar a cada minuto. A livraria, que foi já considerada uma das mais belas do mundo, acolhe no fundo das suas escadas os músicos convidados da segunda edição do Sofar Sound no Porto. O público sente-se em casa, senta-se no chão, nas escadas, encosta-se às estantes. Numa das prateleiras, lê-se: *Books are food for the mind* [os livros são comida para a mente]. Numa noite distinta, a música provou, mais uma vez, que também o é.

Às dez horas, João Afonso abre a segunda edição, contando a origem do conceito, desta vez numa casa cheia de história e de histórias: “Reza a lenda que no primeiro Sofar se ouvia o relógio de parede.” Já com o público preso ao que ainda não começou, aproveita para pedir desculpa pelo atraso, mas promete: “Vai valer a pena.”

É vale. O primeiro convidado, Guilherme Órfão, veio da Madeira para o Porto para estudar, mas não deixa as suas raízes, antes as homenageia. Acompanhado do braguinha, da viola de arame e do rajão, alterna

entre originais e músicas que todos conhecem. O público surpreende-se com a versão de *Bohemian Rhapsody*, dos Queen, inteiramente tocada com cordofones e com recurso a tecnologia, como pedais, *loop station* e *stompboxes*. O repertório, que nestes concertos tem cerca de 30 minutos, tem ainda espaço para um dueto com Daniel Pereira, um conterrâneo, e para o seu cavaquinho, que segundo Guilherme Órfão “é o pai do braguinha”. No final, Daniel elogia o jovem madeirense: “Este rapaz tem 19 anos e já é um grande músico, imaginem daqui a uns anos!”, e prossegue: “Ainda bem que temos um militante destes. Esta é a nossa cultura, e em vez de termos vergonha dela temos de trabalhar para que seja cada vez melhor, para que os nossos instrumentos, a nossa identidade, sobreviva.”

Depois de um intervalo, é a vez de Emmy Curl se instalar no fundo da escadaria. De guitarra na mão, ar dócil, com Vanessa a acompanhá-la no teclado, dispensa as apresentações iniciais e começa imediatamente com *Birds among the ocean*, um dos vários originais que apresenta, entre música portuguesa e estrangeira, novos singles ou músicas já apresentadas, homenagens à terra natal [Vila Real] ou transcontinentais. Em *Sand Storm*, Emmy procura as raízes africanas, naquilo que define como “Uma música do contacto do ser humano com a natureza. Uma música feminista, também”. O público deixa-se levar pelo repertório. Quando se esgota o tempo, fica o desejo de mais.

A noite não pode, contudo, parar. Há ainda um outro espectáculo, mais 30 minutos de intensidade que mais uma vez deixam o público de olhos fixos nos artistas. Rui Oliveira actua com DJ Deão, no âmbito do projecto *Andarilho 2.0*. As raízes desta iniciativa são, mais uma vez, inteiramente portuguesas. Rui define-se como “um cantor de canções”, mas surpreende todos aqueles que não conheciam o projecto. À sua potência vocal junta-se a arte da electrónica do DJ Deão, que Rui explica: “Senti necessidade de fazer



Sobre o Sofar Sounds

O Sofar Sounds surge em Londres depois de os fundadores se sentirem frustrados com a forma como a música era tratada. Decidem criar um conceito intimista, em que o público está interessado genuinamente na música. Organizam assim concertos secretos, onde o público só sabe o local 24 horas antes e só conhece os

artistas na hora do concerto. Procuram sempre a diversidade das bandas apresentadas, para conseguirem chegar a todos os estilos musicais. Desde 2009, já se espalhou por mais de 170 cidades, incluindo o Porto, onde decorre desde 2015. Sobre a 2.ª edição, João Afonso afirma: “As inscrições duplicaram.” Para dar uma noção do impacto, refere a cidade de Istambul:

“Num concerto para cem pessoas, houve mais de 5000 inscrições.” O objectivo passa agora por alargar pontualmente a outras cidades, como Braga, Barcelos ou Guimarães. Para já, confirmam-se mais duas edições no Porto, a 23 de Novembro e 20 de Dezembro, esta última noutra registo: “Vamos experimentar a adesão do público ao final da tarde”, avança.

Os constrangimentos inerentes aos jornalistas Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

Guilherme Órfão, Daniel Pereira, Emmy Curl e DJ Deão foram os artistas convidados nesta edição na Livraria Lello, no Porto



O público sente-se em casa, senta-se no chão, nas escadas, encosta-se às estantes. Numa das prateleiras, lê-se: *Books are food for the mind* [os livros são comida para a mente]. Nesta noite, a música provou que também o é

esta junção. As canções tradicionais por vezes parecem música anacrónica. "Esta vertente electrónica faz-me sentir que estamos em cima do tempo de hoje", sintetiza.

No final dos espectáculos, respira-se a sensação de uma noite única. Artistas, organização e público partilham do sentimento de magia que as paredes da livraria viveram. Emmy fixa a montra do espaço, ainda decorada pelo vestido dos Storytellers, enquanto reflecte: "Senti as coisas a conjugarem-se. Quando o ambiente é bonito, o artista também se inspira, e hoje senti uma constante inspiração." O local onde o evento se rea-

lizou também não lhe foi indiferente: "Senti que tinha de fazer justiça à maravilha desta arquitectura, estava com medo de não estar à altura, mas superou as minhas expectativas."

Rui Oliveira destaca também "o peso da mística da casa", e resume o evento: "As pessoas respeitaram o conceito, fizeram silêncio, desfrutaram. Foi fantástico!" Guilherme Órfão partilha desta opinião: "A atitude da plateia foi muito acolhedora, muito interessada. É o principal."

Sobre o conceito, Emmy considera que "[estas iniciativas] incitam à espontaneidade, não há nada mais honesto que isso, as pessoas vêm,

mesmo não sendo um concerto marcado, decidido. Não há nada mais bonito que isso". Esta opinião é partilhada por Rui Oliveira, que destaca a proximidade com o público: "Acho muito interessante quando as pessoas procuram este tipo de concertos, mais especiais, escondidos. São pessoas que têm muito interesse pela música, têm paixão, e o ambiente que se cria é diferente." Rui afirma também que é este público "quem partilha, quem divulga, quem fala sobre o que viu", motivo pelo qual considera este tipo de iniciativa uma vantagem também para os artistas que neles actuam.

Também no que aos projectos que ambicionam diz respeito, a opinião é unânime: continuar a fazer música. Em tom de brincadeira, Rui Oliveira afirma: "Quero continuar a viver a minha vida de forma honesta, a fazer música e a viver disso." Já para Guilherme Órfão, o desejo é "continuar a tocar quanto possível em bons palcos", salientando que o seu objectivo é "a divulgação dos instrumentos". Para Emmy Curl, que acabou de lançar o seu primeiro CD, *Navia*, o futuro passa, se possível, "por dar muitos concertos". "É o que um músico mais deseja", declara, acrescentando: "Gostava de

tocar noutras cidades. É das coisas mais gratificantes que um músico pode receber."

O relógio, que nesta noite não estava na parede e só por isso não se ouviu, tinha há muito dado as doze badaladas quando se fecharam as portas. Mas naquele dia não era o livro da Cinderela que se lia na casa de todas as histórias. Na noite de quarta-feira, contou-se uma outra história – a do dia em que a Lello abriu para que todos os cantos respirassem boa música. E em que havia uma certeza – quem ali estava, estava pelo prazer de ouvir aquilo que a Sofar Sounds tivesse para lhes dar.

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO, a 25/10/15, pg 22/23

A Marques Soares resistiu à crise da Baixa e a muitas crises do comércio

Histórica empresa familiar do Porto completa 55 anos. Em mais de meio século cresceu e diversificou a oferta dos tecidos para a confecção de roupa e o pronto-a-vestir. Lisboa continua fora dos seus planos

Comércio tradicional
Joana Guimarães

São 55 anos de história e de presença na Baixa do Porto, 55 anos de sucesso, muito espírito de resistência e de crescimento. A Marques Soares abriu a 5 de Novembro de 1960, pelas mãos de António Marques Pinho e Manuel Soares Antunes, para se tornar, ao longo de décadas, numa empresa incontornável do comércio tradicional da cidade – com portas abertas noutros pontos do país.

Os sócios fundadores já trabalhavam juntos, nos Armazéns do Norte, dos quais detinham uma quota minoritária, quando decidiram abrir o seu próprio negócio – uma loja de tecidos, que se comprometia a dar qualidade ao vestuário de quem os visitasse. Hoje, a Marques Soares cresceu não só na loja onde começou, como por outras ruas do Porto, e outros pontos do país, como Braga, Aveiro ou Beja.

Paulo Antunes, neto de um dos fundadores, explica o crescimento gradual da marca pela necessidade de “corresponder às expectativas dos clientes”. Os “fiéis à casa começaram a solicitar outros produtos”, prossegue, motivo pelo qual a Marques Soares estendeu a sua oferta, inicialmente centrada nos tecidos, à confecção de roupa. Há muito que vendem pronto-a-vestir de várias marcas e, entretanto, passaram a vender também electrodomésticos. Tudo isto num processo gradual que foi ocupando a Rua das Carmelitas e que, agora, até inclui um restaurante.

Este novo impulso destaca-se também na revitalização que a Baixa portuense tem sofrido nos últimos anos, com impacto visível na zona dos Clérigos, onde a Marques Soares se instalou em 1960. A empresa aproveitou um período de crise, em que a maior parte dos lojistas fechou os negócios da Rua das Carmelitas, para se expandir: “Houve uma fase de saída dos nossos colegas, foram deixando as lojas, e nós fomos tomando conta, até para não deixar a rua cair”, refere Paulo Antunes.

A viragem que acontece actualmente, com a revitalização da Baixa, novas lojas e novos conceitos, é



vista com agrado pela Marques Soares. Paulo Antunes recorda o período mais conturbado que viveram em fase de desertificação da zona: “Estávamos a ficar um bocado isolados.” Até por isso, o administrador aplaude o novo investimento que se faz na zona: “É uma mais-valia. O comércio não pode viver sozinho, e o facto de aparecerem colegas

comerciantes com boas marcas dá vida ao espaço.”

Paulo Antunes caracteriza o cliente típico da Marques Soares como sendo da “classe média alta, com habilitações literárias, qualificada. Maioritariamente composta por funcionários públicos”. No entanto, há cada vez mais turistas a entrar na loja, resultado do crescimento

A empresa aproveitou um período de crise, em que a maior parte dos lojistas fechou os negócios da Rua das Carmelitas, para se expandir

Quando abriu portas, há mais de meio século, a 5 de Novembro de 1960, a Marques Soares era especializada em tecidos vendidos a metro

que a cidade tem testemunhado no sector, e que tem na Livraria Lello, ali ao lado, um expoente que atrai milhares de visitantes todos os dias. “Não é o nosso negócio, mas já começa a ter algum peso em algumas secções”, acrescenta, lembrando que “há uma dúzia de anos” este tipo de clientela não existia.

Mais de meio século depois da

fundação, a empresa espalhou-se por várias cidades, mas não tem uma loja em Lisboa. Isso “implicaria uma mudança de alguns de nós para a capital. Gerimos isto de uma forma familiar, como se fosse a nossa casa, portanto, fica uma ideia já para os herdeiros.” Também as rendas elevadas e a responsabilidade que traria são factores a ter em conta. “Lisboa é uma cidade com muita oferta, não poderíamos abrir uma loja que não acrescentasse nada à cidade. E as rendas são muito elevadas para a nossa margem de negócio”, argumenta.

A dimensão da empresa já extrapolou, portanto, a do típico comércio tradicional, apesar de garantirem que a forma de atendimento ao cliente se mantém. Serafim Ferreira, funcionário na marca há 48 anos, afirma: “O segredo aqui é o carinho que se tem pelos clientes, a forma como os atendemos.” Também Albino Martins, funcionário há 47 anos, refere esse tratamento distintivo: “Os clientes é que fazem a casa, são eles o motivo pelo qual as casas sobrevivem.”

E numa casa com tão longa vida as histórias saudosistas também têm lugar. Serafim Ferreira recorda as partidas que se pregavam na altura em que entrou para a empresa, com 12 anos: “Os mais antigos mandavam-nos ir buscar os afiadores de agulhas, ou a lista de pastéis, que não eram reais.” Também Albino Martins recorda os primórdios da sua passagem pela Marques Soares: “Mandavam-me fazer recados e perguntavam-me se sabia onde ficavam os sítios. Dizia sempre que sim, eles ficavam admirados. O que fazia era ir ao polícia sinaleiro perguntar.”

O segredo para o sucesso da casa é, para Abílio Martins, “o trabalho e a dedicação, a paixão”. Tal opinião é partilhada por Serafim: “O carinho que há pelos clientes, o atendimento, são estes os ingredientes do sucesso.” Com tantos anos de casa, acompanhando o crescimento da empresa, vêem um futuro “risnho”, como o define Abílio. Paulo Antunes remata: “Queremos continuar a ser uma empresa actualizada, que crie as melhores soluções para os nossos clientes, ao mesmo tempo que garantimos o nosso posicionamento.” **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia XV

Há Peixe! e muitas outras actividades na Afurada durante quatro dias

Gaia

Joana Guimarães

A freguesia da Afurada, em Vila Nova de Gaia, recebe uma festa para a população e turistas

Comida, conversas, concertos. A Afurada é palco do Há Peixe!, um evento que decorre desde hoje até ao próximo domingo e no qual a tradição e a inovação se unem para dar mais vida à freguesia.

Todos os restaurantes da Afurada, num total de dez, decidiram aderir ao evento, pelo que terão actuações do grupo Gaia é Fado durante os quatro dias, à hora de jantar, bem como uma ementa em que o peixe é omnipresente, desde a caldeirada ao sushi.

O conjunto de actividades propostas para os quatro dias do Há Peixe!

oferece programas em espaço aberto, como é o caso do magusto, no domingo, ou ainda através da presença dos Artistas de Gaia, que estarão a pintar pelas ruas ao longo dos últimos três dias – esta actividade, contudo, poderá não se realizar devido às condições meteorológicas, como afirmou ao PÚBLICO fonte da organização. Há ainda programas em alguns locais da freguesia, como o Centro Interpretativo do Património da Afurada, onde decorrem os ciclos de conversas Procurando histórias. As tertúlias contarão com a presença de Pedro Abrunhosa, amanhã, e de José Nogueira, no sábado. No primeiro dia, serão os Blind Zero, com Marta Ren, a abrir as honras.

Durante o fim-de-semana, entre as 16h00h e as 19h00, a Douro Marina recebe uma *sunset party*. Há ainda um concerto de apresentação dos artistas do Gaia é Fado, hoje, e que nos dias seguintes estão encarregues

da animação nos espaços de restauração.

A organização preparou, ao longo dos quatro dias, a exibição de imagens e filmes, sob o título “Afurada e as Suas Vivências”. A organização explicou que serão “vídeos e imagens constantes do arquivo do Centro Interpretativo do Património da Afurada” e que estes “espelham as características da comunidade, da sua envolvente e das suas tradições”.

Este evento tem como objectivo atrair mais visitantes à Afurada, mas também oferecer actividades à população local. Fonte da organização afirmou que esperam conseguir atrair “milhares de pessoas” e que o objectivo é “colocar a Afurada no mapa na época baixa”. O presidente da autarquia de Gaia, Eduardo Vitor Rodrigues, salienta o potencial que esta freguesia tem e que deverá ser aproveitado. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO, a 5/11/15, pg 15

Notícia XVI

A tradição do azulejo reinventada na fachada do ViaCatarina

A Rua de Santa Catarina, no Porto, ganhou cor a três dimensões, com a fachada do centro comercial decorada com uma instalação que homenageia a peça de cerâmica tradicional

Porto
Joana Guimarães

Azulejos, azulejos e mais azulejos. O Porto é rico em fachadas preenchidas com este tipo de trabalho em cerâmica, um elemento quase omnipresente nas ruas do centro da cidade. Dos mais coloridos aos pretos e brancos, dos lisos aos com relevo, dos monocromáticos aos que se enchem de desenhos e representações, basta estar um bocadinho atento quando se passeia pela Baixa para ver a diversidade de fachadas em azulejo. Agora, há mais um ponto de atracção: a fachada do ViaCatarina, que se encheu de mosaicos pontagudus.

Tendo em conta o peso cultural que o azulejo tem na cidade, a segunda edição do VIArtes decidiu homenageá-lo e difundi-lo através de um projecto *AZULagir* dos artistas Alberto Vieira, escultor, e José Pedro Santos, arquitecto. "Idealizámos uma intervenção que reinventasse o azulejo português e representasse uma atitude contemporânea enraizada nessa tradição", explica José Pedro Santos. Contudo, o projecto final foi construído por muito mais do que as quatro mãos iniciais, com o público a tornar-se parte integrante do projecto, salienta o arquitecto. Desta forma, até ao final de Setembro, qualquer pessoa poderia sugerir uma forma de mosaico, que seria depois integrado na instalação. "Os participantes envolvidos no projecto sentem a obra como sua ao verem os seus padrões incorporados no painel e o resultado final reflecte a presença das pessoas, o que dá uma dimensão mais humana [à instalação]", remata.

Quem por ali passa ou mora parece aplaudir a iniciativa, que dá um ar mais vivo à rua, já de si uma das mais movimentadas e conhecidas da cidade. "Está muito engraçada e original", diz Armando Moreira, de 44 anos. "É agradável, acho que é uma forma de inovar e deviam continuar a apostar nisto", sugere. Já Deolinda Silva, de 78 anos, associa a instalação a uma época particular: "Já me faz lembrar o Natal. Consovo ver que é uma imitação do azulejo, mas traz o espírito natalício, ilumina as janelas". O escultor Alberto Vieira confirma que o tra-



Os sete mil funis que constituem os 66 azulejos vão ficar em exposição durante seis meses

"Idealizámos uma intervenção que reinventasse o azulejo português e representasse uma atitude contemporânea enraizada nessa tradição"

balho tem sido bem recebido: "A reacção do público tem sido excelente, parecendo indicar uma forte identificação com o projecto e uma compreensão bastante consensual do seu conceito".

Também os comerciantes aplaudem a iniciativa que, manifestamen-

te, capta todos os olhares. Para Luís Vieira, lojista de 28 anos, esta é "uma boa forma de atrair pessoas" para o centro comercial. No entanto, noutra loja, Francisca Cunha Santos, de 21 anos, ressalva: "Para nós, portugueses, que conhecemos bem o azulejo, associamos de imediato. Já os turistas não fazem a associação". Ainda assim, salienta: "Está um trabalho muito bem feito, cheio de cor".

Tomás Furtado, director do ViaCatarina Shopping, conta como foi o processo de selecção deste ano: "Recebemos 15 participações, todas elas com um grande nível de qualidade e criatividade e passíveis de serem implementadas". Então, porquê o *AZULagir*? "O projecto sobressaiu desde o primeiro momento pelo seu conceito criativo", defende, prosseguindo: "Os autores recorreram à imagem do azulejo, fazendo a alusão

a uma tradição secular portuguesa e, no projecto, reinventam-na através do uso de um objecto tridimensional, o funil".

O escultor Alberto Vieira explica o porquê do uso deste material: "Adequa-se à intervenção por ser um elemento plástico, que se distingue pela sua forma, variedade cromática e facilidade de fixação". Assim, a partir de uma configuração fixa do material, em posição vertical e invertida, conseguiu-se "explorar a liberdade criativa dos participantes", destaca.

Sobre a mais-valia que este tipo de iniciativas tem para o comércio, Tomás Furtado é peremptório: "Quem passa pela Rua de Santa Catarina não fica indiferente à 'nova fachada' do ViaCatarina Shopping, acaba sempre por parar para ver o impacto exterior e por entrar para saber mais". O objectivo da iniciativa passa

por "encontrar soluções inovadoras para um maior reflexo da presença do Centro na rua", ao mesmo tempo que se apresenta "uma obra de arte exposta ao público de forma natural e espontânea", acrescenta.

Os sete mil funis que constituem os 66 azulejos na fachada do ViaCatarina Shopping deverão ficar em exposição por um período de "cerca de seis meses", segundo José Pedro Santos, altura em que deverá acontecer nova edição do VIArtes. "Esta será uma iniciativa na qual continuaremos a apostar e a dinamizar", assegura Tomás Furtado. Para além dos vencedores, cuja obra teve honras de fachada, houve ainda espaço para duas menções honrosas, concretamente o projecto *Rotativa*, de Fernando Almeida, e *A Nuvem*, de Ana Rita Gomes e Francisco Silva. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO a 9/11/15, pg 16

Notícia XVII

Da monarquia à PIDE, a PSP mostra a história das suas armas

Exposição
Joana Guimarães

**No Aljube estão armas
que contam histórias da
monarquia, da república,
das forças armadas ou de
particulares**

São cerca de 200 armas, a que se somam outras tantas que irão ser leiloadas. O espólio da PSP é vasto e vai aumentando de diversas formas, seja por apreensões, seja por decisões judiciais ou mesmo doações. A importância histórica de algumas destas levou a que a instituição montasse uma exposição no edifício Aljube, onde se situa o seu comando no Porto.

O subcomissário Paulo Barros destaca "a importância histórica e museológica" de algumas das armas

expostas, por serem também uma forma de "preservar memórias". Aproveitando o leilão, a que a PSP é obrigada uma vez por ano, vai ser possível ver testemunhas de outros tempos, de alguns conflitos e do trabalho das forças de segurança.

Na exposição, é possível encontrar armas "do tempo da monarquia", explica o subcomissário, que eram essencialmente distribuídas pelos oficiais das forças armadas. Algumas, como mostra, têm inscrições que as identificam como daquela época, com um "M" e a coroa na parte superior, pertencentes ao reinado de D. Manuel II.

Há também peças dos tempos do Al Capone, disparadas entre os *gangsters* e a polícia. Há igualmente várias armas "utilizadas pela PIDE", que "eram distribuídas pelas forças de segurança", explica o subcomissário. Para além destas, muitas outras, "utilizadas nas ex-colónias",

fazem parte da exposição.

A produção de algumas das armas foi feita, segundo o subcomissário, "na antiga Fábrica Braco de Prata", em Lisboa, ao passo que outras "são de fabrico alemão". Paulo Barros explica: "Muito pela força dos conflitos, a Alemanha é uma grande potência a nível bélico." Por isso, muito do armamento que dali proveio acabou por ser aproveitado pelas forças de segurança portuguesas.

Na exposição, há também espaço para "edições especiais" que têm um grande valor para colecionadores. Para muitas destas armas já não se fabricam munições, pelo que o seu interesse, segundo o subcomissário, "é apenas museológico".

A exposição de armas está patente até ao 18 de Novembro na Praça 1.ª de Dezembro, no Edifício Aljube. A entrada é gratuita. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO a 11/11/15, pg 19

As ciências sociais vão entrar nas Bugiadas de Sobrado

Durante um ano, uma equipa de investigadores da Universidade do Minho vai documentar e estudar uma das mais originais manifestações culturais do país

Património
Joana Guimarães

Uma equipa de investigadores da Universidade do Minho vai passar parte dos seus dias em Sobrado, Valongo, atenta à preparação de uma festa anual que se esgota na tarde de 24 de Junho. Numa terra em que o alho e os manjericos são trocados por uma esfuante batalha entre mouros e cristãos, as Bugiadas são vistas como um forte elemento identitário e um património imaterial a inscrever, num primeiro momento, na lista nacional. Com a UNESCO em perspectiva.

Tudo se passa numa vila com cerca de oito mil habitantes, no concelho de Valongo, que no dia de S. João organiza uma festa. A história poderia não ser história, poderia ser só mais um apontamento no maior festejo que se vive no Norte. Mas em São João de Sobrado o feriado é só um ponto de partida para um ritual completamente diferente. A 24 de Junho, seguindo a memória de uma lenda, Bugios e Mourisqueiros juntam-se na rua para uma celebração com cerca de 800 participantes e que, durante o ano, une toda a comunidade à volta da sua preparação.

Há este lado do ritual. O do perfeccionismo da encenação, com as suas roupas cuidadosamente preparadas e as máscaras que colocam cada um no seu papel. E um envolvimento colectivo raro, nos dias que correm. Por tudo isto, e porque ainda há muito por saber, as tradicionais festas de São João de Sobrado vão ser alvo de uma investigação por uma equipa multidisciplinar da Universidade do Minho (UM), financiada pelo município de Valongo, em conjunto com a Casa do Bugio, a União de Freguesias de Campo e Sobrado.

A socióloga Rita Ribeiro, coordenadora da equipa de investigadores do Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade, explica que, apesar da importância dos antecedentes históricos da festa, esta não é a principal linha de investigação a seguir. O objectivo passa antes por perceber de que forma as transformações sociais tiveram impacto nas representações que acontecem na vila, bem como o compromisso que os habitantes assumem nesta festi-



Pretende-se que a Festa da Bugiada e da Mouriscada chegue a Património Imaterial da UNESCO

Actualmente, há cerca de 600 cristãos e 40 bugios na representação

dade, num envolvimento transversal e que dura o ano todo. "As bugiadas interceptam permanentemente a vida da comunidade e constituem um elemento fortíssimo de identidade", assinala a investigadora.

O presidente da Câmara de Valongo, José Manuel Ribeiro, salienta a

importância do estudo, que será financiado, num primeiro momento, com 30 mil euros: "O que pretendemos com este protocolo (...) é a construção de uma ferramenta poderosa (...) para que este bem cultural único no país e no mundo se possa transformar num grande vector de desenvolvimento do concelho." Rita Ribeiro sublinha a originalidade deste ritual no contexto nacional, mas explica que existe uma série de manifestações culturais com uma linha semelhante, nomeadamente no que toca à oposição entre mouros e cristãos, em vários pontos do globo, tais como na América e em África, algumas delas transportadas pelos europeus.

O estudo não escapará a um olhar sobre estas outras tradições, por forma a perceber-se o fundo cultural que as une. Mas o trabalho de documentação da festa de 24 de Junho e de todos os preparativos que a antecedem passará sempre por explorar as "múltiplas dimensões" que esta engloba, nomeadamente a nível religioso, estético e simbólico. A investigadora destaca "a exuberância de cores, de adereços, de danças, a música", que merecem uma atenção aprofundada pela forma como "se-

duzem quem assiste, mas sobretudo quem participa".

Os investigadores do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho que estão envolvidos no projecto são de várias áreas das ciências sociais, como a antropologia, a sociologia e as ciências da comunicação. O seu currículo inclui já estudos aprofundados sobre outras manifestações culturais com forte envolvimento popular, como é o caso das Festas da Sr.ª da Agonia, em Viana do Castelo, ou das Nicolinas, em Guimarães, entre outras.

Numa perspectiva mais prática, o protocolo de cooperação assinado na semana passada em Valongo prevê também um investimento em iniciativas que levem o envolvimento de Sobrado a outra dimensão, levando, por exemplo, à freguesia especialistas que possam mostrar à população perspectivas que muitas vezes escapam a quem vive a festa por dentro. Mas sempre com uma efectiva troca de experiências entre académicos e participantes. "O objectivo será que cada um contribua com algo que o outro não tem", pelo que o contributo dos habitantes será sempre valorizado.

A equipa vai também procurar envolver entidades como o agrupamento de escolas ou instituições de apoio à terceira idade, para que, como afirma, "se consiga colocar as festas no centro das atenções dos mais velhos aos mais novos". E não descurará as empresas e as autarquias, dada a importância que esta festividade tem, potencialmente, para "o tecido económico da região", segundo Rita Ribeiro.

Um dos objectivos de Sobrado é que a Festa da Bugiada e da Mouriscada chegue a Património Imaterial da Humanidade da UNESCO. O presidente da Casa do Bugio, António Pinto, considera que seria "um orgulho enorme" este reconhecimento, mas confirma, tal como Rita Ribeiro, que ainda serão necessários vários passos para lá se chegar. O protocolo assinado poderá dar solidez a este objectivo, uma vez que é necessário um estudo a fundamentar o processo. A investigadora sublinha a importância que documentação fidedigna, registos e um inventário têm para a futura candidatura. **Texto editado por Abel Coentrão**

Um conflito entre mouros e cristãos

As festas da Bugiada e da Mouriscada são uma manifestação cultural já antiga onde cristãos e mouros entram em conflito por uma imagem de S. João, que, corria o boato, teria salvado a filha do chefe dos primeiros. Vendo-se numa situação semelhante, o rei mouro pediu a estátua emprestada aos cristãos. Segundo a lenda, os mouros não queriam devolver a estátua, mas depois de um conflito, os cristãos conseguiram recuperá-la. Não havendo uma datação de quando começou, há a certeza de que a festa tem

já uma tradição secular na vila, que todos os anos atrai milhares de pessoas, nacionais e estrangeiras, para assistir ao espectáculo.

Actualmente, segundo António Pinto, há cerca de 600 cristãos e 40 bugios na representação. Apesar de algumas transformações ao longo dos tempos, a tradição de os mouros serem apenas "rapazes solteiros" permanece. Os reis são nomeados pelos seus antecessores — no caso dos bugios, com sete anos de antecedência, no dos Mourisqueiros, com três anos.

Notícia XIX

Sim, ontem foi o Dia Mundial da Sanita mas o assunto é sério

Sensibilização no Porto
Joana Guimarães

**“Dia Mundial da Sanita?”
Primeiro, o riso. Mas o
assunto é sério: um terço
da população mundial não
tem saneamento básico**

Às 14h, uma sanita chega ao centro da Praça de Carlos Alberto. Cristóvão Carvalheiros baixa as calças e senta-se. À sua volta, outros distribuem panfletos. Não, não estão a vender louças sanitárias mas sim a chamar a atenção para os riscos para a saúde que decorrem da falta de saneamento básico, um problema que afecta ainda muitas populações no mundo e que condena muitos à morte por doenças como a cólera. Por isso, ontem, era Dia Mundial da Sanita, uma efeméride instituída pela Organiza-

ção das Nações Unidas em 2013. A campanha de sensibilização que decorreu no Porto foi uma iniciativa da companhia de teatro Visões Úteis.

Apesar da chacota inicial, os números que são apresentados causam consternação em quem pára para os ouvir. Margarida Jacinto, de 39 anos, afirma: “Não fazia ideia que era o Dia Mundial da Sanita”. Os números também a chocam, pelo que considera a acção “positiva”. Sobre o evento, lamenta: “As pessoas deviam parar mais e ouvir aquilo que têm para lhes dizer”. Também o filho Rafael, apesar de ter quatro anos, já reconhece a importância de saneamento: “É muito importante termos sanitas porque sem casas de banho as pessoas ficam doentes”.

Nos 45 minutos que a *performance* durou, vários foram os que pararam para tirar fotografias, para ouvir as informações e para receber os panfletos, mas também foram muitos os

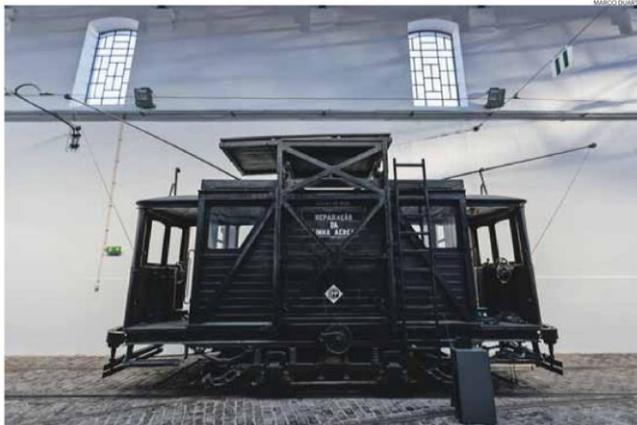
que não quiseram saber mais. Alguma preocupação com outras questões mundiais leva a que não se dê tanta importância a assuntos que não são tão levados a sério. Isabel Monteiro, de 60 anos, quando questionada acerca da pertinência da *performance*, exclama: “Com estes atentados... e há tantas crianças a morrer à fome!” Mas há também 1000 crianças que morrem por dia por doenças associadas à falta de água potável, saneamento e higiene básica.

Por seu lado, Hélio Teixeira, de 35 anos, defende ser “importante” este tipo de iniciativas, e sustenta: “[Estes eventos] são ao mesmo tempo pedagógicos e uma forma de quebrar tabus”. Quando observa os números distribuídos, desabafa: “Isto é preocupante!”.

A companhia de teatro Visões Úteis terá também em cena uma peça, *Yuck Factor*, sobre o tema. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO a 20/11/15, pg 21

Notícia XX



O museu abre amanhã ao público, embora a inauguração oficial esteja marcada para hoje ao final do dia

Interactividade e história marcam a reabertura do Museu do Carro Eléctrico

Património
Joana Guimarães

Cem anos depois de ser inaugurado, o museu abre ao público com maior oferta e mais destaque da infra-estrutura industrial

Já se imaginou a conduzir um eléctrico? Passear pelas ruas do Porto como guarda-freios de um dos mais antigos transportes públicos da cidade? O Museu do Carro Eléctrico dá-lhe essa oportunidade. Bem, não literalmente, mas através de um painel interactivo, instalado no antigo 267. A partir de amanhã, os visitantes do renovado museu poderão fazer uma visita ao comando do eléctrico, acompanhada com os tão característicos sons do transporte.

Esta é apenas uma das novidades do museu, que abre três anos depois de, por motivos de segurança, ter encerrado ao público e que celebra em 2015 o centenário da primeira inauguração. As obras foram sobretudo ao nível da recuperação do edifício, que estava em avançado estado de degradação, mas o tempo que estas demoraram foi aproveitado também para potenciar novos espaços e para incluir no museu áreas que não estavam abertas ao público.

A sala das máquinas, de onde se

produziu a energia para abastecer a rede de carros eléctricos do Porto, é agora um espaço que todos poderão visitar. Grandes painéis de onde se fazia o controlo do abastecimento dos eléctricos, máquinas que produziam ou transformavam a energia eléctrica e até uma réplica do próprio museu são alguns dos pormenores que se poderão observar. A somar a isso, surge agora um espaço renovado, próprio para albergar eventos como conferências ou congressos, com capacidade para cerca de 300 pessoas, e que poderá ser alugado.

Actualmente há, na cidade, três linhas em funcionamento, para além de seis eléctricos para serviços pontuais de aluguer. Nestes, durante o tempo em que o museu ficou encerrado, várias actividades eram dinamizadas, desde o fado a teatralizações: "Foi uma forma de levarmos o museu para a rua e não perdermos as escolas, que são o nosso principal público", refere Manuela Ribeiro, directora do museu. E é também a pensar neste público que as exposições aliam agora a tecnologia à história do local: há três painéis interactivos que contam a história e a evolução do espaço e dos 18 eléctricos que fazem parte do museu, em que o mais antigo data de 1872. Foi ainda criada uma sala própria para visitas de estudo, com cerca de 100 lugares, e que permite que "as actividades decorram no coração do museu", salienta a directora.

Os constrangimentos orçamentais não permitiram, contudo, que a obra fosse levada a outros níveis, como refere Manuela Ribeiro: "Apesar de haver outro tipo de projectos, que sugeriam uma requalificação total do edifício, a política teve de ser alterada porque não havia margem para avançar". Recorde-se que, em 2003, a Sociedade de Transportes Colectivos do Porto (STCP) pagou ao arquitecto Alcino Soutinho 160 mil euros por um projecto de requalificação do museu, projecto esse que nunca chegou a ser posto em prática. Em 2010, lança novo concurso público, do qual sai vencedor Thomas Kröger, arquitecto alemão. O projecto, que nunca saiu da gaveta, estaria avallado em 8,6 milhões de euros, um valor bem mais elevado que o utilizado na recuperação que acabou por se fazer: "o total da recuperação não chegou a atingir o milhão de euros", salienta a directora. Este valor foi maioritariamente financiado pelo QREN através do programa ON.2 e pelo programa Fundação EDP Ilumina o Património.

Os objectivos de expansão do museu não param por aqui: a direcção do espaço mostra interesse em abrir também ao público "as catacumbas" do edifício, zona que, para além de permitir o funcionamento das máquinas, servia também para arrumação dos equipamentos. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO a 27/11/15, pg 17

Notícia XXI

Uma loja para crianças onde o dinheiro não entrou

Um espaço com roupa, calçado, material escolar e brinquedos. O conceito da *street store* foi importado e adaptado às necessidades das crianças institucionalizadas do Porto, que puderam escolher o que levaram

Solidariedade
Joana Guimarães

Cerca de 120 crianças, de dez instituições de apoio social da cidade, tiveram ontem oportunidade de visitar um espaço pensado exclusivamente para elas, onde poderiam, através de *vouchers*, "comprar" aquilo que mais gostassem. O evento Kids Street Store, organizado pela associação Bairro do Amor na Quinta da Bonjóia, da fundação municipal Porto Social, contou com mais de 60 voluntários, que se distribuíam na ajuda aos clientes a escolher o que queriam comprar, os penteados que queriam usar ou as actividades lúdicas, alusivas ao Natal, que pretendiam realizar.

O evento revelou-se um sucesso, traduzido na felicidade com que aquelas crianças, muitas pela primeira vez, puderam efectivamente escolher o que queriam mesmo, sem dependerem dos donativos que chegam usualmente às instituições. Rita Aragão, responsável pelas crianças do Lar Nossa Senhora do Livramento, salienta a importância de eventos como este: "Para além das roupas, tiveram também a possibilidade de irem ao cabeleireiro, contactarem com a parte relacionada à imagem. Achámos que o conceito era muito interessante e que as meninas tinham necessidade de ter uma experiência diferente."

O lar trouxe à Street Store nove raparigas, apesar de a instituição ter a seu cargo 46. "Algumas já estão na faculdade, outras estavam nas famílias de afecto", esclarece Rita, motivo pelo qual não foram todas. A responsável refere que, de uma forma geral, as crianças institucionalizadas são vestidas com donativos e através de parcerias. Mas a possibilidade de escolha nunca é tanta como a que as raparigas encontraram na Bonjóia. Talvez por isso Rute, de 14 anos, se mostre tão entusiasmada: "Acho esta oportunidade espectacular, não é todos os dias que temos uma oportunidade destas. As pessoas são muito queridas em darem-nos estas coisas."

Os sete rapazes do Internato de S. João que compareceram estavam noutra zona do evento, onde desenvolviam uma actividade lúdica: faziam árvores e decorações alternativas para o Natal. Pedro, de 18 anos, resume o objectivo: "Isto puxa



A iniciativa foi organizada pela associação Bairro do Amor em parceria com a Câmara do Porto

pela nossa criatividade e ajuda-nos a distrairmo-nos, é um dia diferente." Jorge, de 13 anos, complementa: "Ajudaram a fazer-nos pessoas mais felizes." O responsável da instituição, Paulo Lages, sublinha a diferença que o dia fez: "Normalmente tentamos jogar com os donativos que as pessoas fazem e com o orçamento que temos, mas é complicado. Hoje, eles tiveram muito mais liberdade de

Algumas crianças puderam escolher, pela primeira vez, o que iam vestir ou usar, sem terem de se resignar com os donativos que lhes apresentavam

escolha naquilo que vestem." Do total de 34 crianças e jovens que a instituição alberga, compareceram todos os que nela ficam ao fim-de-semana. Quando questionado acerca do impacto que a iniciativa teve, Paulo Lages salienta que, apesar da vergonha inicial, os voluntários ajudaram as crianças a sentirem-se confortáveis.

Manuel Pizarro, vereador da Habitação Social na Câmara do Porto, que visitou o Kids Street Store ao início da tarde, salienta que a autarquia "apenas ajudou em alguns aspectos logísticos". E deixa bem claro: "Esta é uma iniciativa da sociedade civil." Considera a ideia positiva, pelo seu carácter inovador: "É um evento muito bonito, porque, além de oferecer às crianças um conjunto de bens de que estas manifestamente precisam, com oportunidade de escolha, ainda os oferece embrulhados num programa de animação construído

com imenso cuidado e carinho."

Já ao final da tarde, Marta Pereira, madrinha no distrito do Porto da instituição Bairro do Amor, mostra-se satisfeita com o resultado: "Acredito que as instituições e as crianças tenham ficado surpreendidas quando cá chegaram, por terem literalmente um loja montada para elas. Havia bens e havia pessoas, só não entrou aqui o dinheiro. Elas entraram à defesa, mas quando faziam o percurso, acabavam por se sentir bem. Conseguiu-se aqui combater o estigma de criança institucionalizada, o que foi a nossa maior conquista."

A ideia inicial desta Street Store dedicada às crianças passava por fazer o evento na rua, como originalmente está concebido. No entanto, alguns constrangimentos fizeram com que a iniciativa fosse adaptada às condições da cidade: "Percebemos que, apesar de haver

muitas crianças a morar na rua, os pais não as levariam [à Street Store], porque poderiam ser identificados pelas CPCJ [comissões de Protecção de Crianças e Jovens]. Adaptámos por isso a Street Store às instituições", refere a madrinha. Das 30 que foram contactadas, dez responderam positivamente ao pedido e será para estas que o material sobranete será redireccionado, bem como para mais duas que se mostraram interessadas em participar apenas na véspera, pelo que já não foi possível à organização incluí-las no evento. Os donativos vieram das mais variadas empresas e houve até algumas surpresas: uma empresa de calçado doou 350 pares de sapatos e uma conhecida marca de roupa 120 peças novas. O projecto foi, segundo Marta Pereira, "90% organizado via redes sociais". **Texto editado por Álvaro Vieira**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO a 29/11/15, pg 24

Notícia XXII

Porto lança campanha para manter limpa uma “casa” que é de todos

Lixo
Joana Guimarães

Durante esta semana decorre no Porto uma campanha para que se trate o lixo na cidade como em casa – no caixote

Uma sala de estar convencional com duas pessoas a limpar, um aspirador, espanador no ar, em plena rua, ao lado do Jardim da Cordoaria – foi assim que ontem foi lançada a campanha *O Porto é a nossa casa – Vamos mantê-la limpa*. O evento, que se vai multiplicar durante a semana noutros pontos da cidade, tem como objectivo sensibilizar os habitantes para as boas práticas no que concerne à deposição e ao tratamento dos resíduos.

A cidade, que vê o turismo a crescer de dia para dia, nem sempre consegue dar resposta às quantidades de lixo que por ela se espalham. Muito parte “do sentido cívico” dos habitantes e visitantes, como sublinha Filipe Araújo, vereador da Inovação e Ambiente: “Para que o Porto seja uma cidade limpa, como o é, há um grande esforço por parte das entidades responsáveis. Queremos agora que a população olhe para a cidade como a sua própria casa, e tenha o mesmo tipo de comportamentos”. Menos cigarros no chão e menos papéis são alguns dos pedidos feitos aos habitantes: “Estamos perfeitamente bem abastecidos de papelões e contentores, pelo que são gestos que não fazem muito sentido”, reitera.

A campanha foi idealizada pela Câmara do Porto, mas os custos foram assegurados pelas empresas responsáveis pela recolha do lixo –

a Recolte e a Suma – e contou ainda com a parceria de A Transformadora, agência que ficou responsável pela dinamização. “As acções vão ser feitas na Praça da Cordoaria na terça-feira [hoje], na estação de metro da Trindade na quarta e quinta, e no fim-de-semana estará na Foz. Tere-



mos vários sets, como um quarto de criança onde esta estará a fazer a separação do lixo”, adianta João Carlos Soares, representante da agência.

Os habitantes receberão também, durante o próximo mês, um panfleto informativo juntamente com a conta

da água, para incentivar as boas práticas. A campanha tem três objectivos: “horários certos”, que incita a que os habitantes apenas depositem o lixo perto da hora de recolha, que ocorre usualmente depois das 20h30; “separação certa”, onde se apela à reciclagem e “deposição certa”, que apela a que os cidadãos depositem o lixo em contentores, não o deixando espalhado pela rua.

Filipe Araújo destaca as iniciativas que a câmara tem vindo a promover para ter uma cidade mais limpa, nomeadamente a disponibilização de uma ecolinha, onde todos poderão relatar situações problemáticas relacionadas com o lixo, ou programas como o *Baixa limpa* e o *Cinco estrelas*, que fazem a recolha directa a estabelecimentos comerciais de forma a não haver excesso de resíduos em zonas turísticas. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO a 1/12/15, pg 15

Notícia XXIII

Coliseu quer continuar a crescer

Porto
Joana Guimarães

Durante o balanço do último ano do espaço, foram vários os apelos a uma maior contribuição de parceiros institucionais

Na conferência de imprensa de ontem, em que se pretendia fazer o balanço do último ano do espaço cultural, dominou o apelo a uma maior colaboração com os parceiros que estão no projecto. Rui Moreira, presidente da Câmara do Porto, salientou o desejo de “conseguir encontrar com o Ministério da Cultura e com a Área Metropolitana do Porto uma forma de colaboração para que o projecto possa crescer”.

Apesar de perceber os constrangimentos a que os parceiros institucionais estão sujeitos, uma vez que as regras não permitem que os parceiros institucionais, ao fazerem parte de determinada associação, contribuam financeiramente para ela, o presidente da câmara salientou que há várias formas de se fazer parte de um projecto, não necessariamente com verbas: “A Área Metropolitana do Porto poderia ajudar o Coliseu trazendo público ao espectáculo, ajudando na programação”, por exemplo.

No evento, que decorreu no palco do Coliseu e onde se assinou também um protocolo de cooperação entre Associação Comercial do Porto e o Coliseu do Porto, o presidente do espaço, Eduardo Paz Barroso, anunciou ainda que a previsão é de que em 2015 a receita com espectáculos de acolhimento tenha tido um aumento de 50%.

O responsável, citado pela Lusa, referiu que em 2015 foram realizados 127 espectáculos, ou seja, houve um aumento de 23% em relação ao período homólogo de 2014 (104 espectáculos). O Coliseu recebeu em 2015 um total de 218 mil espectadores, mais 15% do que em 2014 (188 mil).

Os intervenientes reiteraram a convicção de que o Coliseu é um espaço com potencialidades únicas e que deve servir para acolher eventos variados. Sobre a forma como os parceiros da associação têm agido, Eduardo Paz Barroso afirmou que “o Coliseu não pode servir como barriga de aluguer, é preciso investir”. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO a 2/12/15, pg 13

Notícia XXIV

Palácio do Bolhão é agora cultura e promete mais para o próximo ano

Porto
Joana Guimarães

O espaço que acolheu, há menos de um ano, a sede da ACE/Teatro do Bolhão tem já diversos espectáculos agendados para 2016

O ano ainda não acabou e o Palácio do Bolhão já tem motivos para festejar: desde a sua reabertura no Dia Mundial do Teatro, a 27 de Março, até hoje recebeu já cerca de 14 mil espectadores, o que faz do espaço, património nacional, um marco na cultura do Porto. O objectivo passa agora por reforçar a programação e investir em novas vertentes, de forma a conseguir consolidar o seu lugar no panorama cultural da cidade e a funcionar como uma interligação entre os pequenos e grandes espaços culturais.

Aqui há espaço para produção própria, para espectáculos de acolhimento, para serviço educativo e para exposições. António Capelo, director artístico do ACE (Academia Contemporânea do Espectáculo)/Teatro do Bolhão declara: "Transformar o palácio em cultura foi um sonho concretizado".

Na programação de 2016, com eventos que passam dos clássicos aos contemporâneos, há sempre um sentido de relação com a realidade e a actualidade. Exemplo disso é a encenação de *A vida de Galileu*, onde se pode assistir a um combate contra o fanatismo religioso, por um lado, e ao papel que um cientista tem na sociedade, por outro. Já em *Sud-Express* evoca-se a relação portuguesa com França, pelas ligações migrató-

rias como pelos ideais que se partilham, no que concerne à liberdade e aos direitos humanos. A oferta da programação inclui também *Inquietações*, em que se aborda a marginalidade, a precariedade, num diálogo entre a coreografia e a pintura.

Entre Abril e Julho realiza-se também no local a VAGA – mostra de artes e ideias, aonde alunos e ex-alunos da ACE/Escola de Artes levam diversos projectos. Destaque para a apresentação do Freedom Theatre da Palestina, onde a ex-aluna Micaela Miranda dirige, num campo de refugiados, alunos de teatro. Será assim organizada uma semana com mesas-redondas e exposições de fotografia, em que alguns dos alunos de Micaela deverão estar presentes.

O Palácio do Bolhão receberá ainda diversos espectáculos de acolhimento, cujo calendário não está ainda fechado, mas que conta já com um destaque: Hélder Guimarães, mágico português que reside em Los Angeles, começará a digressão mundial na sua cidade-berço. De salientar ainda o Teatro Portátil, iniciativa educativa onde são apresentadas aos alunos peças que pertencem ao Plano Nacional de Leitura.

E como 2016 é um ano de dupla comemoração – o palácio completa um ano desde a reabertura, a ACE Escola de Artes comemora 25 – haverá também visitas dramatizadas ao edifício.

Na apresentação do programa, António Capelo salientou o papel do novo executivo da câmara na forma como se vive a cultura do Porto e não esconde expectativas quando ao novo Governo: "Acreditamos que se poderão abrir portas para podermos voar de maneira diferente". **Texto editado por Ana Fernandes**



O Palácio do Bolhão foi todo recuperado e é agora um pólo cultural

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO a 5/12/15, pg 13

Notícia XXV

Terminal remete para aeroportos mas afinal vai ficar no coração do Porto

Comércio
Joana Guimarães

Trazer uma loja de aeroporto para o centro da cidade é o objectivo da abertura da nova loja Terminal

Um espaço que se assemelha às lojas que se encontram nos aeroportos, no centro da cidade. É este o conceito de Terminal, que abriu portas no passado dia 4 de Dezembro no Porto Gran Plaza, e cujo objectivo passa por oferecer diversos tipos de serviços a turistas.

Nenhum pormenor foi descurado na construção do novo espaço, onde os visitantes podem fazer compras, comer, recarregar os seus *gadgets* e ainda ter acesso a bilhetes para os transportes públicos da cidade,

para espectáculos e para concertos. Depois de fazerem as suas compras, podem ainda exportar para qualquer lugar do mundo os artigos, para que não tenham que se preocupar com o transporte dos mesmos. Na Terminal, haverá também painéis informativos, actualizados em tempo real com os horários de avião e metro.

O projecto enquadra-se assim numa nova lógica de comércio, que tem como objectivo a oferta de serviços que "vão muito além do conceito tradicional de centro comercial", como se pode ler em comunicado. A organização define esta como "a primeira *international store*" da cidade, o que justifica o investimento de cinco milhões de euros no espaço.

Marcas internacionais que vão desde a electrónica à moda, passando pela decoração e pelos vinhos, prometem uma oferta varia-

da a quem visitar o novo conceito. No espaço Ministry of Port, há uma exposição de vinhos exclusivos da Região Demarcada do Douro, para além da sua venda. A loja RP-Rádio Popular também está representada, bem como lojas de roupa "a preços acessíveis", afirmam em comunicado, e algumas "grifes internacionais". O objectivo passa por abrir, também, uma loja Last Minute, que, como o nome indica, oferecerá aos visitantes a possibilidade de fazer as compras de última hora típicas de um aeroporto – tabaco, bebidas espirituosas ou chocolates fazem parte da lista.

O investimento feito traduziu-se na abertura de um espaço com cerca de 4000m² e na criação de 120 postos de trabalho. A previsão da organização é de que, até ao final do próximo ano, o número de funcionários chegue aos 200. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do PÚBLICO a 8/12/15, pg 13

Notícia XXVI



O objectivo é evitar que sejam cortadas árvores jovens

Guimarães oferece pinheiros aos habitantes

Florestas
Joana Guimarães

Os vimaranenses poderão adquirir uma árvore de Natal natural, fruto das actividades de gestão do povoamento florestal

Os habitantes e as instituições que assim o desejarem, poderão ter gratuitamente pinheiros naturais como adorno de Natal. A iniciativa da Câmara Municipal de Guimarães e do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas pretende preservar o equilíbrio dos ecossistemas.

Os pinheiros oferecidos têm origem nas desramas e desbastes que são periodicamente feitos em matas controladas “como medida de gestão dos povoamentos florestais”, como se pode ler em comunicado. Este controlo é feito como medida de prevenção, para evitar o abate de árvores jovens. A medida contribui assim para o equilíbrio do ecossistema, havendo o cuidado de preservação da natureza e biodiversidade. Estes objectivos fazem parte dos desígnios de Guimarães a capital verde europeia em 2020.

No corte das árvores houve o cuidado de respeitar as regulamentações técnicas. O foco esteve não só na satisfação da procura, mas também na promoção de um uso racional da floresta.

Os interessados nestes pinheiros naturais devem visitar o Horto Municipal, na freguesia da Costa, nos dias úteis, entre as 8h e as 12h, e entre as 13h e as 16h. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição
Porto do PÚBLICO a 11/12/15,
pg 19

Notícia XXVIII



A Torre dos Clérigos comemora hoje um ano desde a sua reabertura

Compras e cultura – o que pode fazer no Porto este fim-de-semana

Lazer
Joana Guimarães

Está no Porto e procura novas coisas para fazer? A cidade tem neste fim-de-semana programas para todos

Um espectáculo de circo, um mercado de Inverno, um mercado de artigos em segunda mão, uma exposição ou um concerto na Torre dos Clérigos. As ofertas são variadas e acontecem este fim-de-semana no Porto, um pouco por todo o lado.

O Mercado de Inverno de Serralves estará aberto das 10h até às 17h, mas se for de manhã poderá participar na oficina *Em torno do pão...*, uma iniciativa em que se ensinarão técnicas ancestrais no processo de fermentação deste alimento tão comum na mesa dos portugueses. O mercado terá vários produtos hortícolas e frutas da época, como já é habitual, a que se juntam iguarias como queijo, biscoitos, compotas ou trufas de chocolate.

O parque de estacionamento Silo Auto recebe hoje mais uma edição do Flea Market Porto, no sexto piso. As vendas do chamado “mercado da pulga” ocorrem entre as 14 e as 19h, e a promessa é de grandes artigos em segunda mão. Nesta edição, junta-se também a Mini Porto Belo, uma iniciativa com o mesmo conceito de venda de artigos usados mas com o foco nos mais pequenos – são eles que vendem e é para eles que vendem. E para dinamizar ainda mais o edifício, ainda poderá assistir, no sétimo piso, ao Jameson Urban Soul, um evento que contará com concer-

tos e DJ. Destaque para a actuação de The Legendary Tigerman. E tudo com entrada gratuita.

Já numa perspectiva mais cultural, a Igreja dos Clérigos está hoje a festejar o seu primeiro aniversário de reabertura ao público. Para o celebrar, a organização oferece concertos e visitas guiadas aos seus visitantes. Os eventos são gratuitos, mas quem pretender participar nas visitas deverá inscrever-se através do [email 250@torredosclerigos.pt](mailto:email250@torredosclerigos.pt). As iniciativas acontecerão tanto dentro da igreja como no exterior, e incluem actuações de vários coros, durante a tarde, e um concerto do saxofonista Henk van Twillert, às 21h30.

É também hoje, pelas 16h, que é inaugurada a exposição *Eugénio de Andrade-José Rodrigues, Retrato de uma amizade*. A iniciativa, que terá lugar na Fábrica Social – Fundação Escultor José Rodrigues, pretende mostrar a vida do poeta, não só através de objectos pessoais, mas também de uma colecção de postais feita pelo escultor José Gonçalves. Também serão divulgados poemas inéditos. A entrada é gratuita.

Se ainda não entrou no espírito natalício, ou se é um amante do circo, poderá também dar um salto ao Coliseu do Porto, que desde ontem recebe a edição de 2015 do Circo do Coliseu. Este evento destaca-se dos tradicionais por não ter animais no seu espectáculo. Nesta edição, poderá encontrar uma trupe de equilibristas do Circo Nacional de Xangai, ver um triplo salto mortal dos trapezistas de The Flying Aces, bem como a tradicional animação de palhaços. As entradas de fim-de-semana custam entre oito e 18 euros. **Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada na edição Porto do
PÚBLICO a 12/12/15, pg 17



Que futuro para as

O antigo está na moda e há quem faça o novo parecer velho. Uma oportunidade para as lojas históricas? Um passeio em Lisboa e no Porto revela sucesso, reinvenção, tristeza. E ameaças

Reportagem Cláudia Carvalho Silva e Joana Guimarães

Por entre milhares de braços, pernas e bonecas – novas e velhas, de pano, porcelana ou plástico – Manuela Cutileiro, herdeira do Hospital das Bonecas, aberto desde 1830 na Praça da Figueira, em Lisboa, diz que tudo corre bem com o seu negócio. “Quando vêm ter connosco, as pessoas procuram uma coisa diferente e uma qualidade diferente”, explica. O sucesso de algumas das lojas antigas de cidades como Lisboa

e Porto, passa justamente por isso: oferecem exclusividade, historicidade e qualidade. O crescimento do turismo é decisivo. Mas há diferenças importantes entre as duas cidades.

No Porto, o negócio tem crescido, as lojas mais tradicionais mantêm-se e o cenário é favorável para quem ali trabalha. Mas em Lisboa há lojas que bambolegam na incerteza. Os motivos são vários: há concorrência por parte das grandes superfícies e das feiras de rua, e há falta de clientes. Mas, em grande parte, são as novas alterações à lei do arrendamento que estão a causar insegurança,

levando alguns estabelecimentos ao encerramento.

Recuperar o antigo

Há lojas centenárias a fechar, mas há ao mesmo tempo novos espaços a abrir, cujo conceito é, justamente, recuperar um gosto antigo e fazer decorações *vintage*. Casos como a mercearia biológica Maria Granel, em Alvalade, assente no conceito tradicional de venda exclusivamente a granel, sem embalagens. Também a gerência do Botequim da Graça quis, desde o início, que o espaço fosse decorado “à moda antiga”, semelhante à decoração que

existia quando era gerido pela poetisa Natália Correia, em 1969. Depois da sua morte, o bar encerrou e foi reaberto em 2010, com gerência de Hugo Costa.

Face à concorrência de outros bares, Hugo Costa, de 34 anos, refere que a solução passa por criar um conjunto de clientes fidelizados. “Este estilo *vintage* hoje em dia não tem muitas ameaças, aliás, é mais fácil que seja antes visto como uma ameaça para os outros”, diz, explicando que a ideia da decoração atrai muita gente ao Botequim. Tem clientes dos 16 aos 70 anos, mas de nada adianta ter um “espaço



lojas do passado?

muito bonito se o serviço for mau". "Apesar de termos um estilo *vintage*, tentamos sempre inovar", conta, considerando que o negócio está bom e que as críticas têm sido positivas.

O aparecimento destes novos negócios que incitam a "reviver o passado" surge da "capacidade de regeneração" das cidades, diz o presidente da Associação de Comerciantes do Porto (ACP), Nuno Camilo. Estes negócios fazem com que se procure "um produto que faça a diferença", o que atrai mais pessoas. É um círculo vicioso que acaba por ser vantajoso para todos: os que

abrem novos negócios e os que, há décadas na cidade, têm como bons vizinhos estes novos comerciantes.

No Porto, algumas lojas mais recentes, como o cabeleireiro K-Urban ou a Central Conservreira, apostam, precisamente, numa decoração que mais não é do que uma viagem a outro tempo, mas onde se garante a qualidade do produto. Estes novos espaços tiveram de lutar pelo seu lugar no mercado, mas têm agora público cativo que não se limita aos moradores portueses.

No caso da Central Conservreira, a sócia-gerente Joana Azevedo defende a selecção de produtos

nacionais, que muitas vezes não se encontram nos hipermercados: "Procuramos novos mercados, com novos designs, mais apelativos, novas marcas."

A escolha da conserva como produto primordial foi uma aposta ganha, mas os sócios da loja não se ficaram por aqui e criaram uma pequena área de restauração, onde os clientes escolhem a conserva que querem e depois a podem comer a quente, com combinações improváveis: "Servimos sardinha com mel ou cavala com compota. Esta área ajudou ao negócio. Por curiosidade, as pessoas aderiram."

A originalidade faz com que sejam uma escolha para os trabalhadores da cidade, que almoçam por lá, e para turistas, que mesmo não repetindo a experiência por estarem de passagem, recomendam a outros que visitam o Porto.

Paulo Guedes, cabeleireiro do K-Urban, também defende que a qualidade é o que mantém os espaços em funcionamento. O salão tem a decoração inspirada na Barbearia Tinoco, que ali começou a funcionar em 1929 e que não pode ser modificada por ser património da cidade, mas a aposta é na modernização

de serviços e nas parcerias.

"Estamos a crescer todos os anos, até conseguimos fidelizar turistas. Temos também parcerias com hotéis, pelo que temos muito público estrangeiro", diz o cabeleireiro.

O negócio vai bem

Em Lisboa, as lojas que têm um carácter exclusivo são das que mais clientes atraem. Um desses casos é a Luvária Ulisses, no Chiado. Será uma das lojas mais pequenas do mundo, com apenas quatro metros quadrados na área do atendimento. Carlos Carvalho, co-proprietário, diz →

Os constrangimentos inerentes aos jornalistas Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

que o que fascina os visitantes é precisamente o facto de ser uma loja minúscula, de ter uma decoração elegante e "o artigo em si, que é a base de tudo".

Todas as luvas são manufacturadas por trabalhadores da Ulisses, num outro espaço em Lisboa, mantendo o mesmo processo de fabricação usado nos anos 1920. "Estamos aqui há 90 anos. Quem resistiu a todo este tempo, com certeza que se vai manter", garante Carlos Carvalho. É verdade que há um século todas as senhoras usavam luvas – mesmo no Verão – e que agora as usam apenas por necessidade, quando está frio. Ou seja, "o mercado nacional passou a ser sazonal e isso sentiu-se no negócio". "Mas no Verão temos os estrangeiros", diz. E assim equilibram as contas.

Também o Hospital das Bonecas se insere na categoria "exclusividade". É dos únicos estabelecimentos deste género no mundo e, para além do restauro de bonecas, também "cura" peluches e objectos de cerâmica. Outro dos serviços é a confecção à medida de trajes de Carnaval tradicionalmente portugueses – ainda que também façam fatos de príncipes e princesas –, uma oferta que gera anualmente "muitas encomendas".

"Já passámos por tantas crises que, mais crise, menos crise, vamos sobrevivendo e o negócio está estável", diz Manuela Cutileiro. "As coisas não vêm aqui parar pelo valor comercial, mas pelo valor afectivo", diz a dona do hospital, que também funciona como museu, o que faz com que receba diariamente visitas de muitos turistas.

No Porto, a Rua Sá de Bandeira é um dos muitos exemplos do poder do comércio na Baixa da cidade. Para além das inúmeras lojas, a artéria é a ligação para muitas outras ruas onde o comércio tradicional está vivo e de boa saúde, e onde a oferta mais moderna encontrou espaço.

Luísa Vilas Boas é sócia-gerente do Bazar Paris há 23 anos, mas o espaço tem mais de 100. A loja, que a princípio vendia outro tipo de produtos, como perfumes vindos de Paris, especializou-se em brinquedos e artigos de colecção: "Acredito que o nosso sucesso vem da oferta de produtos diferenciados, que não se encontram nas grandes superfícies."

António Almeida Reis, dono da Pérola do Bolhão, uma mercearia com 98 anos numa das ruas do mercado, acredita que, no seu caso, a escolha recai muitas vezes na sua mercearia e não noutras porque "pesa a granel" e tem "o bacalhau como especialidade". O comerciante não sentiu a



"Temos de manter a qualidade, aviar bem os clientes, manter os preços de mercado"

crise: "Nunca pensámos em fechar!", exclama. E nem a grande quantidade de mercearias do género à sua volta o demoveu: "Esta zona agora é um sítio de muita passagem, dá para todos!" O aumento dos turistas é visto como uma vantagem. Em 2015, exemplifica, vendeu muito vinho do Porto e café a estrangeiros.

Já se viveram melhores dias

A atracção que estas lojas exercem é fácil de explicar – lá dentro estão bocadinhos da história das cidades, um local onde muitas vezes o interlocutor é alguém que, também ele, tem muitos saberes

para partilhar. "Quando perdemos estas lojas, perdemos também o saber-fazer, porque muitas delas têm associados pequenos ateliers", diz Catarina Portas, fundadora da cadeia de lojas A Vida Portuguesa. "São lojas que marcam as cidades em que se inserem", sublinha Carla Salsinha, presidente da União de Associações do Comércio e Serviços (UACS). Ajudam a definir "o carácter e a personalidade de uma cidade", nas palavras de Catarina Portas. E, no entanto, sucedem-se os casos de encerramento. Porquê? "Indiscutivelmente, a lei do arrendamento", responde

Salsinha. "A maior parte destas lojas são arrendadas." É o caso da papelaria Au Petit Peintre, na Baixa de Lisboa desde que abriu portas, em 1909. "As nossas casas, infelizmente, estão sentenciadas à morte", diz José Dominguez, dono da papelaria mas não do imóvel. "Quando não se é proprietário de uma loja, não se podem criar sonhos porque podem ser destruídos em um ou dois dias." A loja vende tudo o que tem a ver com papelaria, pintura e tipografia. "Se temos gráficos de vendas que vão mal, a pique, não é por falta de coisas para vender", diz, explicando que nota uma

Os constrangimentos inerentes aos jornalistas Retrato de uma editoria Local num jornal nacional



viveu muitos anos do teatro, vendíamos para muitos pontos do país. Actualmente, a loja sobrevive da doença da morte”, explica Israel, referindo-se a doenças oncológicas. “Antigamente vendia-se uma peruca por vaidade, hoje é por necessidade.”

O investimento e a inovação parecem ser o segredo destas lojas, que querem manter-se de pedra e cal na cidade. Na Cabelheiros Cardoso, Israel diz querer “continuar a investir no mesmo ramo, mas noutras tecnologias”: “Temos de acompanhar a evolução, é o que vou continuar a fazer.”

Já Luísa Vilas Boas apostou em manter o produto, mas aumentar a oferta aos clientes: “Quando fiquei na gerência, abri mais uma loja, na Boavista. Há dois anos abrimos a loja *online*, para que mais pessoas consigam chegar até nós.” A aposta acaba por levar o Bazar Paris a todo o país, e parece estar a dar frutos: “Desde o início que teve sucesso, mas neste Natal atingimos todos os picos de vendas.”

O segredo do negócio na Bazar Paris é o mesmo de todas as outras lojas: “É importante que se alle a tradição à modernidade”, defende a gerente. E é por isso que investe sempre em produtos que recordem os velhos tempos: “Continuamos a ter o briquedo tradicional, como o pianinho, o cavalo de baloço, o pião. São artigos modernos, mas que remetem para o antigamente.”

Na Pérola do Bolhão a aposta é na continuidade: “Temos de manter a qualidade, aviar bem os clientes, manter os preços de mercado”, relata o proprietário, que não avista o fim da mercearia: “Espero, pelo menos, chegar aos cem anos [da loja]! Depois, alguém tomará conta.”

Para Paulo Guedes, do K-Urban, o caminho deverá fazer-se sempre focado no cliente: “Na Suiça, onde cresci, há o *label* ‘qualidade suíça’. As pessoas apostam na qualidade e deveríamos todos fazer o mesmo no nosso país.

Apostar menos na embalagem e mais na qualidade do produto ou do serviço. “Já Josana Azevedo, que sentiu alguma relutância quando abriu o negócio – “ainda havia um grande preconceito em relação à conserva” –, acredita que apostar na restauração aliada à mercearia de conservas foi um bom impulso para o negócio, uma vez que serão a única loja na cidade que serve conservas “a quente”.

Sentença de morte?

Voltando a Lisboa, o panorama é muito menos brilhante do que no Norte. O restaurante Palmeira fechou há uns dias, depois de ter sido decretada a venda do edifício em hasta pública e de os novos



Celestino Almeida (pág. 24) trabalha há 52 anos na mercearia Pérola de São Mamede, em Lisboa. O Cabelheiro K-Urban, no Porto (pág. 25), tem a decoração inspirada na Barberia Tinoco. A Cardoso Cabelheiros (pág. 26, em cima) abriu portas em 1906, no Porto. O Botequim da Graça, em Lisboa, está decorado “à moda antiga” e o Hospital das Bonecas mantém-se a funcionar desde 1830 (ambas na pág. 26 em baixo). Nesta página: Luvaria Ulisses, em Lisboa, e a Central Conserveira, no Porto

diferença na procura e acredita que há uma política de medo: “Antes de se comprar alguma coisa, a pessoa tem de pensar três ou quatro vezes.”

Dominguez reconhece que os centros comerciais são importantes para as cidades, mas sublinha a grande diferença no atendimento feito nas grandes superfícies e nas lojas tradicionais. “São precisos contadores de histórias, pessoas que tenham material puro e verdadeiro.” Por exemplo: em 1928, a *Au Petit Peintre*, conta, editou o *Jornal da Mulher*, uma publicação defensora da emancipação da mulher.

Na sua papelaria, chegaram a trabalhar seis pessoas. Hoje, é só ele. José Dominguez é artista plástico e está aqui desde 1963. “Temos dias bons, dias menos bons e dias maus. Hoje, vejo esta parte nobre de Lisboa transformada em feiras”, lamenta. “E as lojas que têm os seus encargos a nível de fisco e de licenças estão sujeitas a uma concorrência desleal.”

Celestino Almeida trabalha há 52 anos na mercearia Pérola de São Mamede, no número 19 da Rua Nova de São Mamede, em Lisboa. “Antes trabalhava aqui eu e a minha mulher, agora sou só

eu. Qualquer dia nem eu, estou a ficar velho.” Tem 83 anos e diz que o negócio está “péssimo”. Explica que as grandes superfícies são uma das razões para o mau negócio. Outra é o aumento da renda: passou de 37 euros para 172. “O futuro está muito incerto, em tudo.” Não sabe se a mercearia conseguirá sobreviver. Para já, salvam-na os “velhinhos”, clientes habituais, e os turistas.

No Porto, apesar de parecer que este tipo de negócios não enfrenta problemas, nem sempre foi assim – a última recessão económica, em 2011, fez baixar os lucros. No entanto, para estes comerciantes,

fechar nunca foi alternativa. Uns reinventaram-se, aproveitando a nova vaga de turismo. O pior é quando os turistas não são compradores, apenas curiosos. “Os turistas só entram para tirar fotografias”, queixa-se Israel Matos, dono da Cardoso Cabelheiros. Um problema que levou a Livraria Lello, um ícone histórico da cidade, a começar a cobrar entradas.

Israel vende perucas, naturais e sintéticas, numa loja que abriu em 1906. Apesar de não ter sentido qualquer efeito da recessão, os motivos pelos quais tal acontece não são os melhores: “Esta loja

Os constrangimentos inerentes aos jornalistas Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

proprietários terem decidido fazer obras no prédio.

Também a loja da fábrica de Sant'Anna, que faz 100 anos este mês, recebeu uma ordem de despejo para que o grupo Visabeira possa avançar com a construção de um hotel no mesmo edifício. Foi apresentada uma contestação pelos dirigentes da loja, daí que ainda se encontrem na Rua do Alecrim, a aguardar resposta.

A Ginjinha sem Rival esteve à beira de fechar para que no edifício nas Portas de Santo António nascesse mais um hotel, o que não chegou a acontecer por intervenção da câmara municipal. "Qualquer dia, vem-se a Lisboa para ver hotéis", ironiza José Dominguez, ao balcão da Au Petit Peintre.

"Há cerca de um ano, ouvimos o presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira, dizer que por ele nunca o histórico café Guarany sairia de onde estava. Em Lisboa, nunca ouvi nenhuma declaração dessas, não há um único sinal público em relação às lojas históricas", diz Catarina Portas. Aliás, sublinha, pelo contrário. O Lojas com História, programa lançado em 2015 pelo município, "está parado".

A fundadora de A Vida Portuguesa integra o conselho consultivo deste programa. Ainda chegaram a ser definidos os critérios de acordo com os quais um estabelecimento emblemático da cidade poderia receber o selo Lojas com História, explica. Era suposto iniciar-se agora o levantamento dos que poderiam receber uma protecção especial, à luz desses critérios. "E estudou-se o que foi feito noutras cidades, porque este problema não existe apenas nas cidades portuguesas. O comércio mudou muito, profundamente", em muitas partes do mundo. "Não vejo, contudo, neste momento, ninguém para continuar esse programa", lamenta Portas.

E, no entanto, as lojas da cidade vivem os efeitos de uma espécie de tempestade perfeita, criada pela conjugação de três factores que, "por si só, seriam positivos", mas que juntos "são uma tragédia": a lei do arrendamento; "o pico de turismo que se vive em Lisboa" e "o interesse de vários fundos de investimento estrangeiros em imobiliário".

Apelos à mudança de lei

No final de Novembro, foi criada pelo movimento Fórum Cidadania Lx uma petição *online* intitulada "Por uma nova alteração à lei do arrendamento, pela salvaguarda das lojas históricas", que tem mais de 850 assinaturas. Face ao "encerramento em avalanche de lojas antigas", são aponta-



Au Petit Peintre, em Lisboa, e o Bazar Paris, no Porto, têm mais de 100 anos

dos como motivos algumas das alterações introduzidas na lei do arrendamento, nomeadamente os "aumentos exorbitantes" das rendas, a não consideração da especificidade dos estabelecimentos comerciais, a denúncia do contrato no caso de haver projectos de remodelação ou restauro nos edifícios em que se inserem as lojas, muitas vezes para fins turísticos.

Assim, é pedido que seja introduzida na lei uma cláusula de salvaguarda específica para estas lojas. Uma moção também apoiada pela União de Associações do Comércio e Serviços, que considera fundamental fazer tudo

para salvar estas memórias vivas das cidades.

"São lojas que estão localizadas nas zonas nobres da cidade e que estão inseridas em prédios que são vendidos para fundos imobiliários com o objectivo de, a maior parte deles, serem transformados em estruturas de hotelaria", explica a presidente da associação, afirmando que as empresas fazem obras profundas e dão ordem de despejo, o que, aliás, "tém todo o direito de fazer, não é uma ilegalidade".

Mas pode ser uma "incoerência", já que faria "todo o sentido se as lojas permanecessem inseridas dentro de um hotel, por exemplo, seria até uma mais-valia", defende Carla Salsinha.

Além das responsabilidades assacadas à lei do arrendamento

e aos apetites imobiliários pelo encerramento das lojas, soma-se a falta de rentabilidade do negócio, mas a presidente da UACS diz que esses serão casos "minoritários".

Salsinha espera que sejam implementados os mecanismos de salvaguarda deste comércio, já definidos – falta a aprovação pela Câmara Municipal de Lisboa. "Enquanto não estiver tudo regularizado, acredito que muitas mais lojas irão fechar ao longo de 2016", afirma, dando como motivo a crescente afluência de turismo na cidade, o que não deixa de ser bom, mas apenas "por um lado". É que, como diz Catarina Portas, é em nome do turismo – nomeadamente da construção de hotéis para o receber – que se deixam as lojas históricas fechar, o que é um contra-senso.

Há quem não veja problemas nas ordens de despejo dadas às lojas históricas, pois estas poderão sempre abrir noutra sítio. Mas Carla Salsinha contrapõe que, com a mudança, perderiam totalmente a sua essência. "Se mudarmos o comércio de tradição da Baixa para Campo de Ourique ou para a Avenida de Roma, não será a mesma coisa", diz, acrescentando que "são também estas lojas que fazem os turistas ir à Baixa, à procura delas". É uma simbiose: as lojas precisam dos turistas e os turistas procuram as lojas.

No Porto, é diferente. Tanto as lojas históricas como as mais

modernas atraem cada vez mais população a uma zona da cidade que sofreu com a descentralização, aquando da abertura de centros comerciais. Hoje, o comércio volta a dar vida à Baixa da cidade e a chamar turistas. O mercado não parece, de todo, saturado, e o presidente da ACP, Nuno Camilo, vê mais possibilidades para diferentes públicos num futuro próximo: "O Porto precisa de dar um salto para o turismo de negócios à escala internacional, começar a receber eventos com pessoas com mais poder de compra." O S. João ou os jogos de futebol a nível internacional são uma forma de atrair mais públicos, considera.

Mas, mesmo agora, o cenário é de optimismo: "Na área do comércio e serviços, fecham duas lojas por dia na zona da Grande Lisboa; na do Grande Porto, abre uma", diz Nuno Camilo. Na sua opinião, há um segredo para este sucesso do Porto: sinergia – toda a cidade se envolve, toda a cidade se empenha.

Mais pessimista está Carla Salsinha: "Acredito que no Porto vá acontecer exactamente a mesma coisa que está a acontecer agora em Lisboa." O problema, defende, tem muito que ver com a pressão turística, "boa para a cidade, mas que tem estas repercussões", nota. "No Porto, esta pressão começou ligeiramente mais tarde." **com A.S. Texto editado por Ana Fernandes**

Notícia publicada nas edições Porto e Lisboa do PÚBLICO a 3/01/16, pg 24-28 (em conjunto com Cláudia Carvalho Silva).

Anexo VI – folha de cálculo de notícias analisadas

DATA	AUTOR	TEMÁTICA	LOCALIZAÇÃO	ESPAÇO
21/set	Patrícia Ferreira	Sociedade	Porto	2 pag
22/set	Patrícia Carvalho	Política	Porto	3/4 pag
22/set	Luísa Pinto	Cultura	Porto	1/4 pag
22/set	Abel Coentrão	Política	Porto	1/2 pag
22/set		Cultura	Braga	1/6 pag
23/set	Abel Coentrão	Política	Porto	1 pag
23/set	Patrícia Carvalho	Política	Porto	2/3 pag
23/set	Clara Viana	Sociedade	Viana do Castelo	1/3 pag
24/set	Marisa Soares	Política	Viana do Castelo	1 pag
24/set	M ^a José Santana	Cultura	Aveiro	1/2 pag
24/set	Abel Coentrão	Cultura	Porto	1/4 pag
25/set	Abel Coentrão	Sociedade	Porto	1 pag
25/set	Margarida Gomes	Cultura	Viseu	2/4 pag
25/set	M ^a José Santana	Cultura	Aveiro	1/4 pag
26/set	Patrícia Carvalho	Política	Porto	2/3 pag
26/set	Abel Coentrão	Sociedade	Porto	1/3 pag
26/set	Joana Guimarães	Cultura	Portugal - Interior	2/3 pag
26/set	Joana Guimarães	Cultura	Porto	1/4 pag
27/set	Abel Coentrão	Sociedade	Porto	1 pag
28/set	Patrícia Carvalho	Cultura	Porto	1/pag
29/set	Abel Coentrão	Política	Porto	1 pag
29/set	LUSA	Sociedade	Leiria	1/2 pag
29/set		Política	Aveiro	1/4 pag
30/set	Patrícia Carvalho	Cultura	Porto	1 pag
30/set	Abel Coentrão	Sociedade	Porto	1/4 pag
01/out	Joana Guimarães	Cultura	Porto	1/5 pag
01/out	Abel Coentrão	Cultura	Porto	2/5 pag
01/out	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	2/5 pag
02/out	Sara Dias Oliveira	Cultura	Aveiro	1 pag
02/out	Joana Guimarães	Cultura	Vila Real	1/2 pag
02/out		Cultura	Porto	1/6 pag
03/out	Joana Guimarães	Sociedade	Porto	1 pag
03/out	Sara Dias Oliveira	Sociedade	Aveiro	2/3 pag
03/out	Patrícia Carvalho	Cultura	Porto	1/3 pag
04/out	Samuel Silva	Sociedade	Braga/Coimbra	1 pag 2/3
05/out	M ^a José Santana	Sociedade	Aveiro	1 pag
06/out	Hugo Morgadinho	Cultura	Porto	1 pag
06/out	LUSA	Cultura	Vila Real	1/3 pag
06/out	Joana Guimarães	Sociedade	Porto	1/3 pag
07/out	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	1 pag
07/out	Joana Guimarães	Sociedade	Porto	2/4 pag
07/out	LUSA	Economia	Porto	1/4 pag

Os constrangimentos inerentes aos jornalistas
Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

08/out	Joana Guimarães	Cultura	Porto	2/3 pag
08/out		Sociedade	Viana do Castelo	1/3 pag
08/out		Sociedade	Coimbra	1/2 pag
08/out		Sociedade	Porto	1/6 pag
09/out	Sandra Rodrigues	Sociedade	Viseu	2/3 pag
09/out	Joana Guimarães	Cultura	Porto	2/4 pag
09/out		Cultura	Porto	1/6 pag
09/out		Sociedade	Portugal - Norte	01/jun
09/out	Patrícia Carvalho	Cultura	Porto	1/3 pag
10/out	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1 pag
10/out	Sara Dias Oliveira	Sociedade	Aveiro	1/3 pag
10/out		Sociedade	Bragança	1/6 pag
10/out		Sociedade	Porto	1/6 pag
11/out	Mariana Duarte	Cultura	Porto	2 pag
12/out	Inês Boaventura	Cultura	Vila Real	1 pag
13/out	Samuel Silva	Sociedade	Braga	1 pag
13/out	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1/3 pag
14/out	Patrícia Carvalho	Cultura	Porto	2/3 pag
14/out	Sara Dias Oliveira	Cultura	Aveiro	1/3 pag
14/out	Marisa Soares	Sociedade	Viana do Castelo	1/3 pag
14/out	Inês Boaventura	Sociedade	Vila Real	2/3 pag
15/out	Joana Guimarães	Cultura	Porto	1 pag
16/out	Joana Guimarães	Cultura	Porto	1 pag
16/out	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1/2 pag
16/out	M ^a José Santana	Cultura	Aveiro	1/4 pag
16/out		Cultura	Portugal - Interior	1/6 pag
16/out		Sociedade	Bragança	1/6 pag
17/out	Sara Dias Oliveira	Cultura	Aveiro	1 pag
17/out	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1/3 pag
17/out	Hugo Morgadinho	Cultura	Porto	1/3 pag
17/out	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	1/3 pag
18/out	M ^a José Santana	Sociedade	Aveiro	1 pag
19/out	Margarida Gomes	Cultura	Porto	1 pag
19/out		Cultura	Portugal - Interior	1/6 pag
19/out	LUSA	Política	Porto	1/2 pag
20/out	Abel Coentrão	Economia	Porto	1 pag
20/out	Luísa Pinto	Sociedade	Porto	1/2 pag
20/out		Sociedade	Porto	1/6 pag
21/out	Sandra Rodrigues	Sociedade	Viseu	2/3 pag
21/out	Joana Guimarães	Sociedade	Porto	1/3 pag
21/out	Patrícia Carvalho	Cultura	Porto	1/2 pag
21/out		Cultura	Porto	1/6 pag
22/out	Samuel Silva	Política	Braga	2 pag
22/out	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	3/4 pag

Os constrangimentos inerentes aos jornalistas
Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

22/out	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1/4 pag
23/out	Sara Dias Oliveira	Política	Aveiro	1 pag
23/out	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	1/5 pag
23/out	Sandra Rodrigues	Sociedade	Viseu	2/5 pag
24/out	José António Cerejo	Sociedade	Lisboa	1 pag 2/5
24/out	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1/5 pag
25/out	Joana Guimarães	Cultura	Porto	2 pag
26/out	Abel Coentrão	Sociedade	Porto	1 pag
27/out	Sara Dias Oliveira	Política	Aveiro	2/3 pag
27/out	Samuel Silva	Política	Braga	1/3 pag
27/out	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	1/2 pag
27/out		Sociedade	Porto	1/6 pag
28/out	Luísa Pinto	Sociedade	Porto	1 pag
28/out	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	1/2 pag
29/out	Angelo Teixeira Marques	Sociedade	Porto	1 pag
29/out	LUSA	Política	Porto	1/2 pag
29/out		Sociedade	Porto	1/6 pag
29/out	José António Cerejo	Sociedade	Lisboa	1/3 pag
30/out	Abel Coentrão	Economia	Porto	1 pag
30/out	Patrícia Carvalho	Política	Porto	2/4 pag
30/out		Sociedade	Porto	1/4 pag
31/out	Abel Coentrão	Sociedade	Porto	2/3 pag
31/out	Abel Coentrão	Sociedade	Porto	1/3 pag
31/out	Patrícia Carvalho	Política	Porto	2/5 pag
31/out		Política	Porto	1/5 pag
01/nov	Sara Dias Oliveira	Política	Aveiro	1 pag
02/nov	Joana Guimarães	Sociedade	Porto	1 pag
03/nov	Sara Dias Oliveira	Política	Aveiro	1/3 pag
03/nov	Margarida Gomes	Sociedade	Porto	2/3 pag
03/nov	Margarida Gomes	Política	Porto	1/3 pag
03/nov		Sociedade	Porto	1/3 pag
04/nov	Abel Coentrão	Política	Porto	1 pag
04/nov		Política	Braga	1/5 pag
05/nov	Margarida Gomes	Política	Porto	1 pag
05/nov	Abel Coentrão	Sociedade	Portugal - Centro	1/3 pag
05/nov	Joana Guimarães	Cultura	Porto	1/3 pag
06/nov	Samuel Silva	Política	Braga	1/3 pag
06/nov	Claudia Carvalho Silva	Sociedade	Portugal	2/3 pag
06/nov	Abel Coentrão	Sociedade	Portugal - Interior	1/3 pag
07/nov	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	1 pag
07/nov	Luísa Pinto	Economia	Porto	1/2 pag
07/nov		Cultura	Porto	1/6 pag
08/nov	M ^a José Santana	Cultura	Aveiro	1 pag

Os constrangimentos inerentes aos jornalistas
Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

09/nov	Joana Guimarães	Cultura	Porto	1 pag
10/nov	Abel Coentrão	Política	Porto	1 pag
10/nov	Samuel Silva	Cultura	Braga	1/3 pag
11/nov	Patrícia Carvalho	Política	Porto	3/4 pag
11/nov	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1/4 pag
11/nov	Samuel Silva	Política	Braga	1/3 pag
11/nov	Joana Guimarães	Cultura	Porto	1/3 pag
12/nov	Samuel Silva	Política	Braga	2/3 pag
12/nov	Margarida Gomes	Política	Porto	1/3 pag
13/nov	Patrícia Carvalho	Cultura	Porto	1 pag
13/nov	Sandra Rodrigues	Cultura	Viseu	1/3 pag
14/nov	Ana Cristina Pereira	Sociedade	Porto	1 pag
14/nov	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1/3 pag
15/nov	Joana Guimarães	Cultura	Porto	1 pag
16/nov	Angelo Teixeira Marques	Sociedade	Porto	1 pag
17/nov	Sara Dias Oliveira	Sociedade	Aveiro	2/3 pag
17/nov	Patrícia Carvalho	Cultura	Porto	1/3 pag
17/nov	LUSA	Sociedade	Vila Real	1/4 pag
18/nov	Samuel Silva	Cultura	Braga	1/3 pag
18/nov	Sara Dias Oliveira	Sociedade	Lisboa	2/3 pag
18/nov	Sandra Rodrigues	Sociedade	Viseu	1/4 pag
19/nov	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1 pag
19/nov		Sociedade	Porto	1/4 pag
20/nov	Abel Coentrão	Política	Porto	2/3 pag
20/nov	Sandra Rodrigues	Política	Viseu	1/3 pag
20/nov	Joana Guimarães	Sociedade	Porto	1/3 pag
20/nov	Patrícia Carvalho	Cultura	Porto	1/3 pag
21/nov	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1 pag ++
21/nov		Cultura	Porto	1/3 pag
21/nov	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	1/3 pag
22/nov	Sara Dias Oliveira	Cultura	Coimbra	2 pag
23/nov	Abel Coentrão	Sociedade	Braga	1 pag
24/nov	Samuel Silva	Sociedade	Braga	1 pag
24/nov	Abel Coentrão	Política	Porto	1/2 pag
25/nov	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1 pag
25/nov	Sara Dias Oliveira	Sociedade	Aveiro	1/3 pag
26/nov	Patrícia Carvalho	Política	Porto	2/3 pag
26/nov	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1/3 pag
26/nov		Cultura	Porto	1/3 pag
27/nov	Abel Coentrão	Política	Porto	1 pag
27/nov	Joana Guimarães	Cultura	Porto	2/3 pag
27/nov	Patrícia Carvalho	Economia	Porto	1/3 pag
28/nov	Sara Dias Oliveira	Cultura	Coimbra	1 pag
28/nov	Sandra Rodrigues	Sociedade	Viseu	1/4 pag

Os constrangimentos inerentes aos jornalistas
Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

28/nov		Política	Porto	1/6 pag
28/nov		Cultura	Porto	1/6 pag
28/nov	Abel Coentrão	Política	Porto	1/2 pag
29/nov	Joana Guimarães	Sociedade	Porto	1 pag
30/nov	Carlos Dias	Cultura	Portugal - Norte	1 pag
01/dez	Abel Coentrão	Política	Porto	1 pag
01/dez		Sociedade	Porto	1/6 pag
01/dez	Joana Guimarães	Sociedade	Porto	1/2 pag
02/dez	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1 pag
02/dez	Abel Coentrão	Política	Porto	2/5 pag
02/dez	Joana Guimarães	Cultura	Porto	1/5 pag
02/dez	LUSA	Sociedade	Coimbra	1/5 pag
03/dez	Abel Coentrão	Política	Porto	1 pag
03/dez		Política	Porto	1/6 pag
03/dez		Sociedade	Viseu	1/6 pag
03/dez	Abel Coentrão	Política	Porto	1/4 pag
03/dez	LUSA	Sociedade	Coimbra	1/4 pag
04/dez	Sara Dias Oliveira	Cultura	Aveiro	3/4 pag
04/dez	Sandra Rodrigues	Cultura	Viseu	1/4 pag
04/dez	Samuel Silva	Política	Braga	1/2 pag
04/dez	Sara Dias Oliveira	Cultura	Porto	1/4 pag
05/dez	Angelo Teixeira Marques	Cultura	Porto	1 pag
05/dez	Abel Coentrão	Política	Porto	2/3 pag
05/dez	Joana Guimarães	Cultura	Porto	1/3 pag
06/dez	Sara Dias Oliveira	Cultura	Aveiro	1 pag
07/dez	Sara Dias Oliveira	Sociedade	Aveiro	1 pag
08/dez	Abel Coentrão	Política	Porto	1 pag
08/dez	Samuel Silva	Política	Braga	1/3 pag
08/dez	Joana Guimarães	Sociedade	Porto	1/3 pag
09/dez	Sara Dias Oliveira	Sociedade	Aveiro	3/4 pag
10/dez	Inês Boaventura	Política	Bragança	1 pag
10/dez	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	2/3 pag
10/dez	Patrícia Carvalho	Política	Porto	1/3 pag
11/dez	Sandra Rodrigues	Sociedade	Viseu	1/3 pag
11/dez	Abel Coentrão	Cultura	Porto	2/3 pag
11/dez	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	2/4 pag
11/dez	Joana Guimarães	Sociedade	Braga	1/4 pag
12/dez	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	2/3 pag
12/dez	Joana Guimarães	Cultura	Porto	1/3 pag
13/dez	Carlos Cipriano	Sociedade	Portugal - Interior	1 pag
14/dez	Abel Coentrão	Economia	Porto	1 pag
15/dez	Abel Coentrão	Política	Porto	1 pag
15/dez	Patrícia Carvalho	Política	Porto	2/3 pag
16/dez	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	1 pag

Os constrangimentos inerentes aos jornalistas
Retrato de uma editoria Local num jornal nacional

16/dez	Samuel Silva	Sociedade	Braga	2/3 pag
16/dez		Política	Porto	1/4 pag
17/dez	Abel Coentrão	Sociedade	Porto	1 pag
17/dez	Samuel Silva	Cultura	Braga	1/4 pag
17/dez	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	1/2 pag
18/dez	Patrícia Carvalho	Sociedade	Porto	1 pag
19/dez	Carlos Cipriano e Abel Coentrão	Economia	Porto	1 pag
19/dez		Sociedade	Porto	1/6 pag
19/dez		Sociedade	Porto	1/6 pag
19/dez	Patrícia Carvalho	Cultura	Aveiro	3/5 pag
19/dez	Abel Coentrão	Cultura	Porto	1/5 pag
20/dez	Sara Dias Oliveira	Sociedade	Portugal - Centro	1 pag
21/dez	Joana Guimarães	Cultura	Braga	1 pag